



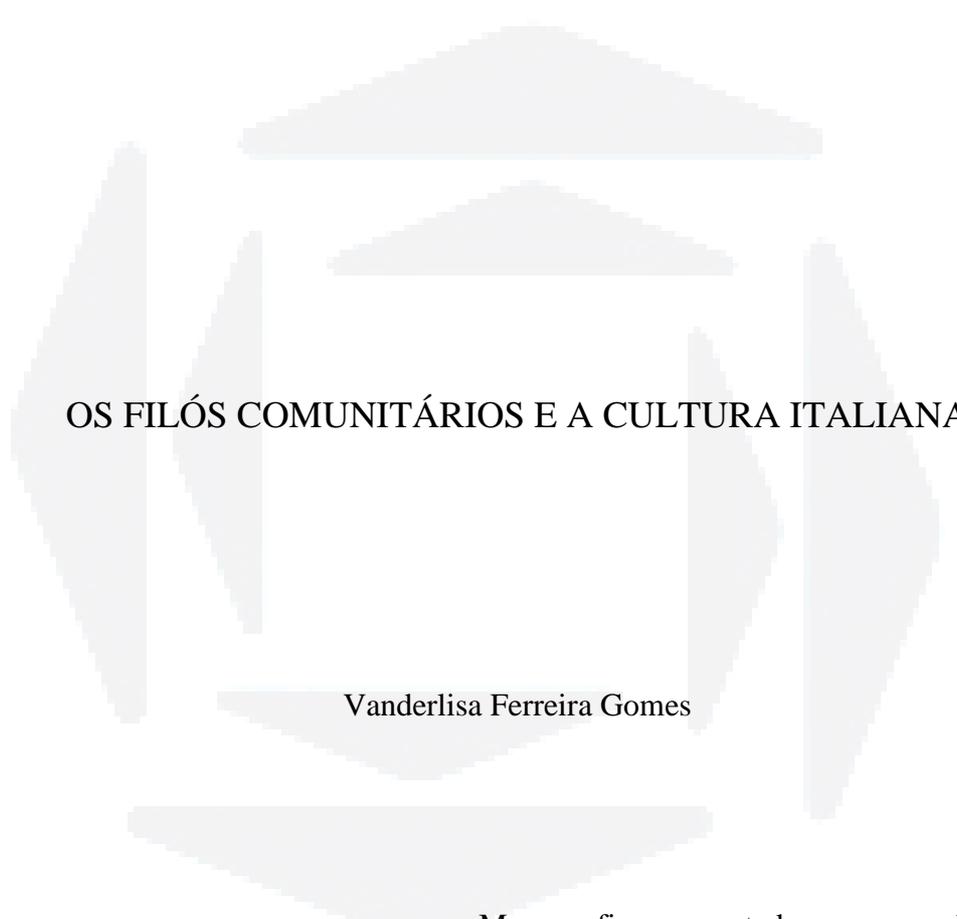
CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E JURÍDICAS  
CURSO DE HISTÓRIA

## OS FILÓS COMUNITÁRIOS E A CULTURA ITALIANA

Vanderlisa Ferreira Gomes

Lajeado, agosto de 2008

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E JURÍDICAS  
CURSO DE HISTÓRIA



OS FILÓS COMUNITÁRIOS E A CULTURA ITALIANA

Vanderlisa Ferreira Gomes

Monografia apresentada no curso de graduação em História, como exigência parcial para a obtenção do título de licenciado em História.  
Orientador: Prof. Dr. Luís Fernando da Silva Laroque.

Lajeado, agosto de 2008



***“O passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história. À relação essencial presente-passado devemos, pois, acrescentar o horizonte do futuro”(Jacques Le Goff).***

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus pela vida e por ter me dado a capacidade e a coragem para realizar este trabalho.

Aos meus queridos pais, Vanderlei (in memoriam) e Zenila, pelo amor, dedicação, exemplo de caráter, perseverança e apoio incondicional em todos os momentos de minha vida. Agradeço também pela ajuda financeira, pois a mesma foi de fundamental importância para minha formação.

A todos os meus familiares e amigos, pelo carinho, compreensão, e por acreditarem no meu esforço.

Ao meu orientador, Professor Doutor Luís Fernando da Silva Laroque, pela enorme paciência em me orientar e sanar as minhas dúvidas, pela dedicação, pela compreensão, pelas importantes dicas concedidas, pelo material emprestado, mas principalmente por acreditar no meu potencial.

A todos os meus professores do curso de História e da Instituição, pelo conhecimento transmitido e compartilhado os quais auxiliaram na minha formação pessoal e profissional.

Aos amigos que fiz ao longo dessa graduação, principalmente aqueles que de uma forma ou de outra tentaram me ajudar, que me fizeram sorrir nos momentos mais difíceis.

Aos depoentes, que dedicaram algumas horas do seu tempo contando as suas vivências em relação ao filó, perpassando informações importantes, enriquecendo dessa forma ainda mais esta pesquisa. A todos eles, o meu muito obrigada!

Enfim, agradeço a todos aqueles que de uma forma ou de outra colaboraram para a realização deste trabalho.

## RESUMO

A cultura representa o modo de viver de cada povo. As danças, tradições, crenças religiosas, hábitos e costumes são expressões culturais de cada grupo étnico. Este estudo tem o intuito de analisar os elementos da cultura italiana através dos filós comunitários, da semana italiana de Encantado e também através da gastronomia, da língua, das canções, entre outros. Teoricamente nos baseamos em autores como Geertz (1978), Santos (1983), Brandão (1986), Barth (1998) e Burke (2003), para análise das fontes documentais e bibliográficas estudadas, mas recorreremos também a metodologia da História Oral através de entrevistas. Este trabalho tem como objetivo focar, a partir de fontes documentais e bibliográficas e da História Oral, a continuidade de elementos da cultura italiana, observando também a prática dos filós comunitários. O estudo está composto de três capítulos: o primeiro ressalta a imigração italiana no Brasil e no Rio Grande do Sul; o segundo, analisa diversos elementos da cultura italiana, através da religião, da língua (dialeto), das canções, da gastronomia e dos jogos; por fim, o terceiro trata especificamente dos filós comunitários entre outros eventos.

**Palavras chaves:** Cultura – Filó – Italianos - História

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>06</b>
<b>1 A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL .....</b>	<b>14</b>
<b>2 ELEMENTOS CULTURAIS ITALIANOS .....</b>	<b>27</b>
<b>2.1 A religião como força de coesão .....</b>	<b>29</b>
<b>2.2 O dialeto como um liame fundamental na vida do imigrante .....</b>	<b>31</b>
<b>2.3 Canções como elementos simbólicos .....</b>	<b>36</b>
<b>2.4 A gastronomia italiana como forma de manter a identidade étnica .....</b>	<b>41</b>
<b>2.5 Jogos como forma de entretenimento .....</b>	<b>45</b>
<b>3 A CONTINUIDADE DA CULTURA ITALIANA ATRAVÉS DOS FILÓS.....</b>	<b>49</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>71</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>75</b>
<b>Documentais .....</b>	<b>75</b>
<b>Bibliográficas .....</b>	<b>77</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>82</b>

## INTRODUÇÃO

Com o advento, principalmente na Europa, do sistema capitalista de produção, processa-se o fim de uma sociedade camponesa e feudal, fazendo com que significativas mudanças passassem a ocorrer na economia e no modo de vida dos homens. A Europa, em fins do século XIX, passou de uma economia ligada ao setor agrário para uma economia industrial. Isso acarretou graves problemas, pois um grande contingente de mão-de-obra destituído da terra passou a formar uma classe de trabalhadores assalariados. O novo sistema foi incapaz de absorver toda a mão-de-obra disponível, o que levou milhares de pessoas ao desespero, à fome e à imigração, especialmente para a América. Os principais países que promoveram e lucraram com a imigração foram a Alemanha e a Itália

No final do século XIX e início do século XX, as mudanças estruturais que ocorriam no mundo ocidental, em decorrência da expansão do capitalismo e das novas formas de produção fizeram com que milhares de europeus se movimentassem em direção a América em busca de uma vida melhor.

A situação da Europa e da América diferia muito em relação à mão-de-obra, pois havia uma grande abundância da mesma na Europa e uma carência crônica na América, isso possibilitou que entre 1875 a 1914, mais de 40 milhões de pessoas, em busca de trabalho no outro lado do oceano, deixassem o Velho Continente. Podemos afirmar que a entrada em massa de imigrantes italianos no Brasil e mais especificamente no Rio Grande do Sul, ocorreu dentro das grandes transformações sócio-econômicas, que o sistema capitalista de produção provocou no Ocidente europeu durante o século XIX.

Apesar disso, o Brasil ainda defrontava-se com dois tipos de problemas a serem resolvidos: de um lado prover a mão-de-obra que se fazia necessária para substituir a escrava na lavoura cafeeira, no estado de São Paulo, que cada vez mais se expandia, passando o café a ser o principal produto brasileiro de exportação. De outro lado, a urgência de uma colonização eficaz para o povoamento de diversas áreas e recuperação da agricultura em regiões que se encontravam improdutivas, principalmente no Sul do país. Para ambas as questões, via-se a solução no imigrante europeu.

A imigração europeia no Brasil, para atender as exigências históricas do capitalismo, dão aos italianos duas direções diferentes em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Em São Paulo, a imigração visa solucionar o problema da escassez de mão-de-obra nas lavouras cafeeiras, gerado pela abolição da escravatura. Já no Rio Grande do Sul, ela não era vista como solução alternativa para aqueles cuja produção se baseava no trabalho escravo, mas destinava-se a sanar as dificuldades inerentes a particularidade da situação da economia rio-grandense no contexto da economia nacional.

No Rio Grande do Sul, em 1875, tem início a última etapa do povoamento no século XIX, com a chegada das primeiras levas de imigrantes italianos. Estes vão se localizar nas terras devolutas do Império, situadas na encosta superior do Planalto. A vinda dos imigrantes italianos fazia parte da política de imigração e colonização do Governo Imperial.

Quando os imigrantes italianos chegaram ao Rio Grande do Sul, boa parte da encosta do planalto já estava ocupado pelos imigrantes alemães, que chegaram aproximadamente em 1824. Aos italianos caberia a zona das matas, extensas áreas de terras devolutas, que haviam sido deixadas de lado pelos portugueses, mais interessados na criação do gado, esta região destinada aos imigrantes italianos estava situada estrategicamente entre a região dos Campos de Cima da Serra, onde habitavam os descendentes de portugueses dedicados a pecuária, a Depressão Central, onde se localizavam os alemães, e a zona da Campanha. Terras essas acidentadas e de muitos morros.

A região colonial que foi destinada aos italianos, estava situada na encosta superior do Planalto, entre os vales do rio Caí, do rio das Antas e as colônias alemãs localizadas no que se chamava Baixo Taquari na época. Sobre este assunto Olívio Manfroi aponta:

As colônias italianas do Rio Grande do Sul foram estabelecidas na Encosta da Serra, ao norte das colônias alemãs de São Sebastião do Caí, Montenegro, Estrela e Lajeado. A serra, palavra que designava a orla meridional do planalto, foi o território oferecido aos imigrantes italianos. A densidade da floresta subtropical, os profundos vales, a falta de estradas tornavam essa região hostil e de difícil exploração (Manfroi, 2001, p.61).

A vinda dos imigrantes italianos provocou mudanças significativas no perfil da sociedade brasileira, pois os mesmos contribuíram de forma decisiva para o processo de crescimento e diversificação da economia e da bagagem cultural que trouxeram. Com a imigração italiana no Estado, um novo mundo e uma nova cultura se instalam nas terras antes dominadas por um primeiro grupo de pessoas chamadas de rio-grandenses.

O objetivo geral do estudo visa analisar e compreender, a partir de fontes bibliográficas, documentais e da História Oral, elementos da cultura italiana, seja através da prática dos filós comunitários, em municípios como Encantado e Doutor Ricardo, seja através de outros eventos, tais como a Semana Italiana no município de Encantado, o Espetáculo da Imigração Italiana, o Encontro de Língua e Cultura Italiana do Vale do Taquari e o Encontro Regional de Danças Folclóricas Italianas que acontecem no município de Doutor Ricardo ou então dos diversos costumes dos descendentes. Dentre os objetivos específicos, pretendemos: a) Identificar vários elementos que compõem a cultura italiana; b) Perceber os filós e os outros eventos como uma das formas de comunicação e entretenimento entre as famílias; c) Demonstrar que os filós comunitários possibilitam ou não aos jovens conhecerem a cultura de seus antepassados; d) Analisar e comparar os depoimentos sobre os filós.

O tema proposto tem como recorte temporal o final do século XIX e início do século XXI, mais especificamente dos anos de 1875 a 2002. O marco de 1875 porque foi a data que os primeiros imigrantes italianos chegaram ao Brasil e, mais especificamente, ao Rio Grande do Sul. Já o ano de 2002, deve-se pelo fato do município de Encantado ter instituído uma data específica para se realizar o filó. Até 2001, permanecia o filó em forma de visitas a vizinhos, mas a partir do ano seguinte, passou a ser realizado uma vez por ano o filó comunitário. Neste sentido, em 2003 foi assinada uma lei que instituiu uma noite específica para a realização do filó comunitário no município.

Visando analisar e entender a cultura italiana, levanto como problemática as seguintes questões: Há uma continuidade da cultura italiana? Quais os elementos que indicam essa

continuidade? É possível afirmarmos que os Filós são um indicativo de continuidade da cultura italiana? Quais os tipos de filós que existiam e/ou existem?

Relativo as problematizações apresentadas para a pesquisa, às hipóteses levantadas são: a primeira delas é que a cultura italiana teve uma continuidade no Brasil, mantendo-se exatamente como ocorria na Itália, inclusive com os mesmos tipos de filós. Quanto à segunda hipótese, dizemos que a cultura italiana é mantida, mas reatualizou-se através de elementos novos no Brasil e não se repete da maneira como ocorria na Itália. Isto é o que também acontece com os filós.

Este trabalho ao estudar os valores, as tradições dos antepassados italianos, os elementos da cultura material mais significativos ainda presentes nas comunidades visitadas e efetuar, ao menos em parte, uma pesquisa sobre os filós, pretende contribuir para ampliar o conhecimento sobre o tema. Também dará voz àquelas pessoas mais idosas, para que relatem as suas experiências culturais.

Tratando-se dos filós, constata-se que a bibliografia existente é extremamente escassa. Devido a tudo isso e pelo fato de não haver trabalho escrito que contemple somente os filós e muito menos baseado em depoimentos orais, encontram-se as justificativas para esta pesquisa.

Como base teórica para a análise e discussão dos dados relativos a temática em estudo, nós utilizamos autores que tratam da cultura, para que a partir deles possamos refletir sobre o assunto desta monografia.

Neste sentido apontamos inicialmente a obra de Clifford Geertz “A interpretação das Culturas” (1978), a qual faz uma análise do conceito do que é cultura. O autor destaca que a cultura não é homogênea e que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu. Em vista disso, entende a cultura como sendo uma teia de significados. Neste sentido, analisando a cultura não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, a procura de significado.

Outro trabalho é de José Luiz dos Santos, intitulado “O que é cultura” (1983), onde destaca que é através da cultura que passamos a entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos, as suas relações no presente, bem como as perspectivas de futuro e que o

desenvolvimento da humanidade está marcado pelo contato entre diferentes culturas. José Luiz dos Santos afirma que não há superioridade ou inferioridade entre as culturas e que também não há nenhuma lei provando que as características de uma cultura sejam superior a de outra.

Carlos Rodrigues Brandão, na obra “Identidade & Etnia: Construção da pessoa e resistência cultural” (1986), aborda que o diferente é o “Outro” e o reconhecimento dessa diferença é a consciência da alteridade. O “Outro” é um diferente e por isso atrai e atemoriza, sendo preciso domá-lo (neste caso referindo-se aos indígenas).

O trabalho de Fredrik Barth, intitulado “Grupos étnicos e suas fronteiras” (1998), critica que o isolamento geográfico e social tenha sido um dos fatores críticos para a sustentação da identidade cultural. Barth também destaca que as diferenças culturais permanecem apesar do contato interétnico e das fronteiras geográficas.

Outro trabalho importante é de Peter Burke, “Hibridismo cultural”(2003), o qual apresenta a cultura como híbrida, ou seja, que todas elas estão envolvidas entre si, sendo que nenhuma é única e pura, onde os encontros culturais produzem formas novas. Nenhuma cultura é uma ilha, pois todas as tradições culturais estão em contato mais ou menos direto uma com as outras.

Para elaboração desta pesquisa recorreremos a fontes documentais e bibliográficas. Relacionado às fontes documentais destacamos as entrevistas realizadas entre setembro de 2007 e fevereiro de 2008 nos municípios de Encantado e Doutor Ricardo, a Lei nº 2.360/2003, de 16 de julho de 2003, que instituiu a “Noite do Filó” no município de Encantado, as fotografias e as reportagens dos jornais de Encantado e Lajeado, tudo isso levando em consideração o período estudado. Dentre as fontes bibliográficas apontamos inicialmente o estudo “RS: Imigração e Colonização” (1980), onde há textos de vários autores. Dentre eles, Loraine Slomp Giron escreve especificamente sobre a Imigração italiana no “RS: Fatores determinantes”. Neste texto, Loraine analisa a expansão do capitalismo pelo mundo, atingindo inclusive o Brasil. Ela destaca a situação da Itália e porque os italianos vieram para o Brasil. A autora também salienta como estava a situação econômica do Brasil e qual a política adotada para a imigração. Analisa também a diferença entre imigração e colonização.

Outro trabalho é o de Luís Alberto De Boni e Rovílio Costa “Os italianos do Rio Grande do Sul” (1982). Esse estudo destaca o porque houve a imigração italiana e como ela ocorreu no Brasil e no Rio Grande do Sul, relatando também a história que ninguém conta sobre o sofrimento dos italianos até chegar no Brasil e o estabelecimento dos mesmos no território. Os autores dedicam-se ainda ao estudo das tradições e costumes. Há uma parte sobre o que eram os filós e que trabalhos artesanais as mulheres faziam.

Temos também o livro de Rovílio Costa, intitulado “Imigração Italiana no Rio Grande do Sul” (1986), no qual o autor lança mão, além de algumas fontes bibliográficas, da História Oral, através de depoimentos de descendentes de italianos que viviam na Colônia de Alfredo Chaves. Em primeiro lugar, Rovílio Costa apresenta um apanhado geral sobre a imigração italiana no Brasil e no Rio Grande do Sul. Logo após, com base nos relatos, o autor aborda a constituição familiar, a religião, alimentação, costumes, namoros e casamentos. Na parte dos costumes, Rovílio Costa destaca em algumas linhas, informações sobre o filó.

Ângelo Trento, no livro “Do outro lado do Atlântico: um século de Imigração Italiana no Brasil” (1989), aborda a imigração retrocedendo a fins do século XVIII e início do século XIX, destacando o que estava ocorrendo na Itália e no Brasil e as motivações que levaram o grupo étnico italiano a atravessar o Atlântico. Em um dos capítulos, Ângelo Trento aborda a questão da imigração italiana nos estados sulinos, ou seja, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, destacando que para o Rio Grande do Sul vieram o maior número de italianos.

Stella Borges, em seu livro “Italianos: Porto Alegre e trabalho” (1993), aborda essencialmente os imigrantes italianos em Porto Alegre. Destaca inicialmente porque ocorreu a imigração italiana, as tensões sociais na Itália, a imigração italiana no Brasil e especialmente no Rio Grande do Sul e, por fim, analisa a presença de italianos em Porto Alegre.

Outro trabalho sobre a imigração italiana é de Luiza Horn Iotti, intitulado “O olhar do poder: a imigração italiana no Rio Grande do Sul de 1875 a 1914, através dos relatos consulares” (1996), que aborda principalmente o papel decisivo que o capitalismo europeu teve na imigração italiana e o que os cônsules escreveram sobre a colonização italiana no Rio Grande do Sul.

Alice Gasparin, na obra “Lembranças da colônia” (2000), enfatiza que os filós faziam parte de algumas famílias que vieram da Itália e passaram a residir em Nova Vicenza e Caxias do Sul. A autora já com noventa e três anos escreveu as suas memórias na língua portuguesa e também italiana, enfatizando o cotidiano das duas comunidades em questão. A autora ainda relata sobre o filó, citando até mesmo uma outra nomenclatura sobre ele, que é o “serão”.

Outro trabalho importante sobre a colonização italiana é de Olívio Manfroi, intitulado “A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais” (2001), que relata como foi a colonização italiana no sul do país no período de 1875 a 1914, destacando acontecimentos na época imperial e republicana.

Cleci Eulália Favaro, no livro intitulado, “Imagens Femininas: contradições, ambivalências, violências” (2002), relata a saga das mulheres na Itália e no Brasil, recorrendo a depoimentos orais. Esta obra enfoca a submissão da mulher italiana ao homem e a sogra. Destaca que a mulher não tinha um lugar na sociedade, pois a mesma era inteiramente machista. O papel da mulher era ser dona de casa, mãe e esposa, ou seja, uma espécie de escrava do homem. A obra é significativa porque através dela entende-se como a história pode ser contada e reconstruída através de depoimentos orais.

Metodologicamente para a elaboração deste estudo utilizamos pesquisa bibliográfica, documental e também a metodologia de História Oral. Tratando-se desta última é importante destacar que na atualidade a História Oral vem se destacando no meio acadêmico, através de encontros, simpósios e projetos de pesquisa.

A pesquisa bibliográfica e documental consistiu em leituras, fichamentos e análise dos dados coletados sobre o tema. Relativo a pesquisa em fontes orais a investigação utilizou fundamentalmente, um gravador para a realização de entrevistas, a transcrição desta e a análise de dados.

A estrutura do texto está dividida em três capítulos. Sendo que o primeiro capítulo “A Imigração italiana no Brasil”, apresenta um pequeno histórico da imigração italiana no país e mais especificamente no Rio Grande do Sul, destacando que o capitalismo foi o grande responsável por milhares de pessoas cruzassem o oceano em direção a América. Este mesmo capítulo aborda que a imigração européia no Brasil, para atender as exigências históricas do

capitalismo, deu a imigração duas direções diferentes: para São Paulo e para o Rio Grande do Sul, conseqüentemente em São Paulo temos a imigração e no Rio Grande do Sul a colonização.

O segundo “Elementos culturais italianos”, aborda as contribuições que os italianos trouxeram para o Brasil, em particular ao Rio Grande do Sul, as quais deixaram raízes em seus descendentes. Destaca elementos culturais percebíveis através da religião, da gastronomia, da língua, das canções e dos jogos. Demonstra ainda que a cultura italiana se reatualizou, agregando elementos de outras culturas, mas sem deixar de ser uma cultura italiana.

O terceiro capítulo “A continuidade da cultura italiana através dos filós”, analisa as entrevistas realizadas, constatando que a cultura italiana tem uma continuidade e os filós são uma destas possibilidades. Este capítulo demonstra também uma continuidade da cultura italiana através da Semana Italiana de Encantado e alguns eventos que também ocorrem no município de Doutor Ricardo, como, por exemplo, o Espetáculo da Imigração Italiana, o Encontro de Língua e Cultura Italiana do Vale do Taquari e o Encontro Regional de Danças Folclóricas Italianas.

## 1 A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL

Com o advento do sistema capitalista na Europa ocorreram, mudanças significativas na economia e no modo de vida dos homens, pois o novo sistema capitalista enseja a urbanização e com ela a proletarização<sup>1</sup>. Processa-se o fim de uma sociedade camponesa e feudal. A Europa passa de uma economia ligada ao setor agrário para uma economia industrial. Neste contexto, grande contingente de mão-de-obra destituído da terra compõem uma classe de trabalhadores assalariados. O novo sistema é incapaz de absorver toda a mão-de-obra disponível, o que leva muitas pessoas ao desespero, a fome e a emigração, especialmente para a América.

Conforme Luiza Horn Iotti (1996, p. 26) “o fenômeno migratório ocorrido no século XIX ao século XX está ligado diretamente à expansão do capitalismo europeu e as transformações das estruturas políticas, econômicas, sociais, vigentes na Europa e no Brasil, herdadas de um período anterior que era, na Europa, feudalismo e, no Brasil, escravatura”.

Segundo a análise da autora, o fenômeno migratório que, no final do século XIX e início do século XX, movimentou milhares de europeus em direção a América, vinculou-se as mudanças estruturais que ocorriam no mundo ocidental, em decorrência da expansão do capitalismo e as novas formas de produção que então serão adotadas.

---

<sup>1</sup>Ação de reduzir uma categoria de produtores independentes (agricultores, artesãos, comerciantes e outros) à necessidade de pôr sua força de trabalho à disposição dos proprietários dos meios de produção.

A entrada em massa de imigrantes italianos no Brasil e mais especificamente no Rio Grande do Sul, ocorreu dentro das grandes transformações sócio-econômicas, que o sistema capitalista de produção provocou no Ocidente europeu durante o século XIX. A abundância de mão-de-obra na Europa e a carência crônica da mesma na América, fizeram com que entre 1875 a 1914, mais de 40 milhões de pessoas, em busca de trabalho no outro lado do oceano, deixassem o Velho Continente. Sobre este assunto, Loraine Giron discorre:

O fenômeno migratório, que caracteriza o final do século XIX e início do século XX, que vai deslocar apreciável contingente humano da Europa para a América, não é um fato isolado. Está associado às transformações sociais, políticas e econômicas que ocorrem no mundo ocidental, em decorrência da expansão do capitalismo, e as novas formas de produção que serão adotadas. Neste contexto insere-se a imigração italiana (Giron, 1977, p. 47).

O capitalismo foi impondo aos poucos suas estruturas por todo o mundo, não admitindo a escravidão, porque esta não forma um mercado consumidor. Ele recusa também o domínio físico sobre a pessoa do trabalhador, atendo-se apenas a compra da força de trabalho.

Conforme Sandra Jatahy Pesavento (1982, p. 45), “a vinda de imigrantes estrangeiros para o Brasil no século XIX é um movimento que se insere no processo mais amplo da expansão do capitalismo a nível mundial”.

Sabe-se que o capitalismo foi um dos grandes responsáveis pelo enorme contingente de imigrantes que deixaram a Itália rumo ao Brasil, mas a intensa propaganda também auxiliou nesse processo. Sobre este assunto, Cleci Eulália Favaro enfatiza:

Impossível ignorar a intensa propaganda desenvolvida pelos governos interessados na imigração e, em vários momentos, pelo próprio governo italiano, propaganda que certamente alimentava o imaginário coletivo com visões fantásticas do *país da fartura*, onde além de frutos, moedas de ouro brotavam das árvores. Embora a realidade tivesse golpeado a imaginação, os imigrantes tiveram como alternativa lutar pela sobrevivência ou morrer. No entanto, a medida que os problemas encontravam solução, renascia no ideário do grupo a antiga expectativa do sucesso material e social (Favaro, 2006, p. 314).

Percebe-se claramente, a partir disso, que a propaganda feita na Itália foi de suma importância, para que milhares de pessoas cruzassem o oceano em direção a América, mais especificamente ao Brasil. Prometia-se uma terra de sonhos, riquezas e muita fartura, onde em pouco tempo eles enriqueceriam. Essa propaganda alimentava o imaginário de milhares de

italianos pobres e sem terra. Mas chegando ao Brasil, a dura realidade que os esperava, acabou por mostrar que tudo não passava de fantasia e propaganda enganosa.

Constata-se que foi o capitalismo o grande responsável pela emigração européia para o Brasil, visto que, “(...) foi o capitalismo, aliás, que provocou a emigração européia e os pobres que partiram sofreram em sua carne toda a brutalidade de um sistema que mede a pessoa pelo lucro que dela possa advir” (De Boni, 1982, p. 102).

Toda a história da colonização européia no século XIX é uma história mesclada de um caráter revolucionário e de uma luta contra a abolição do tráfico e, após, da própria escravidão. A abolição do tráfico negro, principal fonte de alimentação da escravidão, coincidiu com o início da grande expansão cafeeira no século XIX.

Segundo Loraine Giron (1977, p.55), “é, portanto, na substituição da mão-de-obra servil pela mão-de-obra européia e branca, vinculada ao racismo que dominava o período, bem como na política de colonização, que serão encontrados os principais fatores que determinaram a imigração européia”.

No caso da Itália (veja ANEXO 1), a imigração vinculou-se, inicialmente, ao descarte da população pobre, que passou a ser expulsa do processo produtivo, em função do desenvolvimento de relações capitalistas de produção, efetivado pelo recém-instaurado Estado unitário. O governo italiano pouco se importou com a emigração, muito pelo contrário, sentia-se satisfeito, pois assim aumentava seus privilégios e exportava boa parte da mão-de-obra desqualificada e desempregada. A Itália foi um país fornecedor de mão-de-obra barata em fins do século XIX, por suas condições sociopolíticas e econômicas.

Nota-se evidentemente que, os agricultores imigrantes desconheciam completamente o interesse do Brasil a seu respeito. Os imigrantes nunca imaginaram o sofrimento que os esperava por aqui, pois ao invés de encontrarem a fartura, eles encontraram sofrimento, abandono e dor. A grande maioria dos italianos, ao chegar a América, não viu o fim do seu sofrimento, mas o aumento das privações, pois ao se apresentarem como trabalhadores, viam-se tratados por interesses de quem procurava apenas braços para o trabalho, se vinham como colonos, esperavam-nos as matas virgens e muitas vezes densamente fechadas, onde o desamparo e a solidão eram uma constante.

Os imigrantes que vinham para a província do Rio Grande do Sul desconheciam até mesmo a localização geográfica daquela região, situada no Extremo Sul do Brasil. Os propagadores da imigração italiana nada informavam a respeito dos territórios em que iriam ser assentados, porque eles também não conheciam as províncias do Sul do Brasil.

No momento em que a Itália alcançara sua unidade política e que o povo se preparavam para colher os frutos da independência e da liberdade, o movimento migratório tomou proporções gigantescas. Olívio Manfroi destaca:

A realidade social e econômica do Jovem Reino revelou-se totalmente contrária aos ideais da Unificação. Esperava-se o progresso, o bem-estar, o gozo de todas as liberdades, mas foi a pobreza de um Estado sem recursos, a miséria dos agricultores sem terras e sem trabalho, a hemorragia nacional da emigração que chegara (Manfroi, 2001, p. 79).

Passando de uma economia agrária para a industrial, também a Itália viu transformar-se a sociedade, diante de um processo de urbanização, com a conseqüente proletarização de numerosos contingentes de camponeses emigrados para as cidades, mão-de-obra que, destituída do trabalho na terra, passa a compor uma massa de assalariados urbanos. Aqueles que, por razões as mais diversas, não eram absorvidos nas engrenagens da produção industrial tornavam-se vítimas da marginalização social, constituindo o grande manancial imigratório para outras áreas européias ou para outros continentes, inclusive o Brasil.

Segundo Luiza H. Iotti (1996, p. 113) “a imigração tem suas raízes fundadas no processo de implantação do capitalismo na Itália. Por um lado, foram objetos e, por outro, atuaram como sujeitos deste processo”.

Conforme observamos, o movimento que resultou na grande imigração italiana a partir de 1875, foi, acima de tudo, o resultado da ação de um Estado liberal rumo ao desenvolvimento de relações capitalistas, que expulsou milhares de italianos de suas terras, levando-os ao empobrecimento, facilitando dessa maneira a imigração.

As populações imigraram da Europa pressionadas pela expansão das relações capitalistas de produção que, na agricultura, expropriou camponeses e, nas cidades, explorou os artesãos. Na Itália, esse fenômeno ocorreu porque a indústria não conseguiu absorver a

superpopulação de desempregados que se tornou cada maior, sendo que a única alternativa era promover a emigração.

Porém, sabemos que o movimento migratório ocorrido a partir do século XIX, responsável pelo deslocamento de uma parcela considerável da população européia para a América, não foi um fato isolado ou exclusivamente italiano. Foi um fenômeno que esteve no bojo das grandes transformações históricas ocasionadas pelo capitalismo comandado pela Inglaterra.

Na Itália, a emigração prolongou-se por um período de tempo maior que nos demais Estados europeus, registrando cifras expressivas que o apontam como um dos maiores exportadores de mão-de-obra barata no século XIX. Sendo que, este processo contribuiu para o equilíbrio socioeconômico da Itália, reduzindo consideravelmente o excedente populacional.

Aproximadamente um milhão de italianos estabeleceram-se no Brasil em vinte e cinco anos. A Itália lutara vários anos pela independência e unificação e não tinha condições para dar pão e trabalho a seus cidadãos. Na ânsia de encontrar terras abundantes e férteis, os imigrantes italianos dirigiram-se ao Brasil. O Brasil colocava-se assim, em terceiro lugar no fluxo incessante da imigração italiana entre a década de 1880 e a Primeira Guerra Mundial, depois dos EUA e da Argentina.

Após a Independência do Brasil, ocorrida em 1822, houve um processo gradual e lento da abolição da escravatura, através de diversas leis abolicionistas, sendo que a primeira delas começa, em 1831, com a proibição do tráfico negreiro, seguido da Lei de Bill Aberdeen que foi assinada, em 1845, pelo Parlamento inglês e dava a marinha inglesa o direito de prender navios negreiros e julgar os infratores em seus tribunais. Pela Bill de Aberdeen a esquadra inglesa interceptou navios negreiros, invadiu portos para aprisioná-los e exerceu um policiamento ostensivo em toda a costa brasileira. Já em 1850, foi assinada a Lei Eusébio de Queiroz que extinguiu o tráfico de escravos. Com isso, em poucos anos o tráfico negreiro acabou (De Boni e Costa, 1982, p. 28 a 29).

Foi a Lei 581, de 4 de setembro de 1850, que determinou a criminalização do tráfico e da entrada de escravos no Brasil. Sendo assim, a prática comercial de importar seres humanos

para a venda se torna crime. O comércio que antes era legal, torna-se ilegal. Os escravos que já estavam no Brasil poderiam ser vendidos de um estado a outro somente.

O fim do sistema escravista levaria a adoção de uma nova política de terras, consubstanciada na legislação adotada a partir da promulgação da Lei 601, de 18 de setembro de 1850, que se torna conhecida como a Lei de Terras<sup>2</sup>. Em 1854, decreto nº 1.318, definiu a forma de demarcação das colônias, cujas medidas eram, da maior para a menor, a légua, os travessões e os lotes.

A partir do fim dos anos de 1860, o movimento abolicionista fará ouvir a sua voz e, em 1871, será aprovada a Lei do Ventre Livre, que garantia a liberdade aos filhos nascidos de mãe escrava, mas só ao alcançarem a maioridade. Entretanto, até 1892, essa lei não teve nenhum significado prático.

Segundo Olívio Manfroi (1979, p. 188), “a partir de 1871 o Governo vai, após a Lei do Ventre Livre, iniciar uma nova campanha para trazer imigrantes europeus ao Brasil. E é nesse contexto político e econômico que foram fundadas as colônias italianas no Rio Grande do Sul”.

A Lei do Sexagenário, assinada em 1885, dava liberdade aos escravos com mais de sessenta e cinco anos de idade. Em 13 de maio de 1888, finalmente foi sancionada a Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel, que dava liberdade a todos os escravos negros do Brasil, criando a partir disso, uma séria deficiência de mão-de-obra para trabalhar nas fazendas de café. Foi neste contexto que começaram a chegar ao Brasil os primeiros imigrantes europeus. Dentre eles, a partir de 1875, é que temos os italianos. O autor Ângelo Trento destaca:

De fato, a abolição da escravatura não foi tanto – ou não foi apenas – fruto de uma campanha humanitária, como o resultado da mudança de atitude dos proprietários fundiários em relação ao problema de mão-de-obra [...] o regime de trabalho servil entrara numa fase de desarticulação [...] Os proprietários das novas áreas integradas ao cultivo, sem escravos adicionais a destinar para as fazendas em formação, que pressionarão em favor da introdução de imigrantes e que colocarão obstáculos para o tráfico interprovincial de mão-de-obra negra (Trento, 1988, p. 22 - 23).

---

<sup>2</sup>Essa Lei dispõe, a partir da sua promulgação, que as terras só podem ser adquiridas através da compra. Isso era uma maneira de evitar que escravos se tornassem proprietários de terras (Giron, 1980, p. 53).

A conjuntura histórica da entrada dos imigrantes italianos foi conturbada, pois ainda vigorava o regime escravocrata. O governo imperial estimulou a vinda de imigrantes italianos para o país, embora esse possuísse enorme contingente de braços para a mão-de-obra. Entretanto, sob os efeitos da ideologia dominante, essa mão-de-obra abundante era completamente desprezada, principalmente os afro-brasileiros, vistos como “não-submisso” e “ineficientes”, sob a justificativa de que o imigrante europeu era “mais eficiente” e “trabalhador”. Conforme Aldair Lando e Eliane Barros, temos:

O verdadeiro sentido da imigração européia [...] deve ser buscado na estrutura de produção vigente no Brasil no início do século XIX. [...] O sistema escravocrata tornara-se um obstáculo para o desenvolvimento pleno do modo capitalista de produção, na medida em que se torna imprescindível, nessas condições, uma mão-de-obra livre, que vendesse apenas a sua força de trabalho e que, ao mesmo tempo, alargasse as possibilidades de expansão do mercado interno (Lando e Barros, 1980, p. 16).

A política de colonização implantada no Brasil por Dom João VI, no início do século XIX, preconizava o estabelecimento de homens livres, preferencialmente imigrantes europeus, em núcleos coloniais para a exploração, em regime de pequenas propriedades, de uma agricultura capaz de suprir as necessidades de um mercado interno que deveria, com a vinda da Corte Portuguesa para o Brasil, crescer significativamente. Este projeto contrastava com a estrutura econômica e social da colônia alicerçada no latifúndio, na monocultura e no trabalho escravo.

O imperador D. Pedro II, em 18 de setembro de 1850, decretou o início da colonização, com o objetivo de colonizar as vastas extensões recobertas por florestas, de terrenos acidentados e montanhosos, não habitadas. O Brasil necessitava muito de imigrantes, principalmente na região Sul, para proteger suas fronteiras com os países platinos e também para povoar a imensa extensão de terra desabitada.

O Brasil defrontava-se com dois tipos de problemas a serem resolvidos: de um lado prover a mão-de-obra que se fazia necessária para substituir a escrava na lavoura cafeeira, que cada vez mais se expandia, passando o café a ser o principal produto brasileiro de exportação. De outro lado, a urgência de uma colonização eficaz para o povoamento de diversas áreas e recuperação da agricultura em regiões que se encontravam improdutivas. Para ambas as questões, via-se a solução no imigrante europeu. Relacionada a essa questão temos:

A imigração no Brasil foi um fenômeno de grande importância, não só porque serviu de sustentáculo a lavoura cafeeira em São Paulo, desde a segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, como também por ter sido à base da colonização e da formação da população do Sul do Brasil (Hutter, 1987, p. 74).

A imigração européia no Brasil, para atender as exigências históricas do capitalismo, dão a imigração duas direções diferentes em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Em São Paulo, a imigração visa solucionar o problema da escassez de mão-de-obra nas lavouras cafeeiras, gerado pela abolição. Já no Rio Grande do Sul, ela não era vista como solução alternativa para aqueles cuja produção se baseava no trabalho escravo, mas destinava-se a sanar as dificuldades inerentes a particularidade da situação da economia rio-grandense no contexto da economia nacional. Além de São Paulo e do Rio Grande do Sul, os imigrantes italianos estabeleceram-se também no Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná e Santa Catarina.

Sabemos que, há uma grande diferença entre o trabalho e a vida dos italianos no Rio Grande do Sul em relação a São Paulo, pois a maioria dos imigrantes que se dirigiam para a cidade de São Paulo, iam trabalhar preferencialmente nas fazendas de café, como uma espécie de escravos brancos, ou seja, numa forma camuflada de escravidão, para os fazendeiros proprietários dos cafezais. Devido a isso, eles não foram bem sucedidos, pois a propriedade da terra lhes foi negada ou dificultada ao máximo. Já no Rio Grande do Sul isso não ocorreu, pois os primeiros imigrantes receberam lotes e viraram pequenos proprietários.

São Paulo, foi quem se tornou mais afamado por situações exploratórias. Os fazendeiros paulistas, da mesma forma e com a mesma mentalidade, como anos antes se haviam dirigido ao mercado de escravos, rumavam agora para a casa da Imigração, a fim de encontrar por lá mão-de-obra para as suas plantações de café.

O Rio Grande do Sul promoveu a colonização com objetivos claro de criar núcleos coloniais voltados para a produção agrícola diversificada, em regime de propriedade privada e mão-de-obra familiar. Já a Província de São Paulo, acreditava que a colonização resolveria o problema da substituição da mão-de-obra escrava, que, devido ao movimento abolicionista, ameaçava a grande lavoura de café. Os latifundiários queriam o colono como trabalhador rural, como mão-de-obra livre e não como proprietário, propriamente dito. A grande diferença

entre as políticas do processo de imigração<sup>3</sup> e de colonização<sup>4</sup> era que o primeiro alterava o regime de trabalho e o segundo o regime de propriedade.

O imigrante no Rio Grande do Sul, não era visto unicamente como um substituto da mão-de-obra escrava e sim como uma renovação das práticas de trabalho. Sobre a questão, Vânia Merlotti Herédia e Loraine Slomp Giron enfatizam:

A geopolítica brasileira é orientada para a importação da mão-de-obra livre européia para a colonização e a manutenção da escravidão para as lavouras que garantem o mercado agroexportador. Para os europeus é oferecido a propriedade e o trabalho livre e para os africanos, a escravidão (Herédia e Giron, 2005, p. 19).

Conforme destaca Octávio Ianni (1979, p. 12), no “caso do Sul, a preocupação era colonizar, isto é, povoar, criar núcleos destinados a produzir, por um lado, a ocupação do território e, do outro, produzir gêneros para o mercado interno, o mercado urbano que se começava constituir”.

No Rio Grande do Sul, em 1875, tem início a última etapa do povoamento do século XIX, com a chegada das primeiras levas de imigrantes italianos. Estes vão se localizar nas terras devolutas do Império, situadas na encosta superior do Planalto. A vinda dos imigrantes italianos fazia parte da política de imigração e colonização do Governo Imperial.

Na época da imigração italiana, o Rio Grande do Sul, demográfico, econômico e socialmente, era ainda caracterizado como a região dos pampas e da pecuária. A população das colônias não representava mais de 1/6 dos habitantes do Rio Grande do Sul.

Quando os imigrantes italianos chegaram ao Rio Grande do Sul, boa parte do estado já estava ocupado pelos imigrantes alemães<sup>5</sup>. Aos italianos caberia a zona das matas, extensas áreas de terras devolutas, que haviam sido deixadas de lado pelos portugueses, mais interessados na criação do gado. Esta região estava situada estrategicamente entre a região dos

---

<sup>3</sup>A Imigração, segundo alguns autores como De Boni (1982), Manfroi (1987), Costa (1997), seria para prover a mão-de-obra que se fazia necessária para substituir a escrava na lavoura cafeeira, que cada vez mais se expandia, passando o café a ser o principal produto brasileiro de exportação e ocorreu basicamente em São Paulo.

<sup>4</sup>Havia um discurso que os estados do Sul do Brasil, apresentavam “áreas vazias” pela existência de terras devolutas, que seriam beneficiadas com a colonização. A colonização tinha como objetivos a produção agrícola diversificada, em regime de propriedade privada e mão-de-obra familiar, não permitindo escravos. Esclarecemos entretanto que as áreas tomadas como vazias eram tradicionais territórios indígenas.

<sup>5</sup>Os imigrantes alemães chegaram ao estado do Rio Grande do Sul aproximadamente em 1824 (Lando e Barros, 1980, p.25).

Campos de Cima da Serra, onde habitavam os descendentes de portugueses dedicados na pecuária e a Depressão Central, onde se localizavam os alemães, e a zona da Campanha.

A região colonial destinada aos italianos, situada na encosta superior do Planalto, entre os vales do rio Caí, do rio das Antas e das colônias alemãs, limitava-se ao norte com os Campos de Cima da Serra, ao Sul com as colônias alemãs (observe ANEXO 2). As altitudes variam de 600 a 900 metros, sendo que, em altitudes superiores a 300 metros, existia densa floresta de pinhais. Foi esta região utilizada para a localização dos imigrantes italianos, que vão ocupar as trinta e duas léguas quadradas cedidas pelo Governo Imperial para este fim. Sobre este assunto Olívio Manfroi aponta:

As colônias italianas do Rio Grande do Sul foram estabelecidas na Encosta da Serra, ao norte das colônias alemãs de São Sebastião do Caí, Montenegro, Estrela e Lajeado. A serra, palavra que designava a orla meridional do planalto, foi o território oferecido aos imigrantes italianos. A densidade da floresta subtropical, os profundos vales, a falta de estradas tornavam essa região hostil e de difícil exploração (Manfroi, 2001, p.61).

As terras destinadas à colonização possuíam clima, flora, fauna e solos similares aos das regiões nativas de alguns dos imigrantes. Para outros, chegados das regiões da planície italiana, elas eram completamente diversas. Nas regiões coloniais da Encosta da Serra, dominavam as terras cinzentas, medianamente férteis, que, associadas ao clima quase-temperado, eram propícias ao cultivo da videira e do trigo, ao pinheiro e a diversas árvores frutíferas. Sobre este assunto, Cleci Eulália Favaro comenta:

Levando-se em conta que o território do Rio Grande do Sul, ao final do século XIX, já estava ocupado, fosse com o latifúndio pecuarista, fosse com as grandes lavouras arrozeiras meridionais, fosse com a produção colonial de subsistência dos vales, parece que aos imigrantes provenientes da península Itálica [...] restou a busca de uma saída econômica fundada, primeiramente, na vitivinicultura e, seguindo os postulados do positivismo republicano, na industrialização. Isso, no entanto, não impediu que a toda a região se tornasse uma das mais prósperas e desenvolvidas do estado (Favaro, 2006, p. 317).

Apesar da insuficiência dos meios de comunicação e do caráter pioneiro deste ousado empreendimento, os territórios desertos da serra foram rapidamente povoados pelos imigrantes italianos. Em poucos anos, a serra, até então abandonada pelos rio-grandenses e colonos de outras nacionalidades, tornou-se uma região tipicamente italiana. Os vales e encostas foram cobertos de trigais e parreiras, anunciando, por esse “binômio sagrado dos mediterrâneos” a presença dos italianos. As colônias italianas foram fundadas sob o mesmo

regime de pequena propriedade das colônias alemãs, mas a extensão dos lotes foi consideravelmente reduzida.

Pelo Ato de 24 de maio de 1870, foram criadas as colônias de Dona Isabel e Conde D'Eu, situadas respectivamente nos atuais municípios de Bento Gonçalves e Garibaldi. Em 1875, é iniciado o povoamento da Colônia Caxias e, em 1879, novas colônias passam a ser fundadas. Já em 1884 é a vez de Alfredo Chaves (Veranópolis), (verifique ANEXO 3) em 1887 são fundadas as colônias de Silveira Martins (Santa Maria e Cachoeira) e de Mariana Pimentel, Barão do Triunfo, Vila Nova, Antônio Prado, Nova Trento (Flores da Cunha), Nova Vicenza (Farroupilha), Encantado, Guaporé, Nova Prata e São Marcos. As colônias Conde d'EU, Dona Isabel, Caxias do Sul e Silveira Martins foram considerados os quatro centros principais da colonização italiana do Rio Grande do Sul (Hutter, 1987, p. 93).

A imigração italiana para o Brasil, contou com uma alta porcentagem de vênets, (veja ANEXO 4) atingindo aproximadamente 47,68% do total, sendo que em certas regiões do Sul do país, essa porcentagem chegou a aproximadamente 90%. A zona de colonização do Rio Grande do Sul teve como povoadores, quase que de modo exclusivo, indivíduos e grupos provenientes do norte da Itália, a região mais atingida pela crise econômica no momento da unificação. Constata-se que Vêneto, onde a crise era maior por volta de 1875, é que contribuiu com um contingente maior de imigrantes, provenientes sobretudo das províncias de características mistas de Vicenza, Beluno, Treviso, Verona, Veneza (observe ANEXO 5) Lombardia, Piemonte, Tirol e da Emília. Da região de Trento também vieram muitos italianos. Pode-se dizer que, Vêneto foi o epicentro da corrente migratória italiana para as terras gaúchas (De Boni e Costa, 1982, p. 78 a 79).

Caxias do Sul, a primeira colônia constituída por italianos no Rio Grande do Sul, recebeu, de início, imigrantes de Vêneto, da Lombardia, entre outros. A colônia Caxias foi o primeiro centro da colonização italiana, onde em 20 de maio de 1875, estabeleceu-se o primeiro contingente de imigrantes italianos chegados ao Estado. Já as colônias Conde d'EU e Dona Isabel, fundadas pelo governo provincial em 1869, começaram a desenvolver-se somente em fins de 1875 e início de 1876 com a chegada dos imigrantes italianos. Quanto à colônia Dona Isabel, atual cidade de Bento Gonçalves, os primeiros imigrantes que para lá se dirigiram eram quase todos do Tirol. O quarto núcleo colonial italiano no Rio Grande do Sul,

em ordem cronológica, foi Silveira Martins, onde os primeiros imigrantes italianos começaram a ocupa-la a partir de 1877.

Na segunda metade do século XIX, teve início a colonização italiana no Vale do Taquari completando o processo de formação étnico-cultural da Região, formação esta bastante diversificada, sendo que do início da colonização, desencadeada por portugueses que trouxeram os negros, seguiram-se os açorianos, os alemães e os italianos (veja ANEXO 6). Os italianos estão situados nas encostas e na “região alta” do Vale do Taquari.

Finalizamos este capítulo percebemos que, mesmo sem ajuda do governo, os imigrantes italianos conseguiram superar os primeiros anos da imigração e estabelecer-se no território brasileiro, desmatando e cultivando o seu lote e preservando a sua identidade étnica.

O quadro sociocultural das colônias italianas, nos primeiros decênios da colonização, definem-se, em nosso ponto de vista, a partir de dois pilares fundamentais, de um lado, a religião católica, com seus ritos e sua ordem de valores e, de outro, a prática dos costumes e tradições italianas, na qual se inclui a gastronomia, as canções, mas principalmente o fenômeno dos falares dialetais.

A colonização italiana foi extremamente promissora para o Brasil e em particular para o Rio Grande do Sul. Contribuiu para a exploração e valorização de imensas regiões até então abandonadas, ao desenvolvimento da agricultura, ao fortalecimento da indústria e do comércio. Ademais, todos os descendentes de imigrantes italianos se consideram e são tão gaúchos e brasileiros quanto os descendentes dos luso-brasileiros ou de outras etnias.

A presença do imigrante italiano em regiões do país, como São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, teve repercussões na estrutura política, econômica e cultural da sociedade brasileira, ou seja, as contribuições do processo migratório na cultura do povo brasileiro foram muitas e notáveis.

No Rio Grande do Sul, os primeiros imigrantes tornaram-se pequenos proprietários, desenvolvendo a sua autonomia econômica, protegendo dessa forma a sua identidade étnica. Eles não se importaram nem mesmo por terem recebido as terras mais íngremes e acidentadas, no Sul do país, porque tiveram o sonho de se tornarem proprietários de terras atendido. Como

proprietários autônomos, os imigrantes organizaram-se inicialmente ao redor da capela, pois a religião era uma espécie de sustentáculo, conservando sua língua, sua gastronomia, suas canções, em fim, as suas tradições e seus costumes que até hoje permanecem.



## 2 ELEMENTOS CULTURAIS ITALIANOS

A cultura representa o modo de viver de cada povo. Elementos como danças, tradições, crenças religiosas, hábitos e costumes, fazem parte da cultura de um povo. A cultura do Brasil e mais especificamente do Rio Grande do Sul, é muito rica em elementos culturais e influência das diversas etnias, tais como, os índios, negros, açorianos, alemães, italianos, poloneses, entre outros, que contribuíram para a formação da sociedade.

Segundo Silvino Santin (1996, p. 598), “o universo cultural [...] diz respeito a tudo que constitui uma sociedade: seus modos de produção econômica, suas técnicas, sua organização política e jurídica [...] suas crenças religiosas, sua língua, sua psicologia, suas criações artísticas [...]”.

Neste sentido, grande parte da cultura brasileira formou-se com a contribuição dos vários grupos étnicos vindos de terras longínquas e também pelas diversas sociedades nativas. Dentre as culturas formadoras, podemos destacar a do negro, do açoriano, do alemão, do italiano, entre outras. Percebe-se claramente que a formação do povo sul-rio-grandense teve grande contribuição dos elementos culturais italiano, já que muitos desses imigrantes estiveram presentes em praticamente toda a sociedade do Rio Grande do Sul.

Conforme José Luiz dos Santos (1983, p. 46), “[...] a cultura é a dimensão da sociedade que inclui todo o conhecimento num sentido ampliado e todas as maneiras como esse conhecimento é expresso. É uma dimensão dinâmica fundamental das sociedades contemporâneas”.

Os primeiros decênios da colonização italiana no Rio Grande do Sul, iniciada em 1875, caracterizou-se do ponto de vista cultural como sendo de manutenção e preservação de hábitos, valores e instituições da Pátria de origem. Inicialmente, pode-se dizer, que houve uma espécie de “transplante” da cultura, pois as características geográficas do território ocupado pelos imigrantes eram muito semelhantes à de regiões do norte da Itália.

Alguns autores como Ângelo Trento (1988), Olívio Manfroi (1987), José Clemente Pozenato (2000), afirmam que o isolamento vivido pelos imigrantes italianos foi o que permitiu a manutenção das tradições, usos e costume das suas regiões de origem. Entretanto, não concordamos com isto porque a cultura não é uma entidade estática, parada, morta, muito pelo contrário, a cultura é um processo dinâmico e em constante transformação. Sabemos que os primeiros imigrantes italianos não estavam isolados, havia o convívio com outras etnias como por exemplo, os alemães e os luso-brasileiros, mas mesmo assim não deixaram de ser italianos.

Ainda sobre este assunto, Fredrik Barth (1998), salienta que cada povo mantém sua cultura mesmo em contato com outros, mas ainda persiste a visão simplista e etnocêntrica de que o isolamento geográfico e social é que tenha propiciado as continuidades culturais.

Os colonos procuravam, sempre que possível, manter a proximidade com seus conterrâneos de localidades e regiões da Itália. A partir do momento em que recebiam os lotes e começavam a desenvolver seus cultivos, construir casas e ostentar o fruto do trabalho, a representação de colono italiano no Brasil adquiria sentido. Tornavam-se proprietários, alimentavam-se bem, trabalhavam em família e cultivavam sua fé, o que permitia manter vivo elementos da ordem cultural da terra de origem em terras brasileiras.

Inicialmente, buscou-se semelhanças geográficas e climáticas, pois o importante era encontrar ou construir um ambiente que, de alguma maneira, lhes garantisse a transferência e preservação de seu espaço vital. O homem tem um espaço vital que vai muito além das dimensões biológicas. Ele amplia seu espaço construindo um sistema de valores, a que chamamos de cultura. Essa cultura constitui-se no mundo de cada grupo étnico. Os elementos culturais tornam-se tão importantes, para a sobrevivência das pessoas, como elementos ou condições biológicas, climáticas e físicas.

Sobre esta questão, Helena Copetti Callai, comenta:

Os laços locais são significativamente culturais, demonstram a vida, as formas de fazer as coisas, de tratar da natureza, de construir os espaços [...] a cultura é um dado fundamental na compreensão dos lugares. Ela permite perceber ‘os laços que os indivíduos tecem entre si, sobre a maneira como instituem a sociedade, como a organizam e como a identificam ao território na qual vivem ou com o qual sonham’ [...] reconhecer a cultura local significa perceber a história do lugar, as origens das pessoas que ali vivem e as verdades e valores que pautam as relações entre elas (Callai, 2000, p. 123).

A paisagem geográfica e climática, de certa forma, oferecia bastante semelhança com a da Itália, faltava somente recriar ou mesmo reatualizar a atmosfera cultural. O imigrante italiano dominou, gradativamente o meio físico, dando-lhe uma fisionomia extremamente peculiar, que ainda hoje é preservada no interior dos municípios da região. Para isso, eles construíram uma infra-estrutura comunitária, que resumia o gênero de vida desses grupos heterogêneos lingüisticamente, mas homogêneo na sua visão de mundo.

Os primeiros imigrantes italianos trouxeram para o Brasil, em particular ao Rio Grande do Sul, muitas de suas tradições, usos e costumes (veja ANEXO 7), deixando raízes em seus descendentes. Trouxeram mais que a cultura de sua pátria, a Itália, pois os mesmos não se sentiam italianos, prevalecendo à cultura de suas regiões, províncias e comunas de origem. Isso acontecia porque a Itália não era um país unificado, não tendo formado uma identidade étnica nacional.

Colocados em pequenas propriedades, uns ao lado dos outros, puderam desenvolver-se num relacionamento de vizinhança e amizade, conservando as características culturais. Sendo que, as principais características trazidas pelos imigrantes italianos, que se estabeleceram no Rio Grande Sul, a partir de 1875, tinham por base, por exemplo, o uso de dialetos de cada região de costume, as residências, a alimentação, a vestimenta, o divertimento, a música, o lazer e a religião.

## **2.1 A religião como força de coesão**

Em cada núcleo colonial, a igreja ocupava o ponto principal, e a construção de igrejas e capelas mobilizava sempre a participação coletiva, com doação de material e trabalho

voluntário. Também os capitéis, as pequenas capelinhas construídas ao longo de estradas, geralmente numa encruzilhada, ou em terras particulares, testemunham a religiosidade dos imigrantes e a frequência dos cultos familiares. O fervor religioso era cultivado com rigor nas famílias. Havia orações para todo o momento: para a manhã, para a noite, para a hora das refeições. À noite, mesmo cansados, rezavam o terço, de joelhos no chão, encostados nos bancos, ao lado da mesa.

Segundo Luis De Boni (1982, p. 111) ao redor da capela começou a girar, de modo quase absoluto, a vida social dos imigrantes. A capela não significou apenas o local de culto, tornou-se o centro cultural, político, econômico e religioso. Anexados a capela, localizava-se o cemitério e o salão de festas.

A fé e a cultura (observe ANEXO 8), em conjunto, constituíram uma força de coesão muito forte. Foi através da religião que os primeiros imigrantes, se encontraram consigo mesmo e com os outros, estabelecendo a sua própria identidade cultural. Os imigrantes italianos do Rio Grande do Sul, eram, em sua maioria, católicos praticantes. A participação das celebrações litúrgicas, nos domingos e dias de festa, era uma obrigação moral, pois só o praticante era considerado pessoa de fé, digno de estima e aceito pelos demais. O sacerdote gozava da mais alta consideração e suas palavras tinham, em geral, a persuasão da lei (Manfroi, 2001, p. 122).

A Igreja teria sido o epicentro da formação dos povoados. Quase todos os povoados se estruturavam em torno da igreja. O padre era uma figura central. Além da autoridade moral que lhe permitia zelar pelos preceitos cristãos, fazia a mediação com o exterior trazendo notícias e transmitindo técnicas e ensinamentos úteis para cultivar e explorar as terras. A missa aos domingos e, na sua ausência, a reza da ladainha ou do terço e a leitura do Evangelho, realizadas de forma coletiva, contribuía para reforçar a integração moral da comunidade, não podendo ser vistas apenas como expressões de um forte sentimento de religiosidade. Eram práticas coletivas que, além de fomentar o fervor religioso, estimulavam a convivência social, reforçando a coesão social em um universo desconhecido e hostil.

A preservação da religião, da gastronomia e da língua de origem, reafirmou a intenção da preservação cultural como forma de estimular a resistência e a solidariedade do grupo. A

religião era o centro de valores morais que irradiava para a comunidade o ideal de disciplina, moralidade e ajuda mútua.

A Igreja, com seus ritos e festas, foi o fator primordial de integração para os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. Sem o quadro religioso dominical, os imigrantes não teriam suportado a solidão colonial, o vazio dos domingos e a saudade da terra natal. A igreja foi, certamente, um fator de preservação da cultura italiana, onde os imigrantes encontravam as suas tradições (Manfroi, 2001, p. 156 – 157).

O espírito religioso, a fé e a devoção, são fatores de integração social. A religião católica foi à força que permitiu aos imigrantes italianos integrarem-se e formarem a solidariedade indispensável para enfrentarem as dificuldades, tanto materiais como psicológicas dos primeiros tempos. A fé fez surgir capitéis, igrejas, campanários, desencadeando uma experiência singular de participação comunitária, característica das colônias italianas.

Ainda sobre a religião, o depoente EQ (2008, p. 05) ressalta que, a religião foi de extrema importância para que os primeiros imigrantes italianos vencessem as dificuldades, “[...] há uma coisa forte da imigração italiana que é a religião, com a religião o italiano venceu inspirado na força da oração [...]”.

Diante disso constatamos que a religião católica foi o elo fundamental em que os primeiros imigrantes italianos se encontraram consigo mesmo e com os demais compatriotas. A religião foi sem sombras de dúvida, um fator de integração e uma força dinâmica, que permitiu ao imigrante italiano fugir da desintegração social, oferecendo-lhes um quadro sócio-cultural no qual o mesmo se reconhecia e se expandia.

## **2.2 O dialeto como um liame fundamental na vida do imigrante**

Nas colônias do Rio Grande do Sul, a língua de origem, os costumes e as tradições italianas foram preservados durante várias gerações, o que dá a toda região italiana características que a distinguem do restante do Estado.

Os imigrantes italianos que vieram para o Rio Grande do Sul, originários em sua grande maioria de Vêneto, eram pobres, com pouco ou nenhum estudo, não sabiam falar o italiano, só o dialeto<sup>6</sup> de sua região de origem, eram católicos e queriam terras para trabalhar.

Muitos fatores serviram para aproximar os grupos de dialetos distintos, em especial destacam-se os rituais coletivos, como os casamentos, os batizados, os enterros, os filós e as festas religiosas. Esses fatores não eram elementos que agiam isoladamente, mas, somados a outros tantos, estavam no cerne da vida cotidiana das comunidades, principalmente do interior dos municípios de Encantado e Doutor Ricardo. A interação social se processou, sobretudo, pelo trabalho, mas de acordo com Cleodes Ribeiro (2005, p.13-14), a vida social desenvolveu-se e realizou-se em torno das capelas, nas visitas aos amigos, na bodega e nas celebrações festivas. Isto tornou-se compreensível quando recorremos a José Luiz dos Santos (1983, p. 46), ao afirmar que as “ lendas ou crenças, festas ou jogos, costumes ou tradições, esses fenômenos não dizem nada por si mesmos, eles apenas dizem enquanto parte de uma cultura”.

A vida coletiva dos primeiros imigrantes sofreu, uma dupla influência, de um lado, a religião que controlava o pensamento, a palavra e a conduta, e, de outro, a tradição da oralidade, através da qual tudo era preservado e transmitido. A linguagem oral, constituiu-se um liame fundamental na vida social e comunitária dos imigrantes italianos e seus descendentes. Constituiu-se, além do mais, um meio expressivo de uma autêntica cultura

Os falares dialetais continuaram sendo o instrumento mais habilmente manejado para a expressão dessa cultura. Sobre este assunto, Cleodes Maria Piazza Julio Ribeiro (2005, p.18), enfatiza que, “[...] o quadro sócio-cultural das colônias italianas, [...] nas primeiras décadas da colonização se estruturou a partir [...] do reencontro com a própria identidade cultural trazida pela prática dos costumes e das tradições italianas, na qual se inclui o fenômeno dos falares dialetais”.

---

<sup>6</sup>Dialeto é o modo de falar próprio e particular de uma língua nas diferentes regiões do mesmo país, no caso, aqui exposto, a Itália, o que consiste no acento ou na pronúncia em certas palavras, ou no modo de declinar e conjugar as mesmas (Frozi e Mioranda, 1975, p. 57).

Os primeiros imigrantes trouxeram consigo, a tradição cultural dos dialetos falados<sup>7</sup> em seu lugar de origem. Na atualidade, passados mais de cem anos desde o início da imigração italiana em terras do Rio Grande do Sul, netos e bisnetos, daqueles pioneiros ainda conservam o dialeto como uma herança cultural. Pode-se dizer que a causa mais provável dessa “sobrevivência” dos dialetos, seja pelo fato dos primeiros imigrantes e suas famílias terem uma certa dificuldade inicial de convivência com outros grupos, mesmo sendo procedentes dos mesmos lugares de origem (Bunse, 1978, p. 45).

Em relação aos diversos dialetos que acabaram agregando-se num só, pode-se ressaltar que houve um hibridismo cultural do ponto de vista lingüístico, quando refletimos de acordo com Peter Burke (2003, p. 55), o qual destaca que “encontros culturais produzem formas novas e híbridas”.

Os imigrantes procuravam, ao formarem núcleos coloniais, o convívio com pessoas procedentes dos mesmos lugares de origem, com seus usos e costumes e suas características lingüísticas peculiares, pois também o vêneto, como qualquer dialeto, difere um pouco de localidade para localidade, fato de que os falantes têm consciência, embora não dificulte a intercomunicação. Os dialetos são, na verdade, a expressão da cultura regional, representando o modo de ser dos seus habitantes.

Um outro fator de primordial importância para a conservação dos dialetos, foi que ele fez parte da herança dos imigrantes italianos, sendo um elemento de transmissão de valores e moldes culturais, os quais, na situação inicial em que se encontravam, contribuiu até mesmo para a sobrevivência física dos imigrantes. Os dialetos funcionam como instrumento de intercomunicação, tornando-se de fundamental importância. Como já foi mencionado, um dos bens mais valiosos pertencentes à herança cultural, foi a língua (Bunse, 1978, p. 50).

Com a vinda de imigrantes italianos para o Rio Grande do Sul, os mesmos dialetos foram transplantados. Observa-se, entretanto, que a distribuição dos imigrantes não se fez segundo critérios étnico-lingüísticos. Como as terras eram divididas em linhas ou travessões e em lotes coloniais, a política de povoamento obedecia a um critério geográfico simples, ou

---

<sup>7</sup>Segundo Vitalina Frosi e Ciro Mioranda (1975, p. 58), os dialetos falados inicialmente eram: “Vicentino, Trevisano, Feltrino-belunês, Paduano, Veronês, Veneziano, Rovigito, Bergamasco, Mantuano, Cremonês, Milanês, Bresciano, Varesino, Comasco, Paviense, Trentino (Tirolês), Friulano e Triestino”.

seja, ocupação dos lotes coloniais a partir dos mais próximos ao núcleo central, aos mais longínquos, fazendo com que as comunidades se tornassem mistas, ou seja, com vários dialetos (Frozi e Mioranda, 1975, p. 58).

Cabe destacar que os imigrantes italianos, na sua quase totalidade, não conheciam o italiano oficial, falavam dialetos. Até porque, mesmo com a unificação italiana, não sentiam-se portadores de uma identidade nacional, mas sim das várias regiões da Itália. No início, os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, sentiram uma certa dificuldade para se integrar a outros imigrantes italianos, pois a grande maioria deles, eram oriundos de vilarejos ou regiões distintas e cada uma tinha o seu dialeto. Em referência ao número de falantes, havia um amplo predomínio do dialeto vênето (Santin, 1996, p. 600). O autor em questão ressalta que “a língua é sempre o laço mais profundo de uma cultura, o símbolo mais íntimo de uma vivência grupal ou individual. A língua é sempre a síntese de uma cultura, o sinal mais eloqüente da vida ou morte de um povo e de seus valores” (Santin, 1996, p. 607).

Levando isso em consideração é possível afirmar que a língua de um povo é um sistema simbólico que organiza sua percepção do mundo e é também um diferenciador por excelência. Os dialetos cumprem igual função, pois eles constituíram a língua de comunicação quase que exclusiva dos imigrantes italianos e de seus descendentes.

Conforme Olívio Manfroi (2001, p. 105), “os filhos de imigrante, nascidos no Brasil, envolvidos por esse contexto cultural hermético, guardaram a língua e a tradição maternal como uma herança que, não sendo nem discutida e nem contestada, se conservou, quase, em toda a sua integridade”.

O dialeto coiné/koiné italiano do Rio Grande do Sul é uma língua proveniente de vários dialetos italianos (especialmente vênето, lombardo, trentino, friulano, piemontês entre outros), mas também do italiano e português. É um falar comum, mas com nítida predominância do vênето. É a fusão dos vários dialetos num falar comum. A coiné constituiu-se em um sistema falado e entendido pela maioria dos imigrantes e seus descendentes. Essa

fala comum, além de se chamar *coiné*, foi dito também como *Talian*<sup>8</sup>. O *talian* daqui não é o italiano da Itália.

Na afirmação de Rovílio Costa (1987, p. 385) a língua constitui “o núcleo central mais importante à manutenção das tradições tipicamente italianas”.

A convivência de imigrantes procedentes de regiões diferentes, com outras nuances de seu falar, produziu contatos lingüísticos e modificações no dialeto original, surgindo uma espécie de falar comum com características dos dois grupos dialetais básicos, lombardos e vênéticos, mas com a nítida predominância do último.

Da sabedoria popular vieram alguns provérbios em vêneto, mas com expressões genuinamente gaúchas. O humor e a ironia, são características destes ditos populares e também dos próprios imigrantes, que entre tantos, exemplificamos alguns: *Chi stá co i lupi impará a urlar!* (“Quem vive com lobos aprende a uivar.”); *Cagn vècio no’l ghe sbaia a la luna!* (“Cachorro velho não fica latindo para a lua.”); *Farghe bem a un vilan, l’è farghe dispeto a Dio!* (“Fazer o bem a um vilão, é desacatar a Deus.”); *Baso par forza no’l val na scorsa!* (“Beijo forçado não vale nada.”).

Os primeiros italianos, quando chegaram ao Rio Grande do Sul, oriundos dos mais diferentes lugares do norte da Itália, trouxeram não apenas a família e os poucos pertences que possuíam, mas também seu dialeto, seus costumes, sua fé e sua cultura. Assentados em linhas ou travessões nas colônias, eles passaram a utilizar uma nova língua de comunicação e, pouco a pouco, este dialeto comum passou a ser a língua oficial dos imigrantes.

Conforme Olívio Manfroi (1999, p. 47), ainda em relação ao dialeto, o autor ressalta que, “ontem falava-se o dialeto para comunicar-se. Hoje, fala-se o dialeto para preservá-lo”.

Uma das formas mais importantes de proteger e estimular a herança cultural italiana, consiste na manutenção da língua, ou seja, do dialeto, pois a manutenção da língua falada, garante a permanência de outros valores ou ainda, ao cultivar o dialeto, todo um conjunto de

---

<sup>8</sup>Segundo Bernardi (2001, p. 904), “o *Talian*, também chamado “vêneto brasileiro”, vem a ser a língua originada dos diferentes falares dos imigrantes italianos no Sul do Brasil, ainda hoje falado, escrito e ensinado em algumas localidades.

elementos culturais são também preservados, tais como: a música, os provérbios, as receitas culinárias e de medicina caseira, as lendas, as brincadeiras infantis, entre outras.

Segundo Stella Borges e Rovílio Costa (1999, p. 236), “a língua tem papel importante ou intrínseco na constituição tanto da identidade individual quanto social”.

O dialeto e o português figuram, na colônia, independentes, um ao lado do outro para fins de comunicação. Portanto, falar dois idiomas, o coiné e o português, é conjugar a força de duas etnias para a riqueza da cultura nacional.

Júlio Posenato (1999, p. 272) nos fala sobre a definição de herança cultural italiana, enfatizando que a “herança cultural – constituída pelos elementos da natureza, pelos objetos construídos pelo homem e pelo conhecimento – confunde-se com a tradição: tudo aquilo que recebemos de nossos antepassados e que [...] legaremos as gerações futuras”.

Os dialetos, conforme constatamos, se mantiveram, e continuaram até o presente, vindo a se constituir num dos importantes sinais diacríticos de afirmação da identidade étnica dos descendentes de italianos do Rio Grande do Sul.

No Brasil, mais especificamente no Rio Grande do Sul, constata-se a permanência do dialeto italiano entre os seus descendentes, principalmente o dialeto vênето. Na Itália isso não ocorreu, pois segundo Pasquale Petrone (1996, p. 632), “mesmo considerada sua revitalização recente no quadro da revalorização do regional, os dialetos foram perdendo expressão face ao italiano, no Brasil revelaram uma incomum vitalidade. Nos últimos anos na verdade estão conhecendo um forte florescimento, inclusive na escrita”.

Defendemos que, a conservação da língua foi um elemento muito importante para a perpetuação dos costumes e das tradições dos imigrantes e de seus descendentes. Mas a preocupação na preservação da cultura e língua materna, se dá com maior frequência nas pequenas comunidades do interior.

### **2.3 Canções como elementos simbólicos**

A preservação do dialeto, favoreceu, como já foi abordado, a preservação de um conjunto de músicas típicas, algumas tão velhas quanto à própria imigração, outras mais recentes, compostas em solo gaúcho. As canções também se constituem em importante chave de compreensão do universo simbólico dos italianos e seus descendentes.

Segundo Renato Filipini (1999, p. 329), “a música, quando vista como expressão do ser humano, é uma das formas mais ricas de descrição de um grupo social e definição de seus limites regionais, seus referenciais de sagrado e profano, sua dimensão de mundo”.

O repertório de canções, como as que os imigrantes italianos trouxeram ao Sul do Brasil, torna-se a descrição completa de um povo que une as suas angústias e esperanças, pois eles cantam no trabalho, no descanso, cantam no caminho entre o trabalho e a casa, cantam louvando o sagrado, o humor do pecado, cantam as pequenas e grandes alegrias, cantam os sonhos e a dor, cantam sobre o vizinho, a família, a esperança e por fim, cantam o amor.

As canções italianas, passados mais de cem anos do início da imigração, conservam-se muito parecidas como no início da imigração, não somente como folclore-objeto, mas como expressão viva de uma cultura, utilizadas ainda na sua forma e concepção original. Essas canções permanecem vivas, dentro das casas das famílias que mantêm laços mais fortes com os antepassados imigrantes. Percebe-se que, a canção italiana torna-se um elemento de ligação entre gerações, tornando-se até mesmo um processo de identidade cultural. Uma das características dos imigrantes italianos, que povoaram o Rio Grande do Sul e de seus descendentes, foi o canto, a alegria de cantar.

As canções italianas muito lembradas e posteriormente tocadas e cantadas nos dias atuais são: La bella violeta (a bela violeta), Quel mazzolin di Fiori (aquele ramallete de flores), La verginella, Sul Castel de Mirabel, Santa Lucia, Bella ciao (bela tchau), Ciareto su quel monte, Monte Grappa, Reginella campagnola, La bella polenta (a bela polenta), Mérica Mérica (América América), El vecio Trivelin, Ciribiribin doman I' é festa, El merlo ga perso el beco, La colombina la ga el ale, La giogiotta la ga um bambin, La milanese, Quattro cavai Che trottano (Quatro cavalos troteando) (Bernardi, 2001, p. 906 – 907).

Sabe-se que alguns dos costumes ainda hoje existentes entre descendentes de imigrantes italianos foram assimilados dos antepassados, como é o caso de expressar certos

sentimentos por meios de canções e de cantá-las freqüentemente. Em algumas dessas canções aparecem certos traços de vida, como o humor, o vinho, a comida, a mulher, o amor, a doença, a casa, entre outras.

Segundo Arlindo I. Battistel e Rovílio Costa (1982, 695), nas canções encontram-se temas como “[...] afirmação da propriedade e do trabalho, amor à pátria e a fidelidade heróica ao dever, celebração do amor e da beleza [...] presença da fé e da moral cristã [...] louvor ao vinho, ao comer e ao beber e a abundância da mesa e dos bens”.

O canto para os imigrantes italianos, era uma maneira de esquecer as preocupações do dia-a-dia, uma verdadeira celebração de coragem diante das dificuldades. A comida e a bebida estavam ligadas ao canto, para criar um clima de amizade e de integração.

Conforme Aldo Francisco Migot (2001, p. 49), “ao contrário dos padres de cultura alemã, os de cultura francesa e italiana viam com muitas reservas os bailes. Isto explica, em parte, a pobreza de danças, no meio ítalo-brasileiro. Os imigrantes italianos e seus descendentes cantavam muito e dançavam quase nada”. Mas não é o que percebemos nos dias atuais, pois os descendentes de italianos adoram dançar e dançam muito bem, indo dos mais jovens aos mais idosos (observe ANEXO 9).

Uma das canções mais lembradas e cantadas é a “Quel mazzolin di Fiori”, (veja ANEXO 10) que significa aquele ramalhete de flores, deveras de constante presença em encontros que ocorrem entre descendentes de imigrantes italianos. Vem a ser a canção campesina italiana que relaciona o desejo da enamorada em oferecer ao seu amado um ramalhete de flores trazido, cuidadosamente das montanhas e o seu choro e desencanto ao perceber-se trocada por outra.

Os primeiros imigrantes italianos tiveram que aprender a trabalhar a nova terra, dela tirar seu sustento e estruturar seu crescimento econômico e social, para que pudessem sobreviver, pois nada do que foi prometido a eles foi cumprido. O texto da canção Mérica Mérica, (verifique ANEXO 11) em nosso ponto de vista, é um exemplo que procura traduzir este processo, vivenciado pelos imigrantes italianos, no começo da nova vida, no solo da nova Pátria e o que foi realizado posteriormente, com seu trabalho, onde a canção elucida o que foi dito a cima.

Constatamos que, essa canção quer dizer que os imigrantes italianos chegaram na América e não encontraram o que foi prometido a eles, tiveram que dormir como animais no solo nu, pois nem uma casa eles tinham. Mas a América era grande e talento os imigrantes tinham, com muita luta e coragem eles construiriam vilas e cidades. Apesar da decepção que eles viveram, os mesmos comparavam a América ao ramallete de flores, formada por montes e planície.

A canção demonstra, segundo o nosso entendimento, toda a angústia, incertezas, esperanças e sonhos. É nos estribilhos que se encontra toda a força angustiante daquele que decide partir, sem saber exatamente o que o esperava. O primeiro verso repete três vezes a palavra “Mérica”, é o grito angustiante de quem quer decifrar o futuro, de quem espera uma prova para se convencer de que vale a pena partir. No segundo verso, o imigrante faz-se uma pergunta, “cossa sará-la sta Mérica?”, uma pergunta dirigida mais a si mesmo, do que a alguém. É a incerteza transformada em desejo de saber, de assegurar-se, de tentar definir o desconhecido. A resposta à pergunta, o próprio imigrante se dá, dizendo ser a América “un mazzolin de fiori”, ou seja, a América, esse desconhecido e misterioso mundo, será um ramallete de flores. Portanto, eles viam um futuro florido pela frente, cheio de alegrias, sucesso e festas.

Ari Pedro Oro, falando sobre a língua e a música italiana, ainda na atualidade, salienta:

[...] a língua e a música italianas constituem-se em importantes valores da cultura dos imigrantes que seus descendentes do Rio Grande do Sul preservam com alguma consciência, atribuindo-lhes sentidos vários, um deles sendo a afirmação da sua especificidade étnica frente aos grupos sociais com os quais estão em contato, como os alemães, os poloneses e os gaúchos que, com maior ou menor ênfase, também cultivam seus linguajares, suas canções, suas tradições e costumes (Oro, 1996, p. 616).

O momento presente não é suficiente para garantir a identidade de um indivíduo. Ele precisa sentir-se enraizado num passado cultural. A genética garante que todo ser vivo tem sua história, que não começa com o fato da reprodução e nascimento de um novo indivíduo. A história de todo indivíduo começa com seus ancestrais, ou com formas primitivas de vida, ou seja, a nossa identidade cultural tem suas raízes num passado muito mais longínquo do que o imediatismo do mundo moderno tentou nos ensinar.

Segundo Silvino Santin (1996, p. 594), “o mergulho no passado cultural não é apenas um resgate de coisas inertes, mortas e superadas, mas a descoberta de raízes que sustentam a vida presente de cada um de nós”.

Frente a isto é possível afirmar que, o quadro sociocultural das colônias italianas do Rio Grande do Sul não era um prolongamento da Itália, como o queriam os partidários da política de expansão no fim do século XIX. Era uma expressão dos valores culturais dos imigrantes italianos, totalmente centralizado em torno da religião católica. Ainda conforme Olívio Manfroi temos:

Tirados de seu quadro sociocultural de origem e transportado num meio desprovido de todos os sinais e símbolos culturais, os imigrantes sentiram-se perplexos e desorientados. Foi a reconstituição, nas matas virgens do Rio Grande do Sul, desse quadro social e cultural perdido que permitiu, aos imigrantes, reencontrar a própria identidade cultural, a força para superar as dificuldades e esquecer a terra natal (Manfroi, 2001, 122).

Defendemos a hipótese de que, os imigrantes não transpuseram a cultura italiana para o Rio Grande do Sul, muito pelo contrário, reatualizaram ou mesmo recriaram uma civilização diferente das conhecidas da terra natal, em vista de suas novas necessidades. Percebe-se devido a isso que, os elementos da cultura italiana não são simplesmente repetidos no Rio Grande do Sul, mas sim reconstruídos, agregando novos elementos.

Maria Catarina Chitolina Zanini destaca:

Entre tradições inventadas ou ressignificadas (ou não), a história se refaz. Para o antropólogo, a riqueza dos escritos históricos consiste em poder neles observar, mesmo que de uma forma limitada [...] o modo como se posicionavam, em termos sociais (espaciais e temporais também), aqueles homens e aquelas mulheres e crianças — observar não só a maneira como viviam mas, acima de tudo, o que permitiu historicamente que eles se reproduzissem culturalmente, considerando-se que a cultura é sempre um campo aberto, dinâmico, vivido por personagens reais que sentem, pensam, agem e procuram sobreviver, física ou psicologicamente [...] (Zanini, 2007, p. 540 – 541).

O autor Clifford Geertz (1978, p.15), define cultura como sendo uma teia de significados em que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias [...]”. Sendo assim é possível pensarmos que muitos dos elementos culturais trazidos pelos italianos, entrando em contato com a realidade rio-grandense, precisaram ressignificar-se.

Constatamos através das entrevistas realizadas que, os elementos da cultura italiana que ainda persistem na vida dos descendentes, diz respeito à farta gastronomia, a música, a língua e até mesmo a dança. Pois os italianos preservam os seus costumes e tradições, perpassando para seus filhos e netos. Os colonos italianos são vistos como gente que fala e gesticula muito, com um forte sentimento de solidariedade.

Isto porque segundo José Luiz dos Santos (1983, p. 44 a 45), a cultura deve ser entendida como “uma construção histórica [...] é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade [...] cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social”.

#### **2.4 A gastronomia italiana como forma de manter a identidade étnica**

A gastronomia é ainda muito presente na mesa dos descendentes italianos, principalmente dos mais velhos. O prato típico do colono italiano é a polenta, que muitas vezes foi motivo de chacota, pois a polenta acabou sendo sinônimo de comida de pobre, onde o imigrante rico não come polenta. Mas o colono, que labutava no pesado, sempre teve na polenta a comida base. Comia-se polenta no café da manhã, no almoço e na janta. A polenta é uma comida de alto teor energético e de fácil digestão.

A polenta tinha as suas diferentes versões, sendo elas, a polenta sólida para ser cortada com o fio, polenta brustolada (assada na chapa do fogão a lenha) (veja ANEXO 12 e 13), polenta cremosa e polenta frita. Havia a polenta feita com milho amarelo, mas havia também aquela feita com milho branco, que era menos saborosa, por isso, menos apreciada.

Por ser um prato que oferecia resistência ao imigrante italiano, a mesma era consumida brustolada no café da manhã, acompanhada de queijo e salame. No almoço, recém-feita, ia para mesa no panàro (tábua onde pôr e cortar a polenta com um fio) ou taier para acompanhar carne de porco grelhada ou refogada, galinha ao molho, repolho refogado, fortaia (ovos mexidos com lingüiça e queijo), refogado de abóbora e almeirão. À noite, retornava brustolada, ou novamente fumegante e para acompanhar, ovos fritos, queijo, salame e radici cozido com toucinho. (Ribeiro, 2005, p. 91).

Tanta importância como alimento cotidiano, garantiu a polenta ser louvada entusiasticamente em canções que atravessaram os tempos e chegaram aos dias de hoje. A música “La Bella polenta” relata, de certa forma, todo o processo, desde o plantio do milho até a preparação do prato (observe ANEXO 14).

A polenta pode ser incorporada como uma espécie de traço da identidade dos descendentes italianos. Sendo que a mesma inscreve-se hoje, no quadro dos nossos costumes. É pouco provável que alguém associe a polenta aos astecas, as divindades maias e incas, aos alemães ou luso-brasileiros. A polenta lembra quase que de imediato o imigrante italiano e é para o mesmo, um bem que lhe pertence, tanto quanto a uva e o vinho. Come-se polenta porque faz parte da nossa cultura tanto quanto beber vinho.

Se no início da colonização esse era o prato cotidiano porque o pão era escasso e porque oferecia resistência, é o caso de nos perguntarmos sobre essa aparente contradição gastronômica que praticamos nos dias atuais. Ou seja, certamente não é por falta de pão que comemos polenta, pois há na preservação desse hábito alimentar um componente que vai além da mera questão nutritiva, ou seja, faz parte da tradição italiana.

Tratando-se da gastronomia italiana, o entrevistado EQ, enfatiza:

[...] as tradições se mantiveram, já vi vários italianos que visitaram Encantado. Mais de quatrocentas pessoas da Itália visitaram Encantado depois do Gemellaggio<sup>9</sup>, então ouvi-se as conversas do que eles dizem lá, do que dizem aqui e dizem então que o Rio Grande do Sul, especificamente, a parte da região colonial italiana, tanto da primeira leva, Caxias, Garibaldi, Bento, segunda, Veranópolis, Maral, Rio da Antas, Flores da Cunha, a terceira, Encantado, Guaporé e a quarta que é Silveira Martins e a região de Santa Maria, que os italianos imigrantes tanto da primeira, segunda, terceira geração mantiveram aquelas tradições que os primeiros imigrantes trouxeram da Itália, eles trouxeram a música, que hoje o canto italiano ainda hoje prevalece. A gastronomia, a polenta, hoje come-se mais polenta no Brasil do que na Itália. Na Itália, aliás, é um prato de gala. Então a tradição gastronômica ela permanece até hoje, vejamos, a polenta, o risoto, a variedade de massas, que foi o italiano que trouxe, o radicci, que foi a primeira cultura da nossa agricultura no Rio Grande do Sul, principalmente aqui em Encantado, foi tradicional porque a primeira produção, o plantio da colônia italiana em Encantado, a primeira produção foi com o radicci, em quarenta dias, então festejaram a colheita do radicci, naturalmente acompanhado depois então do risoto. Essa cultura permanece até hoje (EQ, 2008, p. 4 - 5).

---

<sup>9</sup> "Gemellaggio" significa um acordo selado entre cidades consideradas irmãs, de nações diferentes. Esse acordo facilita o acesso a informações, troca de experiências e construção de projetos em diferentes áreas, como educação e cultura. No caso Encantado (RS/Brasil) é considerada cidade irmã de Valdástico/VI (Itália). O "Gemellaggio" - cidades irmãs, entre Encantado e San Pietro de Valdástico - aconteceu em julho de 1994.

Na opinião do entrevistado EQ, os descendentes dos imigrantes italianos mantiveram, intactas, digamos assim, as tradições gastronômicas, que os primeiros imigrantes trouxeram da Itália, mas sabemos que a gastronomia italiana atualizou-se, sofrendo agregações de outras etnias, não se mantendo essencialmente igual como ocorria na Itália.

A mulher, a dona-de-casa, tinha, além de suas inúmeras atribuições, a tarefa de manter e perpassar os costumes italianos a seus filhos e netos, para que a cultura não se perca.

Júlia Scarano (1996, p. 559) nos diz que, “cabe a dona de casa a tarefa de manter as tradições e os costumes, impedindo que sejam completamente esquecidos. A comida será um dos aspectos mais característicos e aglutinadores [...] o fato de constituírem um grupo familiar possibilitava a manutenção de pratos tradicionais [...]”.

Mas entende-se que a família como um todo, enquanto um sistema estruturado de relações interpessoais, exerce um papel muito importante na transmissão cultural.

Sobre este mesmo assunto, Ari Pedro Oro (1996, p.617) ressalta que, “a própria família, em razão de suas características, se constitui numa unidade reprodutora do grupo étnico onde especialmente la mamma e la nonna assumem a condição de “guardiãs simbólicas da identidade étnica”. O autor quer dizer que, a família se transformou num fator muito importante da identidade étnica, onde cada membro da mesma, possui um papel de destaque, embora a mamma (mãe) e a nonna (avó) sejam os pilares centrais dessa estrutura reprodutora da cultura.

É sabido que no imaginário popular europeu do século XIX, a América era sinônimo de abundância alimentar, identificada inclusive pela via de alguns agentes de imigração. Não é de se estranhar, pois, que a memória coletiva tenha sido particularmente sensível ao inscrever a eventual escassez, ou mesmo a invocada falta de alimentos, como uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos imigrantes, quando é concreto o fato de que a fome foi à causa fundamental de imigração.

Entretanto se o período de escassez, foi traumático no início da imigração, parece não ter sido longo, pois as florestas virgens foram dando lugar a lavouras de milho, trigo e feijão. Foram, também, implantados os primeiros parreirais e os primeiros pomares. A terra fértil

permitiu o cultivo de cereais e, dentre todos, o milho foi o que mereceu a maior área cultivada, pois se consumia muito a polenta.

Os descendentes de italianos no Rio Grande do Sul também manifestam sua identidade étnica mediante a reprodução de uma culinária própria, em parte trazida pelos imigrantes e em parte construída em solo gaúcho. Trata-se de um receituário considerado pela sociedade envolvente como típico de italianos, que põe a mesa, no cotidiano dos seus habitantes e especialmente em momentos festivos das comunidades locais, como sopa de agnolini, massas, polenta, salames, radicci, pães, queijo, doces, e muito vinho, de preferência de produção local. É possível perceber que muitas das práticas dos antigos imigrantes, em matéria de gastronomia, atualizaram-se e continuam vivas e em pleno uso, a polenta é um belo exemplo.

Os primeiros imigrantes italianos trouxeram para o Rio Grande do Sul uma grande variedade de massas, sendo elas, o tortéi, a taiadella, o agnolini, o bigoli e o espagueti. Os doces mais apreciados são a cuca, os biscoitos caseiros e os grostolis, além do sagu e do sùgolo (Molon, 2001b, p. 464 – 465). Essas massas, como regra, eram consumidas aos domingos e nos dias de festa, não pelo trabalho que exigiam, mas pelo ainda precário depósito da farinha de trigo.

Nem todas as mulheres imigrantes sabiam fazer massas como tortéi (recheado com abóbora) ou os agnolini, mas conhecido como capeletti (recheados com carne, presunto, queijo, pão ralado e ovo). Elas aprenderam a fazê-los com as suas vizinhas emigradas de outras áreas geográficas da Itália.

As trocas culturais não aconteciam somente entre as diferentes etnias, mas também entre os imigrantes italianos vindos de outras regiões da Itália. Como por exemplo, havia a troca de receitas realizadas entre as camponesas vênetas, lombardas e trentinas, com diferentes heranças culturais que enriqueceram ainda mais a culinária dos seus descendentes.

Um prato que foi largamente incorporado à mesa do brasileiro é o risotto, tradição trazida da Itália e que já fazia parte da culinária gaúcha, conhecido como carreteiro, usando, em especial, na sua elaboração o charque.

A abundância desses alimentos e do vinho, posta sobre longas mesas nos salões paroquiais ou nos pavilhões e consumidos por ocasiões de eventos festivos, são reconhecidos, tanto pela sociedade local quanto pela sociedade externa, como importantes símbolos da identificação étnica italiana.

Os usos e costumes dos descendentes italianos são, no nosso ponto de vista, o resultado de um agregamento que se processou, lentamente, num processo de troca, com os habitantes das regiões circunvizinhas. Neste processo, os italianos agregaram em seu cardápio a culinária dos gaúchos, sendo eles, o pinhão, charque, arroz, feijão, farinha de mandioca, abóbora, aipim, churrasco, a erva-mate e a cachaça. Da zona de colonização alemã, os descendentes de italianos aprenderam a apreciar a batata. Os “brasileiros” (como os italianos os chamavam) incorporaram a sua alimentação alguns pratos trazidos ou criados pelos imigrantes, sendo eles, a polenta, a sopa de agnolini, a fortaia (omelete com queijo ou salame), os bigolis (espaguete – macarrão) , o risoto, o radicci temperado com toicinho e é claro, o vinho (Molon, 2001b, p. 460).

Os imigrantes italianos mantêm algumas ligações com a cultura e sociedade de origem, por maiores que sejam os elementos agregados de outras culturas. Mesmo que os laços com a Itália estejam diluídos, a manutenção da identidade étnica é um fator importantíssimo para a preservação e perpetuação da cultura.

## **2.5 Jogos como forma de entretenimento**

Os jogos típicos dos primeiros imigrantes italianos, também podem ser vistos como parte integrante da identidade étnica. Os principais jogos eram, a mora, o jogo de bochas e o jogo de baralho. A mora (observe ANEXO 15) era um dos esportes preferidos, que marcava os filós e encontros ao redor da capela. Eles reuniam-se em torno da mesa e gritavam 2, 2, 2, 2, 3, 3, 3, 3, 6, 6, 6, 6, com os dedos na mesa. Fazia ponto quem somasse o número certo proposto, somando seus dedos estendidos e os do adversário. É esta também uma das explicações a ligeireza dos imigrantes em fazer as contas mentalmente (De Boni, 1982, p. 164).

Conforme o mesmo autor, o jogo de bochas, é outro esporte, que envolve ferrenhas competições. Jogava-se aos domingos. Muitas canchas eram até mesmo improvisadas nos poteiros, servindo como bochas pedras arredondadas, ou rústicas bolas de madeira feitas à mão .

Outro jogo muito apreciado, é o jogo de baralho (verifique ANEXO 16), que engloba a bisca, trisete, quatrilha, escova, entre outros. Assim como acontece com o jogo de bocha, este também é ainda um esporte dominical generalizado. A bisca, é o jogo que conta com a mais antiga tradição. Nos primórdios da imigração, havia quem desenhasse o baralho de bisca no papelão, pois o dinheiro era muito escasso. O jogo da bisca envolve grupos menores de torcedores que admiram a astúcia dos gestos e sinais dos competidores. Toda a partida está envolvida pelo mistério dos sinais, pela novidade, pelo imprevisto e pelo risco (De Boni, 1982, p. 164).

Concluindo, é possível refletirmos a respeito da primazia da auto-representação dos grupos em relação à cultura e constatar que, mesmo que os traços culturais mudem, as identidades persistem. A cultura é vista como algo dinâmico e em constante reelaboração. Além disso, a cultura, ao invés de ser o pressuposto de um grupo étnico, é de certa forma, produto deste, ou seja, nesta perspectiva o grupo gera a cultura, a sua identidade, em função das situações históricas e interétnicas.

Sobre este assunto, Zanini usando Fredrick Barth ressalta:

As identidades étnicas estabelecem-se em processos situacionais nas interações sociais e o fazem por meio da construção das fronteiras interétnicas, utilizando-se de sinais diacríticos que estabelecem as formas de auto-reconhecimento e de reconhecimento pelo outro. A identidade étnica de italianos é acionada em referência contrastiva aos demais brasileiros. É uma identidade situacional e processual, não é fixa ou definitiva, é antes um recurso interativo classificador (Zanini, 2007, p. 524).

A conservação de determinados traços culturais não significa necessariamente estagnação cultural, mas tão somente a valorização de alguma coisa profundamente enraizada e de significado identificador de máxima importância para os descendentes italianos. Muito, a respeito, pode ser observado, por exemplo, no campo dos cantos populares ou então no caso dos dialetos.

Sobre este assunto, José Luiz do Santos destaca:

[...] é comum que a cultura seja pensada como algo parado, estático. Vejam o caso de eventos tradicionais, que por serem tradicionais, podem convidar a serem vistos como imutáveis. Apesar de se repetirem ao longo do tempo e em vários lugares, não se pode dizer que esses eventos sejam sempre a mesma coisa. [...] o fato de que as tradições de uma cultura possam ser identificáveis não quer dizer que não se transformem, que não tenham sua dinâmica (Santos, 1983, p. 47).

A sociedade gaúcha constitui uma sociedade plural, composta de diferentes grupos étnicos que se identificam plenamente como gaúchos, mas que também sustentam uma identidade mais particularizada, apoiada, via de regra, em valores étnicos. Dessa forma, é importante assinalar que os vários grupos étnicos do Estado (índios, negros, italianos, alemães, poloneses, portugueses e espanhóis) convivem na sociedade gaúcha, porque dela participam, mas sem renunciar a própria identidade.

Os símbolos de representação da identidade étnica italiana não constituem, como já foi mencionado, a simples reprodução no presente de valores do passado, mas a reatualização dos mesmos, com as modificações inerentes as circunstâncias históricas. Assim, como vimos, os dialetos se alteraram, surgindo o coiné, mas o valor de uma língua própria da comunicação se manteve, algumas músicas tradicionais desapareceram, outras receberam letras novas, criaram-se também músicas novas, mas a melodia italiana e o gosto pela música se mantiveram, o catolicismo da imigração se transformou, mas a religiosidade perdura, até mesmo o filó se reatualizou, mas o caráter comunicativo e festivo continua.

A reivindicação étnica tanto faz sentido do grupo para fora, na criação e manutenção das fronteiras, como internamente, numa tentativa de constante auto-afirmação e controle na reprodução de determinados hábitos, costumes e formas de ser. Para construir a identidade de italiano no presente, os descendentes a visualizam como uma trajetória no sentido de que, se hoje são ítalo-brasileiros, isso se deve a uma origem que está assentada no passado.

Neste sentido, recorreremos novamente a Fredrik Barth, temos:

[...] as fronteiras persistem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam. Em outras palavras, as distinções de categorias étnicas não dependem de uma ausência de mobilidade, contato e informação. [...] as diferenças culturais podem permanecer apesar do contato interétnico e da interdependência dos grupos (Barth, 1998, p. 188).

Pode-se dizer então que, os italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul adquiriram uma dupla identidade, ou seja, brasileira e italiana. Esta situação é vivenciada pelos descendentes de italianos à medida que são brasileiros e afirmam essa identidade através da participação ativa na vida econômica do país, como também são descendentes de italianos e valorizam esta origem como elemento étnico e símbolo de distintividade. Nos dias atuais muitos descendentes de imigrantes italianos estão requerendo a dupla cidadania.

Sem dúvidas, podemos perceber uma integração de povos e culturas no Rio Grande do Sul, não acontecendo à absorção e a dominação de um pelo outro. Tratando-se dos descendentes de italianos mantêm-se a identidade italiana mas sem o rompimento da unidade regional.

### 3 A CONTINUIDADE DA CULTURA ITALIANA ATRAVÉS DOS FILÓS

Os filós são um dos aspectos da vida social das comunidades, o qual desempenha papel importante no conjunto das atividades dos grupos, ou seja, os filós são reuniões de pessoas da comunidade, em que também eram difundidas notícias vindas através das cartas, enviadas por parentes e amigos que ficaram na Itália. Faz parte da cultura italiana e foram os primeiros imigrantes que trouxeram esse costume para o Brasil a partir de 1875, e mais especificamente para o Rio Grande do Sul.

Sabemos que a cultura faz parte de um povo e que a mesma não pode ser entendida sem referência a realidade social de que faz parte. Sobre isso, José Luiz dos Santos (1983, p. 8), salienta que “cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos”.

A cultura de se fazer o filó, como se sabe, consistia num encontro social entre parentes, amigos e vizinhos, realizado muitas vezes no paiol, na cozinha, no porão ou mesmo ao ar livre. Depois da janta, homens, mulheres e crianças iam à casa do vizinho para conversar ou muitas vezes para debulhar o milho.

Segundo o entrevistados L, sobre o filó temos:

o termo filó, tão curto mas com um significado bastante amplo, eu lembro muito bem porque convivi com minha avó por muitos anos e ela morreu quase centenária e ela veio da Itália com experiência, porque ela veio com 22 anos de idade [...] enquanto eles conversavam, eles esfiapavam a lâ, lâ de cordeiro, lâ de ovelha, eles chamavam isso de filar, filó, vamos fazer um filó, era preparar a lâ de ovelha para

que elas se tornassem fios e depois ela era trabalhada para se tornar um fio de lã e a partir dali tecer redes, tecer tecidos de lã e por isso que a vó dizia “toquemo” filar e trabalhar com lá roca, roca era um instrumento antigo, rudimentar que trabalhava essa lã (EL, setembro de 2007, p. 1).

Na Itália, o filó era um pouco diferente do filó que ocorre no Rio Grande do Sul, pois lá o inverno era mais rigoroso e os vizinhos viviam próximos uns dos outros. Sobre isto, José Clemente Pozenato destaca:

A experiência vivida nas regiões de emigração, com exceção das regiões de montanha, era a de uma vizinhança próxima, em pequenas aldeias – os paesi. [...] O regime de colônias, com propriedades familiares da ordem de 25 hectares em média, oferecido ao imigrante no Rio Grande do Sul, obrigava-os a residir na propriedade. Com isso, os vizinhos mais próximos já não estavam ao lado, mas a centenas de metros de distância, separados ainda muitas vezes, pela floresta e por caminhos quase intransitáveis (Pozenato, 2000, p. 120).

Através das entrevistas verificou-se que, os depoentes não tinham muitas informações de como eram e como ocorriam os filós na Itália. Somente alguns entrevistados conseguiram nos relatar como seriam os filós na Itália, onde os mesmos achavam que eram parecidos com os praticados no Rio Grande do Sul.

Sobre esse assunto, uma entrevista informa:

[...] faziam o filó na Itália entre parentes próximos, geralmente os de menos posses, de menos possibilidades visitava quem podiam um pouco mais, porque? porque eles poderiam se aquecer do rigoroso inverno com os animais que eles mantinham fechados, estabulados, num compartimento ao lado da casa para que esse animal naturalmente oferecesse o calor que eles tinham, enquanto eles conversavam [...] ele era feito na Itália, não assim de uma forma tão divulgada, mas era feito entre familiares (EL, setembro de 2007, p 1).

Em reportagem ao jornal O Informativo, o presidente da comunidade de Jacarezinho no município de Encantado, Sr. Sérgio Agostini destacou como era o filó na Itália.

Para os imigrantes do Norte da Itália, o filó significava um momento de estar junto, seja para o trabalho, lazer ou necessidade de se abrigar dentro de casa na temporada de muita neve e intenso frio. A palavra significa trabalho com linha (laoro col filo), pois o fiar era a atividade principal da família nos dias de inverno com o instrumento rudimentar chamado roca. Na Itália, o filó era feito juntando-se famílias numa só residência com a finalidade de economizar lenha, que era escassa. Todos se ocupavam de alguma maneira. Alguns fiavam e outros contavam histórias (Jacarezinho, O Informativo, 20 de maio de 2008, p. 24).

Para entendermos o que significou para os imigrantes italianos estes encontros noturnos denominados de filós, temos que procurar conhecer melhor a cultura italiana, ou seja, só poderemos entender a importância destes encontros compreendendo toda a formação cultural que estes imigrantes tiveram. Complementando o que foi dito, o teórico da cultura José Luiz dos Santos (1983, p. 8) menciona que, “cada realidade cultural tem a sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam”.

Esses encontros noturnos também foram tidos como um momento em que os primeiros imigrantes se reuniam para amenizar o sofrimento causado pela imigração e pelo abandono sofrido por parte do governo. Servia também para suportar a saudade da terra natal, dos parentes e amigos deixados na Itália, pois famílias inteiras foram divididas devido a esse processo migratório.

No dia-a-dia, cada família vivia concentrada nos seus afazeres, devido a enorme distância entre as propriedades. Para que o encontro de vizinhos acontecesse, seria necessário então a criação de ocasiões especiais. Essas ocasiões eram na realidade, os filós.

Cada família estabelecia consistente amizade com os vizinhos. São consideradas vizinhas as famílias cujas terras fazem limites. Entre tais famílias reinava eficaz laço de amizade em que, às vezes, por algum motivo virava desavença. Para matar a angústia da solidão, os primeiros imigrantes passaram a se visitar quase que frequentemente e se auxiliavam até mesmo na construção da casa, na organização da lavoura, da horta, entre outras.

Sobre este assunto, o frei Rovílio Costa (1986, p. 33), enfatiza que, “pode-se dizer que ainda prevalece a extraordinária riqueza dos relacionamentos de amizade. O cultivo dos laços familiares, de parentesco e de vizinhança são testemunhados pela solidariedade irrestrita que as famílias se prestam nos momentos difíceis [...]”.

O envolvimento social amenizava a depressão e evitava desfechos mais trágicos. Quando a saudade e o desconforto batessem a porta, o remédio era, quase sempre, um copo de vinho, uma cantoria ou um filó bem aproveitado.

Para o entrevistado L, o filó era um momento de amenizar o sofrimento causado pela imigração, pois a saudade era imensa.

[...] a imigração foi um fenômeno que dividiu as famílias em duas partes, umas ficaram na velha Itália os que partiram, como acontecia a imigração? Quem fosse casado e bem estabelecido ficava e os outros partiam então e dividiam as famílias, uns vinham e outros ficavam [...] à saudade que eles tinham dos antepassados que ficaram, isso foi uma coisa marcante, muito grande e eles revelavam isso nos encontros que eles tinham [...] dos filós [...] (EL, setembro de 2007. p. 2 - 3).

Para Migot (2001, p. 48), o filó era, “uma reunião de famílias, à noite, geralmente aos sábados, para conversar, tomar vinho, comer grostoli e outras guloseimas. Nas capelas, aos domingos, os homens e as mulheres não se juntavam, mas no filó juntavam-se em agradável convivência. Via de regra, reunia duas ou três famílias”.

O filó italiano, era um encontro noturno, que reunia algumas famílias para conversar, rezar, dançar, comer e beber. No entendimento da entrevistada P, “o filó ele trata-se de uma festa da tradição italiana, típica de algumas regiões, provavelmente as mais frias do norte da Itália. É um costume que os imigrantes italianos trouxeram e que representa uma forma de confraternização entre as pessoas, onde muitos aspectos culturais são vivenciados” (EP, janeiro de 2008, p. 1).

Percebe-se que, vivendo em agrupamentos ao redor das capelas, cercados pela mata virgem e sem maiores meios de comunicação, os primeiros imigrantes italianos puderam preservar e repassar a seus filhos e netos, as peculiaridades dos diversos dialetos das províncias de origem, a prática da religião, dos costumes e das tradições. Um dos instrumentos importantes de socialização da cultura popular foi o filó, reuniões sociais nos quais os velhos transmitiam, oralmente, aos mais jovens toda a sabedoria acumulada de geração em geração, ou seja, transmitiam a cultura italiana, para que ela se perpetuasse.

Para que a cultura continue se perpetuando, a história deve ser transmitida aos mais jovens. Neste sentido a história oral pode ser uma grande aliada nessa tarefa, pois é um documento histórico muito importante. Através da história oral e das entrevistas, o passado também pode ser documentado, visto que “(...) Entrevistas de história oral são fontes que documentam o passado – experiências pessoais, acontecimentos, conjunturas – e as concepções sobre passado através de seqüências narrativas, isto é, pequenas histórias cujo

sentido está atrelado à forma com que são narradas, sendo impossível dar conta do primeiro (o sentido) sem considerar a segunda (forma)” (Alberti, 2004, p. 73).

E para documentar este passado tão valioso, é necessário gravar as entrevistas, pois através delas o depoimento oral se torna um documento histórico, ou seja, uma fonte de pesquisa como outro qualquer.

Neste sentido, Anita Leocádia Prestes aponta:

O depoimento oral é um documento histórico – uma fonte de pesquisa como outro qualquer. Deve ser, portanto, encarado, analisado, comparado e criticado como se faz com todo documento histórico. O que não significa que se deva desprezar suas especificidades. E, dentre elas, cabe destacar as imensas possibilidades que se criam a partir da entrevista oral com as pessoas que viveram determinados episódios, situar no centro dos acontecimentos aqueles que efetivamente deles participaram, aqueles que na verdade fizeram a história (...). O historiador adquire a oportunidade de misturar-se, de fundir-se com os verdadeiros protagonistas da História (Prestes, 2002, p. 240).

Voltando para o assunto dos filós, esses encontros foram sendo cultivados em todas as colônias italianas e congregavam várias famílias para conviver, conversar, comer, rezar e cantar. Essas famílias, ao entardecer, combinavam de se encontrar para juntas, confraternizarem as próprias experiências.

O filó era importante não só pelo seu aspecto sócio-cultural, mas também pelo aspecto econômico, pois sendo atividade exercida em horas de lazer, oferecia solução de mão-de-obra gratuita, estimulando o regime de troca, não só dos produtos da terra, como também do próprio trabalho braçal. O filó oportunizou a manutenção e, por vezes, o surgimento do artesanato doméstico, onde as mulheres remendavam a roupa, teciam as rendas de crochê, fiavam e teciam o linho. Sobre este assunto, Luis De Boni e Rovílio Costa destacam o seguinte:

No ambiente familiar, o filó tinha lugar principalmente nas temporadas de trabalhos artesanais: para preparar palhas de milho para as fábricas de palhas [...] para fazer trança (dressa) de palha de trigo para chapéus, bolsas (sporte) e cestinhos (cestelete) para frutas, ovos, etc. Os homens e rapazes [...] jogavam (jogos de baralho) (De Boni e Costa, 1982, p. 163).

Nas comunidades regidas por inflexíveis regras de comportamento, ditadas pela religião, o lazer e o entretenimento se circunscreviam ao jogo de bocha, de cartas, de mora e pequenas reuniões sociais, como, por exemplo o filó.

Depois de acomodados em seus humildes casebres, preferencialmente à noite, com a sua velinha, pois não havia energia elétrica, a família ia de uma casa a outra para fazer o filó. Assim, era rápido fazer amizade com os vizinhos, pois viviam isolados uns dos outros e poderiam conhecer-se melhor. Embora algumas famílias provinham de lugares da Itália diferentes, todos os imigrantes tinham a mesma história, o mesmo destino, a mesma fé e a enorme esperança de encontrar abundância, alimentos e liberdade.

Essas reuniões noturnas, aconteciam em determinadas épocas do ano, predominantemente nos meses mais frio, ou seja, dos meses de maio a setembro, pois não havia tanto trabalho na lavoura. A entrevistada EN, salienta que, “geralmente os filós eles aconteciam mais nos períodos/meses que eram mais frios, onde também o trabalho não era tão forte, porque primavera e verão já eles tinham mais trabalho, e nesses períodos de inverno, outono/inverno os dias mais curtos, anoitece antes, escurece antes, eles então pegavam a família e iam visitar” (EN, novembro de 2007, p. 1).

Como as propriedades eram longe uma das outras, a maioria das famílias ia a cavalo ou de carroça, mas se os vizinhos eram mais próximos, então iam a pé. Se fosse muito longe, as famílias que possuíam cavalos, colocavam as crianças e mulheres no cavalo e os homens iam a pé com o lampião aceso. Na época, não tinha energia elétrica por isso usavam-se lampiões. As casas geralmente tinham a velinha, à vela que chamavam de Chiaret, em italiano.

O filó, para alguns entrevistados, tinha uma razão para acontecer, que era a necessidade de conviverem, de confraternizarem, de saberem notícias da Itália, dos parentes e amigos que permaneceram por lá. Era também um momento em que as cartas recebidas da Itália eram lidas para todos os presentes. O entrevistado L ressalta que o filó foi uma necessidade.

[...] inicialmente foi por uma necessidade, necessidade de que? necessidade de comunicação porque quando eles vieram para o Brasil os nossos imigrantes, geralmente eles partiam do mesmo ponto, da mesma região e até mesmo da mesma cidade, e aqui quando recebiam os lotes eles ficavam um pouco distantes um dos outros e para poderem, digamos assim, conversar e se comunicar, eles faziam este filó [...] eles se visitavam, para poder levar alguma notícia e saber outras, [principalmente] da velha Itália, se alguém recebia uma carta era um livro sagrado que todos ali e a comunidade ficavam sabendo, não existia outro meio de comunicação senão a carta, a carta foi muito importante, e a partir dali então os filós eram feitos por familiares, para se ter notícias (EL, setembro de 2007, p. 1 - 2).

Segundo comentamos, entre os primeiro imigrantes e seus descendentes, era costume as famílias próximas se visitarem costumeiramente. Raramente alguém ficava em casa e as visitas tornavam-se freqüentes na ocasião da vindima, isto é, na época do amadurecimento das frutas tais como: melancia, melão, uva, entre outras. Como nem todos possuíam os mesmos produtos, sobretudo frutas, eis uma boa oportunidade para confraternizar, convidando os amigos e vizinhos para saborear as frutas da estação, ou então tomar um vinho doce e comer pipoca. Nestes momentos de alegria floresceram os cantos, as anedotas e se estreitam os laços de amizade.

Conforme as entrevistas realizadas, constatamos que os filós ocorriam sempre à noite, pois durante o dia, os imigrantes trabalhavam na agricultura. Como não havia máquinas, todo o trabalho era braçal e puxado com bois e a carroça. Devido a isso, o lazer somente podia ocorrer à noite.

Nos meses rigorosos de inverno, ou seja, dos meses de maio a setembro, a maioria das famílias eram recebidas na cozinha, devido ao fogão a lenha, para que pudessem se aquecer e também para esquentar o chimarrão e colocar os pinhões e amendoim na chapa do fogão.

A partir das entrevistas podemos perceber que, o filó era um momento para comemorar uma boa colheita (veja ANEXO 17), principalmente da uva e de algumas frutas como melão e melancia, além da safra de pinhão.

Neste sentido, o relato do entrevistado L, atesta:

[...] os filós eram feitos também e especialmente para comemorar a colheita, sempre que houvesse uma colheita, as colheitas são safras, que elas acontecem de ciclo em ciclo, por exemplo, quando era época da uva, então antes de apanhar a uva pra fazer o vinho, especialmente era feito uns filós pra tomar o vinho doce, digamos assim, o vinho logo feito, no segundo dia que é feito o vinho, aí a família que fizesse o vinho no segundo dia recebia visita de outras famílias, um filó para tomar o vinho doce, para confraternizar e assim as safras de pinhão, de melão, de melancia, aí então para dar tipo uma abertura a safra eles comemoravam fazendo o filó (EL, setembro de 2007, p. 2).

O entrevistado Q, tratando também da questão informa::

[... ] o filó servia para a comemoração. Então eu assisti, por exemplo, o filó em noites de comemorar a colheita da uva, a fabricação do vinho, então a uva era colhida de manhã, feito o vinho e a noite lá pelas tantas, o vinho já estava bom para

tomar, o vinho doce, então este era um momento para comemorar parte da produção de vinho, assim como quando havia a colheita de produtos, no caso da uva, no caso das frutas, havia na época muita melancia na nossa região, *então olha! as melancias estão maduras, vamos comer umas melancias* e lá tinha a reunião do filó então (EQ, fevereiro de 2008, p. 1).

O vinho era a bebida fundamental no filó e expressava intimidade e amizade entre os vizinhos. Pois se oferecia vinho as visitas amigas, sem perguntar se aceitariam, já as visitas estranhas inicialmente perguntava-se se aceitariam. O importante é que o vinho, nos encontros de vizinhos, era um convite a alegria.

Os primeiros imigrantes italianos enfrentaram muitas dificuldades no cultivo da terra, mas isso não os impediu que continuassem, plantando preferencialmente as culturas perenes, como por exemplo, os parreirais, que faziam parte da sua tradição.

Para o imigrante italiano foi uma alegria imensa serem donos de seu próprio vinho e tomá-lo quando bem entendessem. Isso demonstra que, logo que recebia o seu lote, o imigrante providenciava a plantação do seu parreiral e já preparava a pipa, com a idéia de fabricar vinho só para o uso da casa e também para brindar as visitas e os amigos.

Assim, com o vinho e o costume do filó, as visitas faziam-se mais freqüentes e mais alegres. Tanto é que com a alegria dos filós nasceu a idéia da indústria e comércio do vinho, determinando dessa maneira, a fama e a sorte dos imigrantes. Pode-se dizer que, com o vinho, o trigo e a banha, os imigrantes começaram a adquirir dinheiro e muitos deles enriqueceram. Na Itália, eles não eram donos de nada e no Brasil se tornavam donos de um pedacinho de chão, tão valorizado por estes imigrantes.

Os imigrantes italianos, inicialmente, produziam vinho para seu consumo próprio. Como todos os mediterrâneos, eles tinham o hábito de tomar vinho durante as refeições, este é um elemento intrínseco a sua cultura. O imigrante italiano é conhecido pela expansividade, espírito festivo, inclinação a festas, a boa comida e bebida.

Além da bebida, a mesa era também sempre farta. As famílias que saíam para fazer o filó não levavam nada para comer, pois a bebida e a comida eram oferecidos pela família anfitriã. A dona da casa, como cortesia, oferecia batata-doce cozida no forno, abóbora cozida, pinhões, pipoca, amendoim torrado, pão, salame, queijos, bolos e frutos da época.

Durante o filó as pessoas também costumavam alimentar-se com produtos derivados da criação e cultivo, normalmente fetsos pelo anfitrião do encontro, ou seja, o dono da casa ele recebia os convidados e normalmente oferecia produtos que eles criavam, produtos de animais que eles criavam. Algumas vezes faziam o conhecido “brodo”, comiam pão, amendoim, biscoito caseiro e outros produtos e a bebida típica era o vinho que eles mesmos produziam (EP, janeiro de 2008, p. 2).

O canto para o imigrante foi uma forma encontrada para esquecer as preocupações e os problemas da vida, sendo também uma espécie de celebração da coragem ante as dificuldades enfrentadas por eles. A comida e a bebida estavam ligadas ao canto, para criar um clima de cordialidade e amizade, proporcionando dessa maneira a integração entre todos. Pode-se dizer então que, o canto era um sedativo aos problemas do dia-a-dia.

O canto e as manifestações familiares, ou seja, a comida e a bebida, era uma resposta ao profundo desejo de conviver entre si, preenchendo aquele sentimento de solidão existente. Muitas vezes o excesso de vinho levava os colonos a cantarem alegremente. O canto se tornando típico nos encontros noturnos, fazendo florescer a música, a poesia e o humorismo, típico dos italianos. Formou-se até mesmo um provérbio em relação ao ato de cantar: “canta Che ti passa”, isto é, quem canta, seus males espanta.

Segundo o historiador encantadense Gino Ferri (1985), os imigrantes italianos e seus descendentes sempre foram amantes das artes, da música e do canto. Era comum, nas reuniões familiares ou em festas, ouvir-se belas canções italianas, onde se destacavam, “Mérica Mérica” (América, América), “La Bella Violetta” (A bela violeta), “La Vertinella”, Santa Lucia”, “IL Mazzolin di Fiori” (Aquele ramalhete de flores) e tantas outras, segundo as regiões de origem.

Sobre este assunto o entrevistado EQ destaca:

[... ] o canto, por exemplo, é uma coisa que permanece até hoje nos filós, é coisa normal, os cantos tradicionais, principalmente “Lá Mérica”, que os italianos não conheciam, “Mérica” é coisa nossa. Eu assisti na primeira vinda, quando eu fiz o projeto do Gemellaggio, veio uma comitiva receber a carta, a lei que denominava Encantado cidade irmã de Valdástico, veio uma comitiva de oito pessoas e foram recepcionados defronte a Igreja e depois da missa na entrada da Igreja o coral municipal cantou “Mérica mérica”, um padre que acompanhava a turma chorava, chorava, diz ele: *como é que pode, como pode ter acontecido isso, que eles chegaram a América, não encontraram nem palha, tiveram que dormir no terreno puro*, então ele chorava imaginando aquela cena, porque é uma música que foi para a Itália depois, exatamente depois do centenário (EQ, fevereiro de 2008, p. 4).

Esses encontros fortaleciam os laços de parentesco ou de amizade e propiciavam o início do namoro e um provável futuro casamento, além da manutenção de determinados padrões de comportamento. Até porque, os jovens não tinham muito lazer, como acontece nos dias atuais, então o filó era um momento propício para os jovens se conhecerem.

Segundo Favaro (1996, p. 283), “era por ocasião das festas e cerimônias religiosas nas capelas, ou nos filós da vizinhança, ou nos casamentos [...] a aproximação e o convívio propiciava a oportunidade do encontro dos olhares e o início do namoro”.

Conforme o entrevistado EQ (fevereiro de 2008 p. 6), o namoro poderia acontecer através do filó, pois o mesmo conheceu duas meninas através dos filós que participou “vou falar particularizando a coisa, eu também entrei nessa briga, eu namorei duas meninas exatamente dessas famílias onde se originava então, onde se realizavam os filós”.

Outros entrevistados ressaltam que muitos filós eram até mesmo programados para que houvesse o namoro. As famílias eram convidadas, para que acontecesse a aproximação desses jovens e surgisse dali um possível namoro e quem sabe, um futuro casamento.

Considerando isto, uma outra entrevista aponta:

[... ] eles se visitavam com interesses também, interesses por intercâmbios entre famílias era comum, quer dizer, o namoro, muitos filós deram origem a muitos namoros também, e outra coisa era o seguinte, para se chegar numa casa e fazer o filó, muitas vezes não era só uma família que ia, eram convidadas pessoas que tinham interesse, digamos assim, a minha família vai visitar fulano hoje, mas vamos convidar a família do fulano de tal, porque ele tá de olho na fulana, aí eu levava pra haver uma aproximação e um início de conversa e daí se começavam os namoros, então a gente faziam muitas vezes o filó, ele era digamos programado, o objetivo básico era o namoro, mascarado dizia não é ‘caso’ é uma casualidade, é um filó mas era um filó que se repetia toda semana né, até que, começavam conversar e assim brotavam esses namoros (EL, setembro de 2007, p. 4).

Entretanto, o namoro daquela época, era bem diferente dos dias atuais, onde o respeito era fundamental, nada de beijos e abraços. O namoro não passava de uma conversa amiga, de pessoas que se encontravam. Poderia se dizer que o namoro era a três, com a mãe ou avó sempre junto na sala.

Antigamente, o namoro comportava distância entre os namorados. Em geral, os namorados ficavam um em cada lado da sala. Nada de sentar no mesmo banco, ou andar de mãos ou braços dados. Muitos namoros tiveram seu início em frente à janela principal da

casa, de pé. Só depois de algum tempo, a dona da casa oferecia cadeiras aos namorados. O dar-se as mãos, significava somente a presença física, mas muito mais nem isto permitiam.

A educação sexual e íntima estava ausente do sistema familiar e social dos primeiros imigrantes. Isto evidencia uma educação incompleta, que bem se entende diante da precaução dos pais em manter oculto tudo o que se referisse a sexo, intimidade e amor. O entrevistado Q, relatou rapidamente como o respeito era fundamental em um namoro.

[...] na época, digamos 70 ou 80 anos atrás, não tinha aquela intimidade de hoje, hoje os jovens se encontram e já estão namorando ou indo a lugares impróprios e etc e tal. Como havia isso? Havia um respeito mútuo, uma tradição arraigada, um sapateiro me dizia uma ocasião, que a noiva dele precisava de um sapato e ele fez o sapato para a noiva, mas para tirar a medida do pé, a noiva apenas arredou o vestido assim, veja como os hábitos da época eram diferentes dos de hoje (EQ, fevereiro de 2008, p. 6).

Como no início da imigração italiana, as comunidades tinham um número bem reduzido de famílias, tudo leva a crer que o filó tenha sido mesmo, um momento de lazer para os jovens. No município de Doutor Ricardo, segundo a depoente EN (novembro de 2007, p. 3), “se a gente for analisar as nossas famílias lá por 1910, a gente percebe que os casamentos aconteceram entre as famílias locais, então isso pra nós, na comunidade, tá comprovado que o filó era realmente um encontro de jovens que podiam conversar, namorar e chegar então ao casamento”.

No interior dos municípios de Encantado, Doutor Ricardo e outros, comprova-se que o filó ainda continua, onde os vizinhos ainda mantêm o costume de se visitarem à noite, para colocar o assunto em dia. Conforme o depoente EO, no município de Doutor Ricardo, temos:

Ainda tem, não são tantas famílias, mas várias famílias que continuam, que ainda tem esse costume de fazer o filó, de visitar vizinhos. Eu conheço famílias que saem de casa a noite pra fazer filó até três vezes por semana, duas ou três vezes por semana, elas tem esse costume, ainda continua esse costume, a grande maioria não faz, mas uma vez que outra, todas as famílias ainda continuam fazendo, tem o filó um pouco diferente de antigamente, mas com certeza com aquela coisa da conversa (EO, novembro de 2007, p. 2 - 3).

Helena Confortin destaca que (1996, p. 585), “o costume [...] do filó, do terço em família, do brodo nas festas de aniversário, dos jogos de mora, quatrilha, bôcia nos serões, nas sedes das pequenas comunidades, o auxílio mútuo nas colheitas e etc... tudo isso é, ainda praticado nas pequenas comunidades [...]”.

Nos dias atuais, muitos municípios realizam os filós comunitários (verifique ANEXO 18), que envolve um número de famílias bem maior e que se realiza em um local mais espaçoso, para comportar o grande número de pessoas. O que antigamente era feito juntando famílias numa só residência, hoje se tornou uma grande confraternização comunitária. A depoente P, nos relata o que é um filó comunitário.

O filó comunitário também é um encontro de pessoas, sejam elas conhecidas ou não, onde é realizado, geralmente em um salão da comunidade, visto que envolve um público bem maior. Normalmente a organização de um filó comunitário é feita por uma comissão de moradores da própria comunidade, com o auxílio da Administração Municipal, de patrocinadores que colaboram com donativos e com a colaboração de participantes, através de um prato ou bebida, típicos da gastronomia italiana (EP, janeiro de 2008, p. 3).

Na comunidade de Jacarezinho, interior do município de Encantado, também se realiza o filó comunitário, sempre no dia 20 de maio. O depoente L, é um de seus organizadores e em entrevista, o mesmo nos diz porque surgiu e como funciona o filó comunitário no município.

[...] o filó comunitário na verdade ele surgiu como uma forma de resgate do passado dos nossos primeiros imigrantes que faziam este filó, como havia já uma geração que ouvia falar nesse termo filó, mas não conhecia, era explicado mas não existia a vivência, então eu falo pra ti da comunidade de Jacarezinho, ouve uma iniciativa da comunidade, da diretoria da comunidade, de resgatar o filó, mas como? fazendo o filó, vamos fazer um filó visitando famílias, inicialmente por meio ano, então a gente iniciou fazendo visitas a famílias, mas de uma forma até programada, um grupo de pessoas visitando as famílias, conversavam e procuravam fazer cenas idênticas da época dos filós, e depois então a gente passou a fazer no centro comunitário da comunidade, como? primeiro com um cenário característico, a gente procurava ir para o filó vestidos a moda antiga, junto o colono italiano, com a velinha na mão, a velinha a querosene, o lampião, com carroça a boi ou mesmo a cavalo, a gente fez os primeiros filós com essa encenação toda, quando a gente chegava no ginásio comunitário aí se fazia algumas orações e se cantava as ladainhas em dialeto, como se fazia antigamente, até hoje os filós de certa forma tão sendo feito desta maneira (EL, setembro de 2007, p. 5).

Um dos últimos filós programado, em que famílias foram visitadas e aparecem cenas semelhantes a dos filós antigos, conforme destacou o depoente L, ocorreu em julho de 2001, na casa do senhor João Francisco Pretto. Sobre este evento o Jornal Força do Vale publicou uma matéria e o depoente cedeu algumas fotos as quais comprovam o que está sendo dito (observe ANEXO 19 e 20). No ano de 2002 iniciou-se o filó comunitário no município de Encantado.

No filó comunitário, como o próprio nome diz, cada família leva um prato de comida típica ou uma bebida e todos comem comunitariamente, lembrando histórias dos

antepassados, isso aconteceu no filó comunitário de Jacarezinho em 2007 (verifique ANEXO 21). Neste sentido, os organizadores têm a preocupação de que as comidas e bebidas sejam feitas de forma artesanal, ou seja, em casa, para que o filó fique o mais original possível. Em relação a este assunto, temos:

[...] todos deveriam levar algum prato, bem, mas a gente proibiu uma coisa, não pode passar no mercado e pegar um salgadinho, pegar um pão, um cassetinho e levar pro filó, não é assim, tem que ser feito em casa, de uma forma mais rústica, uma coisa bem caseira, senão perde o sentido e a gente fica “meio” de vigia na porta para receber as pessoas e ao mesmo tempo olhar o que vem levando, e alguma coisa tranca no caminho, não, isso não vamos levar para mesa não, para mesa do filó, porque isso não pode? porque estamos resgatando um hábito e neste hábito não tinha as coisas mais modernas [...] (EL, setembro de 2007, p. 5).

No município de Encantado há uma lei municipal<sup>10</sup> que institui a data de 20 de maio como a “Noite do Filó” (veja ANEXO 22), conforme segue:

[...] no município de Encantado, inclusive, existe uma lei que dia 20 de maio é instituído o dia do filó, uma lei municipal de autoria do Legislativo, do vereador na época, que hoje é o prefeito municipal Agostinho Orsolin, instituiu o dia do filó 20 de maio, então na nossa comunidade a gente faz o filó no dia 20 de maio, não é o dia de semana que vale, sempre se fazia em sexta feira ou sábado, não interessa, é dia 20 de maio, seja em segunda, seja em terça, seja em uma quinta [...] (EL, setembro de 2007, p. 5).

Essa Lei, que instituiu o vinte de maio à “Noite do Filó”, tem como objetivo fortalecer os hábitos e costumes tradicionais, adotados pelos imigrantes italianos e como forma de vivenciar e difundir a tradição da cultura italiana. Sendo que os costumes e as tradições desta etnia são uma realidade no município de Encantado, lembrados e vividos diariamente pelos descendentes.

O responsável pela Lei que institui a “Noite do Filó” em vinte de maio, destaca:

[...] em Jacarezinho partiu de algumas famílias de começar a fazer esses encontros anuais e porém começou a ficar maior, eram muitas pessoas, as residências, as casas não tinham capacidade para acomodar tanta gente, isso eram cinquenta, cem pessoas, então as famílias da comunidade elaboraram, pensaram em montar um filó comunitário, então por isso que se centraliza na comunidade e eu vendo isso, que eu era vereador em dois mil e três, eu fiz questão então de valorizar ainda mais, dar um respaldo a mais, dar uma identidade maior do que é o filó, que é o dia das etnias, dia vinte de maio, então justamente Jacarezinho me inspirou e eu como vereador fui autor da Lei de constituir o dia do filó o dia vinte de maio [...] (EM, setembro de 2007, p. 3).

---

<sup>10</sup>Lei nº 2.360/2003, de 16 de julho de 2003, institui a “Noite do Filó”, no município de Encantado.

O filó comunitário, na opinião do entrevistado M, não é mais aquele filó da necessidade, da busca da informação, da troca de informações, como se fazia antigamente. O filó, nos dias atuais, é a grande concentração, a grande confraternização das famílias, da comunidade, de comunidades vizinhas, até de uma região, é o grande momento de confraternizar e valorizar aquilo que os nossos antepassados nos transmitiram.

No município de Doutor Ricardo, também se realiza anualmente o filó comunitário, onde além da farta gastronomia, é apresentado teatro e dança italiana. A entrevistada N é uma das pessoas responsáveis pela organização deste filó. Ela ressalta o funcionamento do filó no município de Doutor Ricardo, da seguinte forma:

Bom, o filó comunitário é um retrato, é um “resgate” do filó de antigamente, porque através do filó comunitário as pessoas tentam reviver, eu vou falar de Doutor Ricardo, principalmente no nosso município, reviver os costumes de antigamente. Hoje os filós comunitários eles não se parecem muito com os de antigamente, mas no filó comunitário se fala, *ah! antigamente era assim, te lembra? a gente jogava mora, a gente comia o pinhão, a batata*, às vezes a gente coloca a batata doce assada no forno, coloca então o queijo, o salame, o vinho na mesa, faz o momento da degustação da comida típica italiana, faz o momento religioso, nós temos aqui em Doutor Ricardo os padres, o padre Alberto que ele é italiano, canta italiano, reza-se o terço em italiano, as ladainhas em italiano também, o filó é composto por um momento religioso, um momento artístico, onde sempre tem alguma coisa da cultura italiana, ou uma pecinha de teatro toda ela em italiano ou uma dança que nós temos também em Doutor Ricardo, nós temos um teatro italiano, nós temos um grupo de dança italiana, então a gente coloca essa parte artística, mas essa parte artística ela esta associada ao dialeto italiano [...] (EN, novembro de 2007, p. 4).

O primeiro filó comunitário de Doutor Ricardo aconteceu em 19 de maio de 2006 (verifique ANEXO 23), no Ginásio de Esportes do município e teve como intuito engrandecer a semana italiana, que antecede a 20 de maio, dia da imigração italiana. A idéia de promover um filó comunitário partiu de um projeto do vereador Renato Pedro Treméa, que foi aprovado por unanimidade na câmara municipal. O filó iniciou com uma missa rezada em dialeto italiano, houve a apresentação de um teatro, apresentações de grupos de cantos italianos, apresentação do grupo folclórico de dança “Emballo dei bambini” (veja ANEXO 24), além da degustação de pratos, de bebidas típicas e dos jogos de cartas.

No ano de 2007, o filó em Doutor Ricardo congregou o canto, a dança, o teatro e a tradicional degustação de pratos típicos (observe ANEXO 25). A Companhia de Teatro Sonho e Magia (veja ANEXO 26), composta por 21 jovens da comunidade local, resgatou a história da colonização através da peça “O Espetáculo da Imigração Italiana”. Os atores encenaram a

batalha dos primeiros que chegaram ao Estado e, em especial, ao município de Doutor Ricardo, em dialeto italiano.

O filó comunitário, pode-se assim dizer, é um momento em que as pessoas recordam o passado e quem nunca viveu um filó, passa a conhecê-lo. Isso é até mesmo uma forma de mostrar como viviam os nossos antepassados para as gerações mais novas. No filó de Doutor Ricardo, as crianças e jovens vem caracterizados, imaginando como era aquela época. Os mais velhos também vão para o filó caracterizados (ver ANEXO 27).

[...] é bastante interessante porque a gente sente nas pessoas que é um momento em que eles recordam, mesmo quem nunca participou, nunca teve a oportunidade de viver o filó lá nos anos quarenta, nos anos trinta aqui em Doutor Ricardo, mesmo as crianças, os jovens, *ah! vamos pro filó*, alguns vem até caracterizados, com chinelos de pau sabe? com chapéu, com camisa xadrez, mas na verdade eles imaginam como era, ou nas recordações que os antigos fazem, mas é muito bom [...] até para os mais novinhos saberem onde estão as nossas raízes, o que eles faziam, porque eles chegaram aqui, o que eles passaram, para eles sentirem que nós temos uma identidade, que o povo tem uma memória, que a gente deve levar isso até a geração futura (EN, novembro de 2007, p. 4).

Por ser a colonização italiana algo intrínseco e cultivado no município de Doutor Ricardo, busca-se constantemente dar continuidade à cultura italiana, através de vários eventos, juntamente com a comunidade e com o grupo escolar, conforme destaca a secretária municipal de Educação, Daniela Weber Reginatto.

Com forte influência da descendência italiana, o município de Doutor Ricardo caracteriza-se por lembrar a etnia nos meios social e escolar. Somente neste ano a cidade promoveu e sediou quatro relevantes eventos no gênero: o Filó Italiano, o Espetáculo da Imigração Italiana, o III Encontro de Língua e Cultura Italiana do Vale do Taquari e, agora, pelo segundo ano, o Encontro Regional de Danças Folclóricas Italianas. De acordo com Daniela, apesar de cada evento ter um foco, o objetivo é sempre o mesmo: resgatar a cultura, os valores, os costumes e a tradição dos antepassados. (Dança, O Informativo, 27 de nov. de 2007, p. 11).

Uma noite para resgatar os costumes italianos, relembrar as músicas e danças, e degustar a comida típica. Foi nesse clima que ocorreu no dia 24 de novembro de 2007 o VII Encontro Regional de Danças Folclóricas Italianas. O evento reuniu cerca de 300 pessoas no ginásio esportivo do município de Doutor Ricardo. O momento mais aguardado foi o das apresentações artísticas, que contaram com sete grupos folclóricos dos municípios de Bento Gonçalves, Doutor Ricardo, Estrela, Lajeado e Vespasiano Corrêa. Com roupas típicas, cada elenco mostrou três canções genuinamente italianas. A secretária municipal de Educação, Daniela Weber Reginatto avaliou o evento destacando que, "O evento foi um sucesso, pois

conseguimos reunir um público formidável e vislumbrar com intensidade a nossa cultura" (Dança, O Informativo, 27 de nov. de 2007, p. 11).

Há no município de Doutor Ricardo dois grupos de danças folclóricas. Há 13 anos a Escola Municipal Olavo Bilac conta com dois grupos de dança italiana, o juvenil El Ballo Dei Bambini e o mirim. Ao todo são 36 alunos que ensaiam todas as quintas-feiras no turno inverso ao escolar.

Além desses eventos, há também a preocupação em manter a língua italiana no município através da comunidade escolar, onde desde 1994 foi iniciado um projeto de fomento à língua italiana e a mesma foi incluída no currículo escolar. Cerca de 50 estudantes da Escola Municipal Olavo Bilac estudam o italiano, onde as aulas são ministradas uma vez por semana para estudantes de 3<sup>a</sup> a 6<sup>a</sup> séries.

No ano de 2008, no dia 16 de maio, ocorreu a terceira edição do filó comunitário de Doutor Ricardo (verifique ANEXO 28), que contou com a presença de mais de mil pessoas oriundas da localidade e de diversos municípios vizinhos. Pode-se dizer que, o filó comunitário do município não é mais local e sim regional.

Já o filó comunitário de Encantado, procura, segundo seus organizadores, dar continuidade à cultura italiana promovendo um encontro noturno, muito parecido com o que era realizado visitando-se os amigos. Contemplando a farta gastronomia, o bom vinho, e a bela música. Sobre este assunto, o entrevistado L, salienta:

[...] os filós comunitários procuram resgatar exatamente, como o nosso imigrante fazia o filó, na parte culinária sempre com muita polenta, polenta brostulada, na chapa, com queijo e salame, fortaia, que é o omelete como é hoje, esse prato sempre nós temos dentro dos nossos filós, batata no forno, batata assada no forno. No forno a lenha, também é um prato indispensável, por que o nosso imigrante comeu muita batata também, na falta do pão, então, a batata era produzida por eles mesmos, então se come pão, cuca, salame feito em casa, caseiro, a copa, são embutidos que o imigrante fazia. Isso sempre é trazido na parte culinária e a bebida, vinho, vinho também as pessoas levam em garrações, em garrafas e colocam na mesa de forma comunitária, todos se servem, ou então a gente ainda coloca numa pequena vasilha de madeira, uma pipinha, então na torneirinha todo mundo se serve para ficar mais característico ainda, pra resgatar com mais fidelidade, e uma oração também, um Pai Nosso, uma ave Maria e umas ladainhas em dialeto [...] (EL, setembro de 2007, p. 6).

Alguns entrevistados usaram o termo resgate, mas somente poderemos resgatar uma cultura, em nosso entender, no momento em que ela desaparecer por definitivo, o que não é o caso do filó, que ainda permanece vivo, reunindo muitos amigos e famílias inteiras. Poderíamos dizer que a prática do filó nos remete ao recordar, ao reviver as tradições e os costumes italianos, mas não ao resgate dessa cultura, que ainda permanece atuante entre nós.

Dentro da programação do filó comunitário de Encantado, os seus organizadores preparam uma ala com as pessoas mais idosas, para mostrar como funcionavam as máquinas antigas que eram usadas na lavoura, conforme temos:

[...] existe uma ala que a gente sempre procura fazer com as pessoas mais idosa que participam do filó, então eles mostram como era costurada, existe a costureira com a máquina a mão, umas ficam moendo, moendo café ou moendo pão torrado com maquininhas antigas e outras ficam fazendo massa, com aquela máquina manual mais antiga, debulhador de milho bem antigo também, e como se limpava o trigo, existia uma máquina onde ventilava tocada a mão e a pé, existem demonstrações com objetos antigos, mas que ainda funcionam, para mostrar como era feito. Bom isso existe, é a parte mais cultural, vamos dizer, do filó, esta ala aí é demonstrado as principais tarefas, como malhar o ferro também, o ferreiro, então fica interessante, muitos jovens não conhece nada disso e o filó traz sempre alguma cultura também, a gente vai inovando, então se é para trazer, digamos no próximo filó, temos uma idéia de trazer fotografias antigas, cartas em italiano, documentos antigos, passaportes. São tudo coisas que a gente sempre vai abrindo um leque maior nos filós, a gente vai sempre criando e trazendo coisas que, num momento só não dá pra fazer então, é distribuído em diversos anos, é mais ou menos isso (EL setembro de 2007, p. 6).

No dia 20 de maio de 2008, ocorreu a sétima edição do filó comunitário de Encantado (veja ANEXO 29), que contou com a presença de mais de oitocentas pessoas oriundas do município, de diversos municípios vizinhos, sendo que até mesmo uma turma composta por 23 alunos do Curso de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) marcou presença no filó. Houve neste dia a degustação da comida típica. O colorido da polenta, rapadura, biscoitos, queijos, salame, pinhão e batata-doce se mesclou às delícias líquidas, como graspa e vinho colonial. Para o presidente da comunidade, Sérgio Agostini, o encontro atingiu os objetivos. ‘As pessoas entenderam que este não é somente um evento para chegar, comer e ir embora, mas também para conhecer a cultura italiana’ (Evento, O Informativo, 24/25 de maio de 2008, p. 39).

Tratando-se ainda do município de Encantado, além do filó comunitário, outro evento busca dar continuidade à cultura italiana, sendo este a Semana Italiana, que ocorre desde 1992 sempre nas primeiras semanas do mês de julho. A Settimana Dell Imigrazione Italiana foi instituída por decreto em 1993 (veja ANEXO 30), pelo então prefeito da época, Sr. Adroaldo

Conzatti, tendo em vista que Encantado conta com 75% de sua população descendente dos imigrantes que vieram da Itália. Através do jornal O Informativo de 05 de julho de 2005, o ex-prefeito Adroaldo Conzatti comenta sobre a importância deste evento durante a 13<sup>o</sup> Settimana Italiana.

‘Quando criamos a Semana Italiana, nossa intenção era resgatar a história da imigração italiana e envolver a comunidade, para que pudéssemos preservar e não perder nossas origens’, lembrou Conzatti, salientando que essa manutenção deve ser preservada. ‘Durante muito tempo nós tivemos um isolamento entre nossas origens (Itália) e Encantado. Nesta aproximação, Gino Ferri (*escritor e historiador*) teve um papel fundamental, pois, através de suas pesquisas, recuperou uma história perdida’, citou o ex-prefeito e atual diretor do Daer. Adroaldo Conzatti disse, no entanto, estar preocupado com o fato de não ter se conseguido preservar a arquitetura italiana. ‘Pouco resta das antigas construções’, lamentou. (Valdástico, O Informativo, 05 de jul. de 2005, p. 7).

No mesmo jornal, o vice-prefeito Luís Pedro Dalla Lasta, também mencionou a importância da Settimana Dell Imigrazione Italiana para o município, destacando:

[...] a Semana Italiana estava sendo uma satisfação, pois era um momento importante para reviver um pouco da história dos antepassados. ‘Eles apostaram nestas terras e fizeram a pujança de nosso município e Estado’, disse, não deixando de mencionar também as demais etnias, ‘todas responsáveis pelo desenvolvimento de nosso país’, acrescentou, mencionando ainda que um povo sem passado é um povo sem história e que para viver a história é preciso reviver o passado (Valdástico, O informativo, 05 de jul. de 2005, p. 7).

Durante a Settimana Dell Imigrazione Italiana várias atividades evidenciam a cultura trazida pelos imigrantes, como teatro, bailes típicos, músicas, danças, jogos de carta e até missa rezada no dialeto. Sem contar as comidas típicas características da boa culinária italiana. Este evento promove a integração das comunidades, buscando dar continuidade às tradições e a cultura dos colonizadores de Encantado. Juntamente com a Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo (Sictur), envolvem-se nas comemorações o Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi (GAN), o Círculo Trentino, a Associação Ítalo-Brasileira (Assibre) as comunidades e as escolas do município.

Conforme o coordenador da 15<sup>a</sup> Semana Italiana, o atual secretário de Indústria e Comércio Mauro Daros, as atividades realizadas durante toda a semana tiveram o intuito de preservar o legado dos imigrantes italianos. Sobre isto salienta:

[...] que os eventos reuniram bom público, especialmente crianças e jovens. Eles demonstraram grande interesse em se aprofundar na cultura italiana. ‘Todas as ações tiveram o propósito de manter os hábitos e costumes trazidos pelas famílias que colonizaram o município’ E acrescenta que a participação dos alunos na programação foi muito importante. ‘Porque foi uma oportunidade de ter contato mais direto com as riquezas culturais’ (Semana, O Informativo, 21/22 de jul. de 2007, p. 32).

Na mesma oportunidade, em relação à 15<sup>o</sup> Semana Italiana, o prefeito Agostinho Orsolin enfatizou o significado deste evento para o município de Encantado destacando que, ‘Todas as atividades serviram para proporcionar um entrelaçamento entre as famílias locais, resgatando a colonização dos italianos’ (Semana, O Informativo, 21/22 de jul. de 2007, p. 32).

A Semana Italiana de Encantado, além do intuito de aproximar as famílias das diversas comunidades que compõem o município, tem como objetivo básico promover a valorização da cultura italiana através das escolas, para que os alunos conheçam a cultura de seus antepassados. A Escola Estadual Antônio De Conto, localizada na comunidade de Jacarezinho procura durante a Semana Italiana vivenciar a cultura de seus descendentes, através da apresentação de teatro e danças folclóricas.

Por falar em cultura italiana, é bastante comum ouvirmos a expressão cultura italiana no Rio Grande do Sul. Na realidade, não existe uma cultura italiana entre nós, mas uma cultura de raízes italianas, pois a cultura da Itália é diferente da cultura que os descendentes italianos no Brasil possuem, pois vários elementos culturais oriundos de outras etnias foram agregados na cultura dos mesmos, ela não permaneceu intacta. Ainda sobre a cultura, equivocadamente tratamos a mesma como simples acontecimentos sociais e de comportamento, mas a cultura é mais do que isso. Sobre este assunto Clifford Geertz (1978, 24), menciona que, “a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos: ela é um contexto”.

Na 16<sup>o</sup> edição da Semana Italiana que ocorreu em julho de 2008, alunos e professores da escola encenaram a peça “La Fortuna Del Giglio” (veja ANEXO 31) no dialeto italiano, contando de forma bem-humorada a história de uma família italiana, que incluiu até mesmo um filé tradicional. Além disso, a escola promoveu no Clube Serrano de Jacarezinho uma exposição intitulada, “Valorizando Nossas Raízes”, onde as fotos mostraram alguns costumes dos antepassados italianos, como o casamento tradicional, a vida escolar, o lazer e demais

atividades realizadas pelos imigrantes. Segundo a diretora Luciana Pretto, a promoção faz parte de uma gincana iniciada em março e que se estende até o final do ano. Segundo ela, ‘O objetivo principal é valorizar a cultura, resgatar e vivenciar como os nossos antepassados viviam’ (Costumes, O Informativo, 17 de jul. de 2008, p. 26). Participaram do evento as equipes Fin que lá dura mai paúra, Resgatando o Passado e Construindo o Futuro, Tuto per L’amore e Guiados Pela Fé.

Conforme a diretora, a idéia de lançar um projeto nestes moldes surgiu pelo fato de mais de 90% dos alunos serem de origem italiana e a escola estar inserida numa comunidade constituída por um grande número de descendentes italianos. O trabalho principal consistiu na entrevista com os moradores mais antigos da comunidade. No bate-papo os estudantes fizeram perguntas relacionadas à organização familiar, educação dos filhos, religiosidade, trabalho na roça, alimentação, recreação, lazer, artesanato e outros fatores determinantes da cultura italiana. A diretora Luciana Pretto mais uma vez destacou a importância deste evento mencionando que, ‘desta forma, as equipes têm a oportunidade de conhecer a história da comunidade, resgatando a vivência de valores, o cultivo da fé, a valorização da família, a produção orgânica de alimentos, o respeito ao ambiente, o lazer de forma saudável e os cuidados com a vida’ (Rapadura, O informativo, 11 de jul. de 2008, p. 21). Também fizeram parte da gincana o plantio de árvores, cultivo da horta, promoção de desfiles à moda antiga, resgate das orações, canções e provérbios italianos.

A partir disso, finalizamos este capítulo reforçando o fato de que, o colono de origem italiana, mesmo passados mais de cem anos desde a chegada dos primeiros imigrantes, conserva a sua herança cultural, com seus valores e padrões, com suas características e atividades típicas, apesar de novos elementos terem sido agregados a sua cultura. A uva e posteriormente a fabricação do vinho, assim como a polenta, continua até hoje fazendo parte da típica do descendente italiano, representando um verdadeiro símbolo da cultura.

Como foi mencionado, a cultura oriunda dos imigrantes italianos conservou-se, mas houveram agregações de novos elementos e isso aconteceu devido ao contato com outras culturas. Contribuindo para essa questão, Peter Burke (2003, p. 101 – 102) salienta que, “em nosso mundo, nenhuma cultura é uma ilha. Na verdade, já há muito que a maioria das culturas deixaram de ser ilhas [...] todas as tradições culturais hoje estão em contato mais ou menos

direto com tradições alternativas [...] as tradições são como áreas de construção, sempre sendo construídas e reconstruídas”.

A função dos filós também foi reconstruída no Brasil, adaptando-se as necessidades locais. Percebemos que a prática do filó revela uma interdependência individual e grupal e representou um forte elemento de coesão do grupo, pois reunia e continua reunindo famílias inteiras para confraternizar, além de manter um costume trazido da Itália. Sob o aspecto cultural é interessante notar que essas reuniões eram e ainda são animadas por cantos populares, fala-se o dialeto, bebe-se um bom vinho e apreciava-se uma mesa farta.

Verificamos que além dos filós comunitários, outros eventos evidenciam a cultura italiana e demonstram a sua continuidade como, por exemplo, a Semana Italiana que ocorre no município de Encantado. É uma festividade que se realiza anualmente no mês de julho e busca valorizar a cultura italiana, através de jantares com cardápio típico, apresentação de teatro em dialeto italiano, exposição de móveis e máquinas antigos, exposição de fotos antigas, apresentação de corais italianos, entre outros.

Os imigrantes italianos cultivaram terras, construíram fábricas, edificaram cidades, e, principalmente, contribuíram para a formação da identidade nacional, em especial a rio-grandense. Seus descendentes estão distribuídos em vários municípios do Estado e, juntamente com portugueses, espanhóis, alemães, poloneses, japoneses, russos, judeus, índios, negros e outras etnias, constituíram e constituem o povo gaúcho, o qual é reconhecido pela sua diversidade étnica.

Os descendentes de italianos no Rio Grande do Sul, ao se considerarem italianos, estão reivindicando a condição de um grupo étnico à parte, grupo que se identifica enquanto gaúcho e brasileiro, mas sobretudo de origem italiana, continuador da cultura e dos valores trazidos pelos antepassados oriundos do Norte da Itália.

Sobre este assunto Fredrick Barth (1998, p. 187), comenta que, “[...] todo o raciocínio antropológico baseia-se na premissa de que a variação cultural é descontínua: que haveria agregações humanas que, em essência, compartilham uma cultura comum e diferenças interligadas que distinguiriam cada uma dessas culturas, tomadas separadamente de todas as outras”.

O Brasil pode considerar-se privilegiado porque, através da imigração, somou as heranças culturais das diversas etnias (índios, negros, portuguesa, alemã, italiana, polonesa, japonesa e outras). Especialmente num momento histórico em que recrudescem no mundo intolerâncias raciais e guerras civis entre povos, sobressai o exemplo brasileiro, no convívio pacífico das etnias, dentre elas o italiano.

Os imigrantes italianos nos deixaram um legado de trabalho, de cultura e de fé, representados na culinária, no dialeto, nas canções, na religião, na alegria e na maneira de viver. Acreditamos que, registrar e preservar as diferenças lingüísticas, as tradições e as características culturais que compõem a história de um povo através desses encontros, enobrecer o passado e o presente e, certamente, deixará para o futuro um legado muito valioso.

## CONCLUSÃO

Os italianos vieram para o Brasil no final do século XIX, mais precisamente no ano de 1875, trazendo consigo uma ampla bagagem cultural, que foi perpassada para seus filhos e netos de geração para geração. Vários de seus hábitos, costumes e tradições permaneceram, mas houve o agregamento de novos elementos culturais, assim como outras etnias também agregaram elementos da cultura italiana como, por exemplo, à gastronomia, que proporcionou inúmeras trocas culturais.

No Brasil, mas em especial no Rio Grande do Sul, a cultura dos imigrantes italianos pode ser caracterizada pela presença dos diversos elementos que a compõem, tais como, a religião, que sempre foi uma espécie de sustentáculo, a gastronomia e o dialeto, que foram uma forma de preservar e demonstrar a identidade étnica do grupo, as canções, que falam de amor, traição, guerra, tendo a função de dar alegria e por fim, o entretenimento, que durante os primeiros anos da imigração propiciou ajuda mútua, conforto psicológico e lazer, destacando-se desta forma os encontros noturnos, mais conhecidos por filó.

A partir disso, o objetivo geral do estudo visou analisar e compreender, a partir de fontes bibliográficas, documentais e da História Oral, os elementos da cultura italiana, seja através da prática dos filós comunitários, em municípios como Encantado e Doutor Ricardo, seja através de outros eventos, tais como a Semana Italiana no município de Encantado, o Espetáculo da Imigração Italiana, o Encontro de Língua e Cultura Italiana do Vale do Taquari e o Encontro Regional de Danças Folclóricas Italianas que acontecem no município de Doutor Ricardo ou então através dos diversos costumes de seus descendentes. Dentre os objetivos

específicos, pretendemos: a) Identificar os vários elementos que compõem a cultura italiana; b) Perceber os filós e os outros eventos como uma das formas de comunicação e entretenimento entre as famílias; c) Demonstrar que os filós comunitários possibilitam ou não aos jovens conhecerem a cultura de seus antepassados; d) Analisar e comparar os depoimentos sobre os filós.

Visando analisar e entender a cultura italiana, levantamos como problemática as seguintes questões: Há uma continuidade da cultura italiana? Quais os elementos que indicam essa continuidade? É possível afirmarmos que os filós são um indicativo de continuidade da cultura italiana? Quais os tipos de filós que existiam e/ou existem?

Relativo as problematizações apresentadas para a pesquisa, às hipóteses levantadas foram: A primeira delas é que a cultura teve uma continuidade no Brasil, mantendo-se exatamente como ocorria na Itália, inclusive com os mesmos tipos de filós. Em relação a segunda hipótese, dizemos que a cultura italiana é mantida, mas reatualizou-se através de elementos novos no Brasil e não se repete da maneira como ocorria na Itália. Isto é o que também acontece com os filós.

Quanto à segunda hipótese, constatamos que a cultura italiana é mantida, mas reatualizou-se através de elementos novos no Brasil e não se repete da maneira como ocorria na Itália. Isto é o que também acontece com os filós. A cultura manteve-se, mas no contato com outras etnias, agregou vários elementos novos, principalmente dos alemães, açorianos e dos luso-brasileiros, demonstrando desta forma, que a cultura não ficou intacta, repetindo-se exatamente como ocorria na Itália. O mesmo aconteceu com os filós, que já na Itália existia como uma reunião de vizinhança, reatualizou em parte a sua função no Brasil.

Quanto à primeira hipótese, de que a cultura italiana se manteve exatamente como ocorria na Itália, isto é, intacta, até mesmo no que diz respeito aos filós ou então que isso ocorreu devido ao isolamento sofrido pelos primeiros imigrantes não encontramos confirmação, pois baseando-nos em estudos de autores como Geertz (1978), Santos (1983), Brandão (1986), Barth (1998) e Burke (2003), reafirmamos que a cultura não é estática, parada e morta, muito pelo contrário, a cultura é um processo dinâmico e em constante transformação. Sabemos que os primeiros imigrantes italianos não estavam isolados, havia o convívio com outras etnias, como os alemães e os luso-brasileiros, por exemplo. Mas para

alguns autores como, Ângelo Trento (1988), Olívio Manfroi (1987), José Clemente Pozenato (2000) entre outros, que abordam a cultura italiana, ainda persiste a visão simplista e etnocêntrica de que o isolamento geográfico e social tenha sido os fatores principais para que a cultura italiana se mantivesse e se perpetuasse.

Como vimos, a cultura oriunda dos imigrantes italianos transformou-se e não permaneceu intacta, mas isto não significa perda cultural. Sobre este assunto José Luiz do Santos (1983, p. 47) destaca que “nada do que é cultural pode ser estanque, porque a cultura faz parte de uma realidade onde a mudança é um aspecto fundamental. No entanto, às vezes fala-se de uma cultura como se fosse um produto, uma coisa com começo, meio e fim, com características definidas e um ponto final”.

Os filós também reatualizaram a sua função no Brasil, onde de um simples encontro de convívio social que ocorria na Itália, devido a uma vizinhança próxima, o mesmo passou a ser também um encontro de ajuda e apoio mútuo no Brasil, pois os vizinhos mais próximos já não estavam mais ao lado, mas a centenas de metros de distância, separados ainda, muitas vezes, pela floresta e por caminhos quase intransitáveis. A partir disso, não é difícil imaginar o quanto à função do filó se modificou, tornando-se um momento para dividir as angústias e medos, de conforto psicológico, de comunicação, de confraternização, mas principalmente de entretenimento. Portanto, constatamos que não houve o puro e simples transplante de um costume, mas a sua reatualização em vista de novas necessidades, ou seja, no lugar de um projeto de vinculação aos padrões culturais de origem, a cultura italiana desenvolveu-se no Rio Grande do Sul devido ao modo de adaptação às novas condições por aqui encontradas.

Verificamos que isso também acontece com outros elementos da cultura oriunda da imigração italiana, tais como, os hábitos alimentares, a língua, a vida religiosa, as canções, onde percebemos que ela não é simplesmente repetida, mas sim atualizada, ocorrendo o agregamento de novos elementos. Notamos que esses elementos que indicam a continuidade da cultura italiana estão presentes no dia-a-dia de seus descendentes.

Através deste trabalho podemos ainda perceber que os filós comunitários, que ocorrem nos municípios de Encantado e Doutor Ricardo evidenciam a continuação da cultura italiana através da manutenção dos dialetos, da gastronomia, da religião, das canções, das danças e através de apresentações culturais.

Neste sentido percebemos que os filós comunitários não são os únicos meios que proporcionam a continuidade da cultura italiana nos municípios de Encantado e Doutor Ricardo, isto porque estes mesmos municípios promovem eventos que também evidenciam a cultura de seus antepassados, tais como: a Settimana Dell Imigrazione Italiana que ocorre todos os anos no município de Encantado ( a qual já está na sua 16<sup>o</sup> edição), apresentação do “Espetáculo da Imigração Italiana”, o Encontro de Língua e Cultura Italiana do Vale do Taquari e o Encontro Regional de Danças Folclóricas Italianas que acontecem no município de Doutor Ricardo.

Constatamos que os objetivos deste trabalho foram alcançados, pois através dos filós comunitários e dos outros eventos já mencionados, os vários elementos da cultura italiana mostraram-se em evidência, possibilitando dessa forma a sua continuação e perpetuação. Os jovens, que muitas vezes desconhecem a cultura de seus antepassados, ou seja, as suas próprias raízes, têm a oportunidade de vivenciar e presenciar, através de móveis antigos que ainda funcionam, fotografias e vestimentas como viviam e eram as tradições e os costumes daqueles que colonizaram os municípios de Doutor Ricardo e Encantado.

Em relação às entrevistas, tivemos a oportunidade de conhecer melhor a cultura italiana, o que nos fez perceber que permanecem enraizadas nos seus descendentes. Através da análise dessas entrevistas chegamos a conclusão de que as pessoas mais idosas devem ser ouvidas para que a história não se perca.

Relacionado aos filós comunitários, os mesmos tornaram-se na atualidade uma forma de comunicação e entretenimento entre as famílias, além de dar aos jovens a oportunidade de conhecer melhor a cultura de seus pais e avós. Finalizando a pesquisa, podemos concluir afirmando que a cultura italiana tem a sua continuidade através dos vários elementos que a compõem.

## FONTES

### - Documentais

ÂNGELO Giusti. Música “Mérica Mérica”, letra em dialeto italiano e tradução, 1875. Disponível em: [www.italiasempre.com/verpor/merica-merica2.htm](http://www.italiasempre.com/verpor/merica-merica2.htm). Acesso em: 26 de julho de 2008.

COMILANÇA e integração programadas para terça. **O Informativo do Vale**, Lajeado, p. 12, 15 de maio de 2008.

COSTUMES em mostra. **O Informativo do Vale**, Lajeado, p. 26, 17 de julho de 2008.

DANÇA, música e comida resgatam tradições. **O Informativo do Vale**, Lajeado, p. 11, 27 de novembro de 2007.

DECRETO nº 50/93, Encantado, 11 de junho de 1993.

DESFILE, danças e apresentações encantam. **O Informativo do Vale**, Lajeado, p. 25, 14 de julho de 2006.

EL Filó. **Força do Vale**, Encantado, p. 3, 13 de julho de 2001.

ENCONTRO vai debater cultura e língua italianas. **O Informativo do Vale**, Lajeado, p. 33, 05 de outubro de 2007.

ENTREVISTA L. – 17 de setembro de 2007. Gravação em fita mini-cassete. Encantado/RS

ENTREVISTA M. - 14 de setembro de 2007. Gravação em fita mini-cassete. Encantado/RS

ENTREVISTA N. – 21 de novembro de 2007. Gravação em fita mini-cassete. Doutor Ricardo/RS

ENTREVISTA O. – 21 de novembro de 2007. Gravação em fita mini-cassete. Doutor Ricardo/RS

ENTREVISTA P. – 28 de janeiro de 2008. Gravação em fita mini-cassete. Encantado/RS

ENTREVISTA Q. – 13 de fevereiro de 2008. Gravação em fita mini-cassete. Encantado/RS

EVENTO evidencia pratos típicos e resgata cultura. **O Informativo do Vale**, Lajeado, p. 39, 24/25 de maio de 2008.

EVENTO faz homenagem em Encantado aos 130 anos da imigração italiana no RS. **O Informativo do Vale**, Lajeado, p. 05, 04 de julho de 2005.

EXPOSIÇÃO retrata costumes. **O Informativo do Vale**, Lajeado, p. 18, 18 de julho de 2008.

FILÓ resgata costumes da colonização italiana. **Força do Vale**, Encantado, p. 12, 25 de maio de 2007.

FILÓ resgata cultura italiana e integra inclusive pessoas de outros países. **Jornal Antena**. Encantado, p. 12, 29 de maio de 2008.

FILÓ uma mistura de tradição e alegria. **Jornal Antena**. Encantado, p. 6, 29 de maio de 2008.

FOTOGRAFIA – Apresentação da Companhia de Teatro Sonho e Magia em dialeto italiano em Dr. Ricardo. Arquivo da Prefeitura de Dr. Ricardo, 2007. 13 cm x 16 cm.

FOTOGRAFIA – Apresentação da peça de teatro “La Fortuna Del Gigio”. Arquivo da Prefeitura de Encantado, 2008. 13 cm x 8 cm.

FOTOGRAFIA – Baile da 3<sup>o</sup> Idade. Arquivo do Jornal O Informativo do Vale, Lajeado, 11 de julho de 2006, p. 21.

FOTOGRAFIA – Confraternização do filó. Acervo particular do Sr. Sérgio Agostini, julho de 2001. 8 cm x 7,5 cm.

FOTOGRAFIA – Filós comunitários. Arquivo da Prefeitura de Doutor Ricardo, 2008. 11 cm x 15 cm.

FOTOGRAFIA – Fotografia que demonstram que a religião foi um elo de coesão. Arquivo da Prefeitura de Doutor Ricardo, 2008. 11 cm x 14 cm.

FOTOGRAFIA – Jogo de mora. Arquivo da Prefeitura de Encantado, julho de 2004. 13 cm x 15 cm.

FOTOGRAFIA – Pessoas idosas vão para o filó comunitário caracterizadas. Arquivo da Prefeitura de Doutor Ricardo, 2008. 10 cm x 10 cm.

FOTOGRAFIA – Tradições, usos e costumes dos italianos. Arquivo da Prefeitura de Doutor Ricardo, 2007. 11 cm x 16 cm.

FOTOGRAFIAS – Apresentação do grupo de danças folclóricas mirim “Emballo dei bambini” de Dr. Ricardo. Arquivo da Prefeitura de Doutor Ricardo, 2008. 10 cm x 16 cm.

FOTOGRAFIAS – Demonstração dos pratos típicos da colonização italiana e degustação. Arquivo das prefeituras de Doutor Ricardo e Encantado, 2008. 10 cm x 10 cm

FOTOGRAFIAS – Filós (colheita). Arquivo da Prefeitura de Doutor Ricardo, 2008. 11 cm x 16 cm.

FOTOGRAFIAS – Polenta brustolada. Arquivo das prefeituras de Doutor Ricardo e Encantado, 2008. 11 cm x 7 cm

JACAREZINHO promove hoje o 7º Filó Italiano. **O Informativo do Vale**, Lajeado, p. 24, 20 de maio de 2008.

JOGOS de carta fazem parte da Semana Italiana. **O Informativo do Vale**, Lajeado, p. 32, 13 de julho de 2006.

LEI nº 2.360/2003, Encantado, 16 de julho de 2003.

MÚSICA La Bella Polenta, letra em dialeto italiano e tradução. Disponível em: [www.italiasempre.com/verpor/labellapolenta2](http://www.italiasempre.com/verpor/labellapolenta2). Acesso: 26 de julho de 2008.

MÚSICA Quel Mazzolin di Fiori, letra em dialeto italiano e tradução. Disponível em: [www.italiasempre.com/verpor/quelmazzolin2.htm](http://www.italiasempre.com/verpor/quelmazzolin2.htm). Acesso: 26 de julho de 2008.

PRIMEIRA Noite do filó reúne comunidade. **Força do Vale**, Encantado, p. 7, 26 de maio de 2006.

PRIMO Filó Italiano de Doutor Ricardo. **Força do Vale**, Encantado, p. 11, 12 de maio de 2006.

RAPADURA tem destaque no arraial da Antônio De Conto. **O Informativo do Vale**, Lajeado, p. 21, 11 de julho de 2008.

SEMANA Italiana começa amanhã. **O Informativo do Vale**, Lajeado, p. 25, 07 de julho de 2006.

SEMANA Italiana mantém cultura dos imigrantes. **O Informativo do Vale**, Lajeado, p. 32, 21/22 de julho de 2007.

VALDÁSTICO vai ser sede do governo hoje. **O Informativo do Vale**, Lajeado, p. 07, 05 de julho de 2005.

VALE do Taquari celebra imigração e cultura italianas. **O Informativo do Vale**, Lajeado, p. 12, 09 de outubro de 2007.

VALE do Taquari: banco de dados regionais. Disponível em: <http://www.univates.br/bdr>. Acesso em: 03 de agosto de 2008.

#### - Bibliográficas

ÁLBUM comemorativo do 75º aniversário da colonização italiana no Rio Grande do Sul. 2º Ed. Porto Alegre: Livraria Sulina.

ALBERTI, Verena. **Ouvir e contar**: textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

BATTISTEL, Arlindo I. **Colônia italiana: religião e costumes**. Porto Alegre: EST, 1981.

\_\_\_\_\_; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos: vida, história, cantos, comidas e estórias**. V.1 Porto Alegre: EST/EDUCS, 1982.

BERNARDI, Paulo. A canção popular italiana em processo migratório. In: SULIANI, Antônio (org). **Etnias & carisma: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 901 – 910.

BORGES, Stella. **Italianos: Porto Alegre e Trabalho**. Porto Alegre: EST, 1993.

\_\_\_\_\_; COSTA, Rovílio. Calabreses: cidadão do mundo. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE A IMIGRAÇÃO ITALIANA, 1996, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: EDUCS, 1999, p. 228 – 239.

BUNSE, Heinrich Adam Wilhelm. **O vinhateiro. Estudo etnográfico-lingüístico sobre o colono italiano no RS**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Instituto Estadual do Livro, 1978.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade & Etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. CASTROGIOVANNI, Antônio (org). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000, p. 83 - 133.

CONFORTIN, Helena. Comportamentos de falares bilíngües do Alto Uruguai gaúcho. In: DE BONI, Luis A. (org) [et. al]. **A presença italiana no Brasil**. Volume III. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1996, p. 572 – 589.

CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário (org). **Raízes italianas do Rio Grande do Sul: 1875 – 1997**. Passo Fundo: UPF, 2000.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. 2º Ed. São Paulo: Ática, 1991.

COSTA, Rovílio (org). **Povoadores das Colônias Alfredo Chaves, Guaporé e Encantado**. Porto Alegre: EST, 1997.

\_\_\_\_\_. **Imigração italiana no Rio Grande do Sul**. 2º ed. Caxias do Sul: EST/EDUCS, 1986.

\_\_\_\_\_. Valores da imigração italiana cem anos após. In: HOHLFELDT, Antônio. et alli. **Imigração Italiana: Estudos**. Porto Alegre: EST, Caxias do Sul: UCS, 1979, p. 199 – 207.

\_\_\_\_\_. A literatura dialetal italiana como retrato de uma cultura. In: DE BONI, Luis (org). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1987, p. 383 – 404.

DAMATTA, Roberto. Nação e região: em torno do significado cultural de uma permanente dualidade brasileira. In: SCHULER, Fernando Luis; BORDONI, Maria da Glória (org). **Cultura e identidade regional**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

DE BONI, Luis A.; COSTA, Rovilio. **Far la merica: A presença italiana no Rio Grande do Sul**. 1. ed. Porto Alegre: Riocell, 1991

\_\_\_\_\_. **Os italianos no Rio Grande do Sul**. 2º ed. Porto Alegre: Editora Vozes, 1982.

FAVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

\_\_\_\_\_. Os “Italianos”: entre a realidade e o discurso. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau. **Império**. Volume II. São Paulo: Editora Méritos, 2006.

\_\_\_\_\_. Amor à italiana (O real e o imaginário nas relações familiares na Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul). In: DE BONI, Luis A. (org) [et. al]. **A presença italiana no Brasil**. Volume III. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1996.

FELIX, Loiva Otero. **História & memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

FERRI, Genuíno Antônio. **Encantado – sua história, sua gente**. Encantado: Editora BG Ltda, 1985.

FILIPPINI, Renato. Música revista: o aproveitamento de elementos folclóricos na criação. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE A IMIGRAÇÃO ITALIANA, 1996, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: EDUCS, 1999, p. 329 – 332.

FURLAN, Oswaldo Antônio. **Brava e buona gente, cem anos pelo Brasil**. Florianópolis, Santa Catarina: Ed. Do Autor, 1997.

FROZI, Vitalina Maria; MIORANDA, Ciro. **Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul**. Editora Movimento.

GASPERIN, Alice. **Lembranças da colônia**. Porto Alegre: Edições EST, 2000. (Transcrição e tradução para o português: Ivo Martinazzo).

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIRON, Loraine Slomp. **Caxias do Sul: evolução histórica**. Caxias do Sul: UCS, 1977.

\_\_\_\_\_. A imigração italiana no RS: fatores determinantes. In: DACAMAL, José Hildebrando (org). **RS: Imigração & Colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

GOLIN, Tau. **A Fronteira**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti; PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. **Língua, cultura e valores: um estudo da presença do humanismo latino na produção científica sobre imigração italiana no sul do Brasil**. Porto Alegre: EST, 2003.

\_\_\_\_\_; GIRON, Loraine Slomp. **Rovílio Costa: homem, obra e acervo**. Porto Alegre: Suliani, 2005.

HISTÓRIA ILUSTRADA DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre: Secretaria do Estado da Cultura, CEEE, Já Editores, 1998.

HUTTER, Lucy Maffei. A imigração italiana no Brasil (séculos XIX e XX): dados para a compreensão desse processo. In: DE BONI, Luís Alberto (org). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1987. p. 74 – 96.

IANNI, Octávio. Aspectos políticos e econômicos da imigração italiana. In: HOHLFELDT, Antônio. et alli. **Imigração Italiana: Estudos**. Porto Alegre: EST, Caxias do Sul: UCS, 1979, p. 11 – 28.

IOTTI, Luiza Horn. **O olhar do poder: a imigração italiana no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1914, através dos relatórios consulares**. 1<sup>o</sup> ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.

LANDO, Aldair M.; BARROS, Eliane C. Capitalismo e colonização – os alemães no Rio Grande do Sul. In: DACAMAL, José Hildebrando (org). **RS: Imigração & Colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais**. 2<sup>o</sup> ed. Porto Alegre: Est, 2001.

\_\_\_\_\_. Italianos no Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis Alberto (org). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1987.

\_\_\_\_\_. Imigração alemã e italiana: Estudos comparativos. In: HOHLFELDT, Antônio. et alli. **Imigração Italiana: Estudos**. Porto Alegre: EST, Caxias do Sul: UCS, 1979, p. 185 – 195.

\_\_\_\_\_. Imigração e nacionalismo. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE A IMIGRAÇÃO ITALIANA, 1996, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: EDUCS, 1999, p. 44 – 54.

MIGOT, Aldo Francisco. Manifestações de sociabilidade entre imigrantes italianos e seus descendentes, no Rio Grande do Sul. In: SULIANI, Antônio (org). **Etnias & carisma: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 45 – 53.

MIORANZA, Ciro. O futuro dos dialetos italianos. In: DE BONI, Luis Alberto (org.). **A presença italiana no Brasil**. vol. II. Porto Alegre: EST/Torino: Fundação Giovanni Agnelli, 1990, p. 595 – 601.

MOLON, Floriano. **Molon: História de uma família**. 1<sup>o</sup> ed. Porto Alegre: EST, 2001a.

\_\_\_\_\_. A influência da imigração italiana na mesa do brasileiro. In: SULIANI, Antônio (org). **Etnias & carisma: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001b, p. 457 – 468.

ORO, Ari Pedro (UFRGS). “Mi son talian”: Considerações sobre a identidade étnica dos descendentes de italianos do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis Alberto (org). **A**

**presença italiana no Brasil.** vol. III. Porto Alegre: EST/Torino: Fundação Giovanni Agnelli, 1996, p. 611 – 627.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul.** 2º ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

PETRONE, Pasquale. Italianos e descendentes do Brasil: escola e língua. In: DE BONI, Luis Alberto (org.). **A presença italiana no Brasil.** vol. II. Porto Alegre: EST/Torino: Fundação Giovanni Agnelli, 1990, p. 603 – 626.

\_\_\_\_\_. Imigrantes italianos no Brasil: identidade cultural e integração. In: DE BONI, Luis Alberto (org.). **A presença italiana no Brasil.** vol. III. Porto Alegre: EST/Torino: Fundação Giovanni Agnelli, 1996, p. 628 – 641.

POSENATO, Júlio. Talian: língua e identidade cultural. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE A IMIGRAÇÃO ITALIANA, 1996, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: EDUCS, 1999, p. 255 – 280.

POZENATO, José Clemente. A cultura da imigração italiana. In: CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário (org.). **Raízes italianas do Rio Grande do Sul: 1875 – 1997.** Passo Fundo: UPF, 2000, p. 117 – 129.

PRESTES, Anita Leocárdia; apud FERNANDEZ, Érico Pinheiro; VILARINHO, Maria da Graça de Andrade; GOMES, Rodrigo de Aguiar. **História Oral: Outras possibilidades para o Ensino de História.** In: Ensino de História: Formação de professores e Cotidiano Escolar. Porto Alegre: EST, 2002.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. **Anotações de literatura e de cultura regional.** Caxias do Sul: Educs, 2005.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura.** 10º ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTIN, Silvino (UFSM). Integração sócio-cultural do imigrante italiano no Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis Alberto (org.). **A presença italiana no Brasil.** vol. III. Porto Alegre: EST/Torino: Fundação Giovanni Agnelli, 1996, p. 593 – 610.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Os tempos e os territórios da colonização italiana: o desenvolvimento econômico na Colônia Silveira Martins (RS).** Porto Alegre: EST, 2003.

SCARANO, Julita. Migração italiana para a área urbana. In: DE BONI, Luis A. (org) [et. al]. **A presença italiana no Brasil.** Vol. III. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1996.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TRENTO, Ângelo. **Do outro lado do Atlântico: Um século de imigração Italiana no Brasil.** São Paulo: Nobel: Instituto Italiano di Cultura di San Paolo: Instituto Cultural Ítalo-brasileiro, 1988.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Um olhar antropológico sobre fatos e memórias da imigração italiana. **Revista Mana.** Rio de Janeiro, 2007, p. 521 – 547.



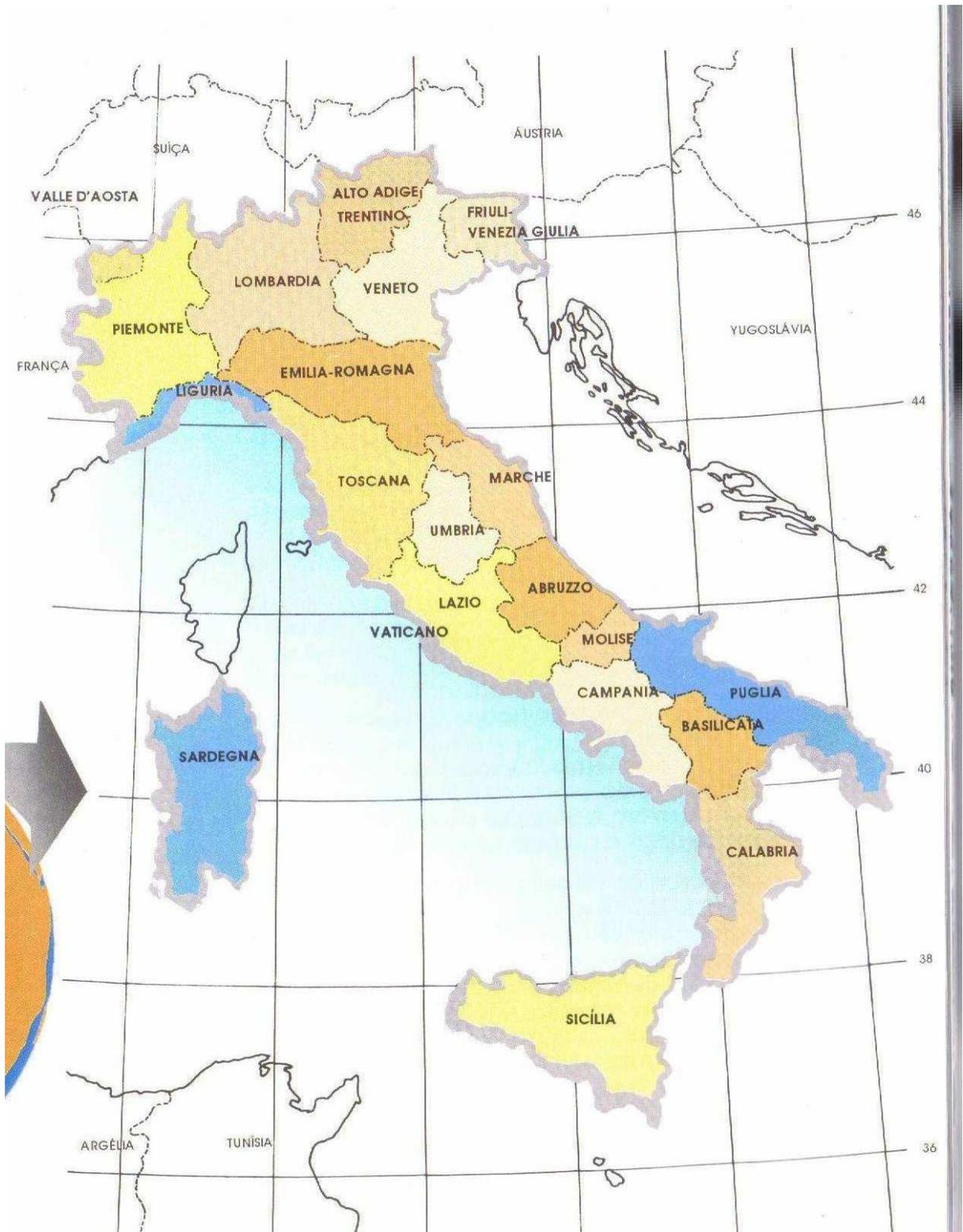
**ANEXOS**

## LISTA DE ANEXOS

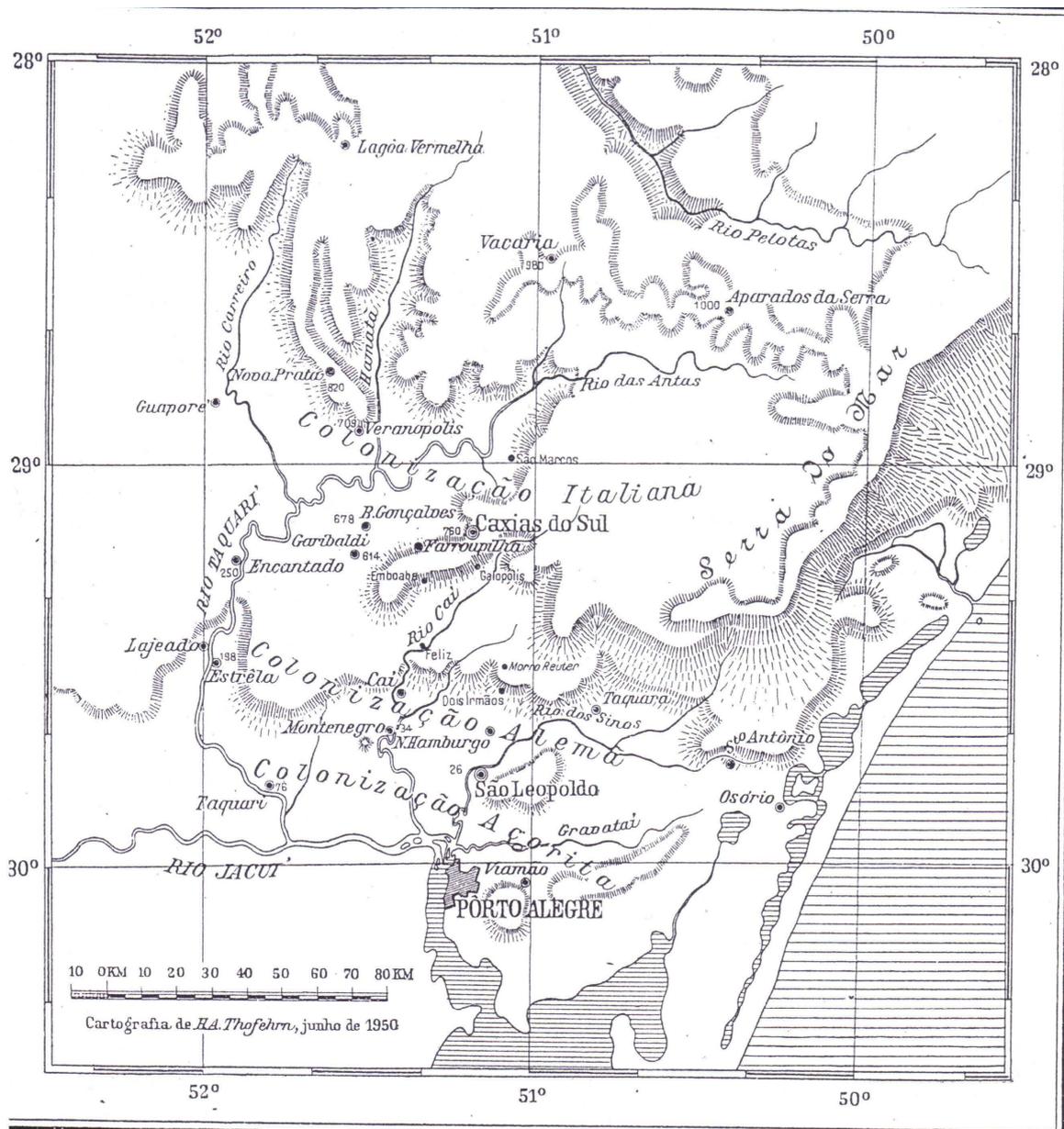
<b>ANEXO 1 – Mapa da Itália .....</b>	<b>85</b>
<b>ANEXO 2 – Mapa sobre a colonização no Rio Grande do Sul em 1950 .....</b>	<b>86</b>
<b>ANEXO 3 – Mapa das colônias italianas do Rio Grande do Sul .....</b>	<b>87</b>
<b>ANEXO 4 – Mapa da Itália demonstrando a procedência de vênets para o Brasil .....</b>	<b>88</b>
<b>ANEXO 5 – Mapa das Províncias do Vêneto de onde vieram aproximadamente 75% dos imigrantes italianos .....</b>	<b>89</b>
<b>ANEXO 6 – Mapa da colonização no Vale do Taquari .....</b>	<b>90</b>
<b>ANEXO 7 – Fotografia sobre as tradições, usos e costumes dos italianos .....</b>	<b>91</b>
<b>ANEXO 8 – Fotografias demonstrando que a religião foi um elo de coesão .....</b>	<b>92</b>
<b>ANEXO 9 – Fotografia do baile italiano da 3ª Idade .....</b>	<b>94</b>
<b>ANEXO 10 – Letra no dialeto e tradução da música “Quel mazzolin di Fiori” .....</b>	<b>95</b>
<b>ANEXO 11 – Letra no dialeto e tradução da música “Mérica Mérica” .....</b>	<b>96</b>
<b>ANEXO 12 – Fotografias que demonstram a polenta brustolada no 3º filó comunitário de Doutor Ricardo.....</b>	<b>97</b>
<b>ANEXO 13 - Fotografias que demonstram a polenta assada na chapa no 7º filó comunitário de Encantado .....</b>	<b>98</b>
<b>ANEXO 14 – Letra no dialeto e tradução da música “La Bella polenta” .....</b>	<b>99</b>
<b>ANEXO 15 – Fotografia que mostra o jogo de mora .....</b>	<b>101</b>
<b>ANEXO 16 – Reportagem do jornal O Informativo sobre o jogo de baralho .....</b>	<b>102</b>
<b>ANEXO 17 – Fotografias sobre filós (colheitas) .....</b>	<b>103</b>
<b>ANEXO 18 – Fotografia demonstra os filós comunitários .....</b>	<b>104</b>

<b>ANEXO 19 – Reportagens do jornal Força do Vale sobre a confraternização do filó.....</b>	<b>105</b>
<b>ANEXO 20 – Fotografias do filó tradicional ocorrido em julho de 2001 na residência do Sr. João Francisco Preto, no município de Encantado .....</b>	<b>106</b>
<b>ANEXO 21 – Reportagens do jornal Força do Vale sobre o filó comunitário de Encantado em 2007 .....</b>	<b>107</b>
<b>ANEXO 22 – Lei que instituiu a “Noite do Filó” no município de Encantado .....</b>	<b>108</b>
<b>ANEXO 23 – Reportagem no jornal Força do Vale sobre o primeiro filó realizado em Doutor Ricardo .....</b>	<b>109</b>
<b>ANEXO 24 – Apresentação do grupo de danças folclóricas mirim “Embaló dei bambini” de Dr. Ricardo .....</b>	<b>110</b>
<b>ANEXO 25 – Fotografias demonstrando os pratos típicos da colonização italiana e degustação .....</b>	<b>112</b>
<b>ANEXO 26 – Apresentação da Companhia de Teatro Sonho e Magia em dialeto italiano em Doutor Ricardo .....</b>	<b>115</b>
<b>ANEXO 27 – Fotografia mostrando que muitas pessoas idosas vão para o filó comunitário caracterizadas .....</b>	<b>116</b>
<b>ANEXO 28 – Reportagem do jornal Antena sobre o filó de Doutor Ricardo .....</b>	<b>117</b>
<b>ANEXO 29 - Reportagem do jornal Antena sobre o filó de Encantado .....</b>	<b>118</b>
<b>ANEXO 30 – Decreto que instituiu a Settimana Dell Imigrazione Italiana .....</b>	<b>119</b>
<b>ANEXO 31 – Apresentação da peça de teatro “La Fortuna Del Giggio” .....</b>	<b>121</b>

ANEXO 1 – Mapa da Itália.

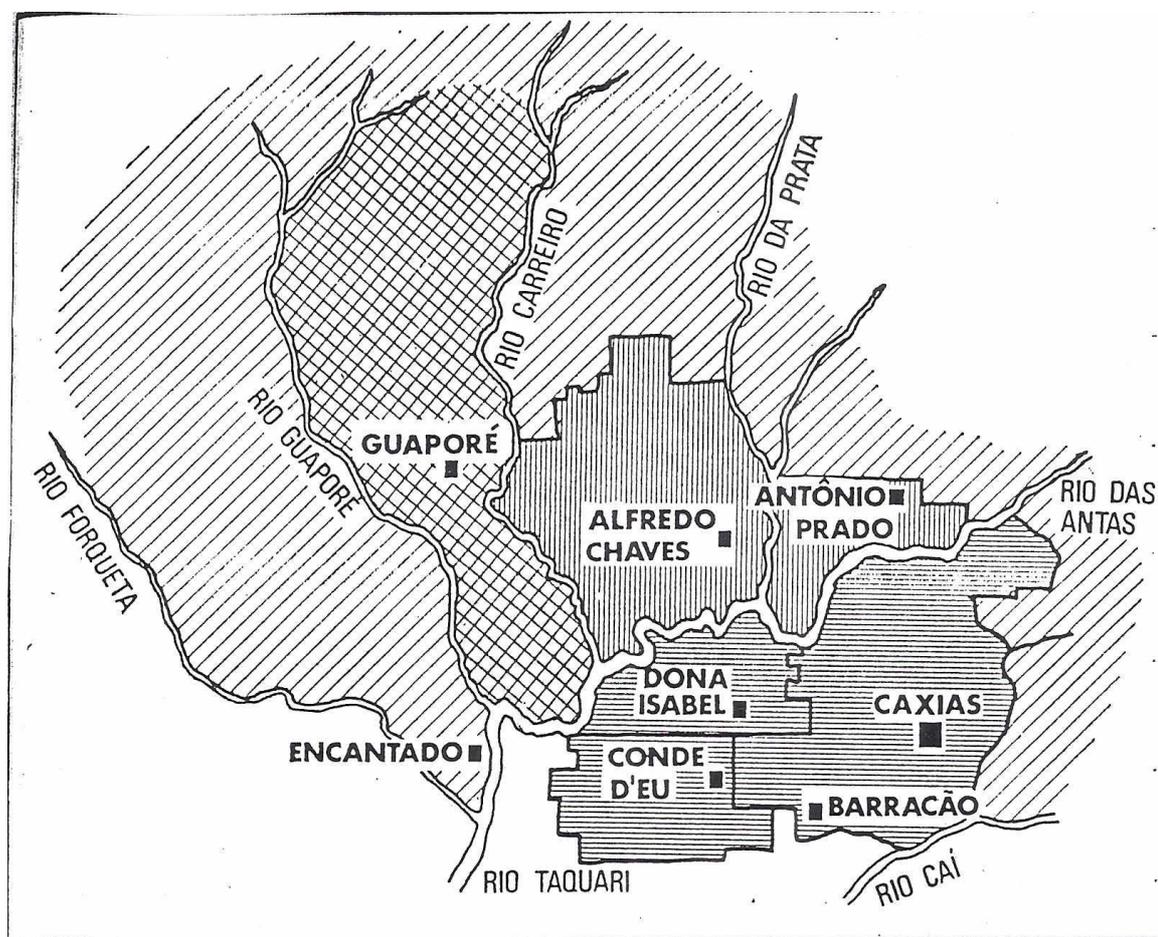


ANEXO 2 – Mapa sobre a colonização no Rio Grande do Sul em 1950.



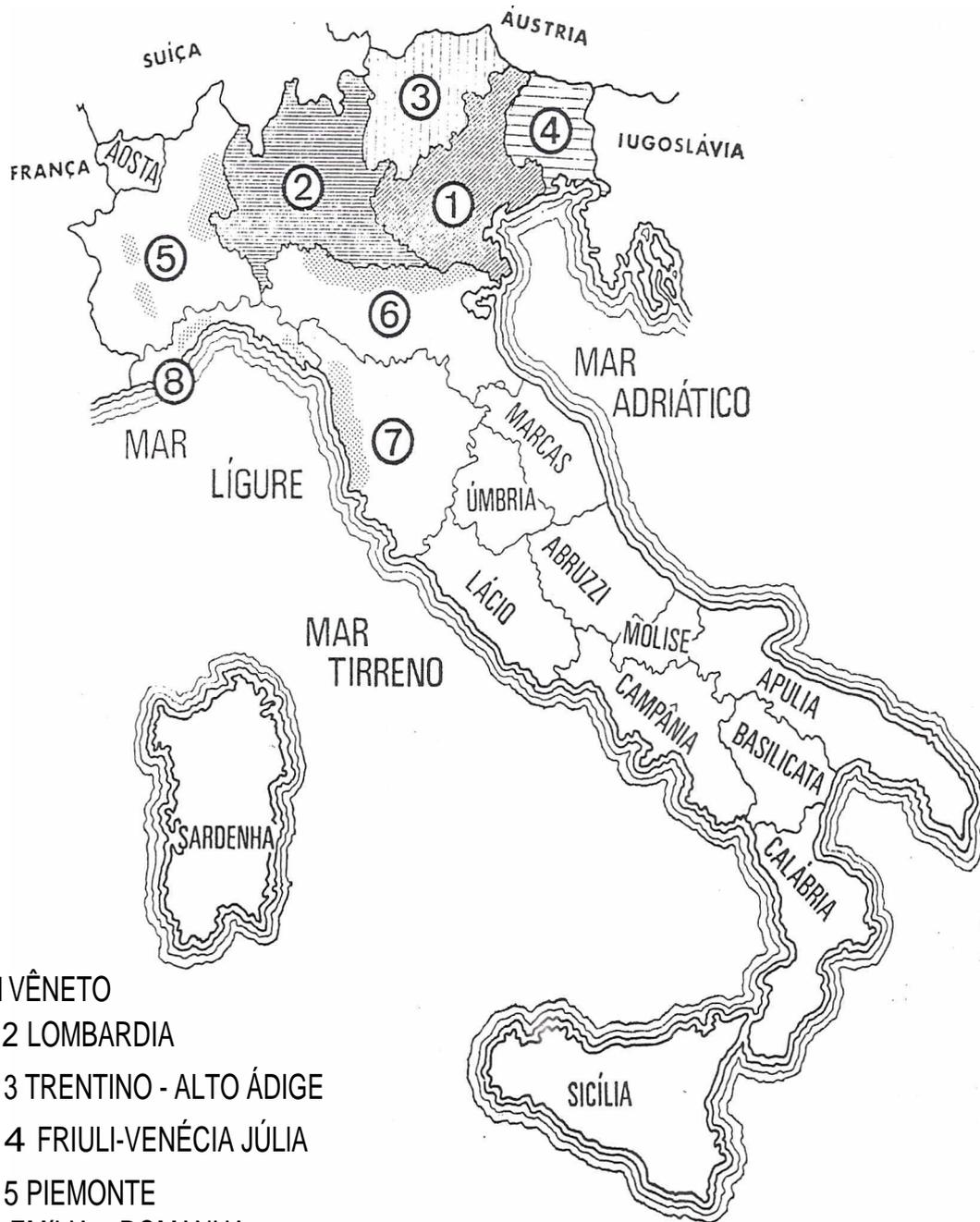
Fonte: Álbum comemorativo do 75º aniversário da colonização italiana no Rio Grande do Sul. (p. 63).

ANEXO 3 – Mapa das colônias italianas do Rio Grande do Sul.



Fonte: Frozi e Mioranda (1975, p. 45).

ANEXO 4 – Mapa da Itália demonstrando a procedência de vênets para o Brasil.



- 1 VÊNETO
- 2 LOMBARDIA
- 3 TARENTINO - ALTO ÁDIGE
- 4 FRIULI-VENÉCIA JÚLIA
- 5 PIEMONTE
- 6 EMÍLIA - ROMANHA
- 7 TOSCANA
- 8 LÍGÚRIA

Fonte: Frozi e Mioranda (1975, p. 24).

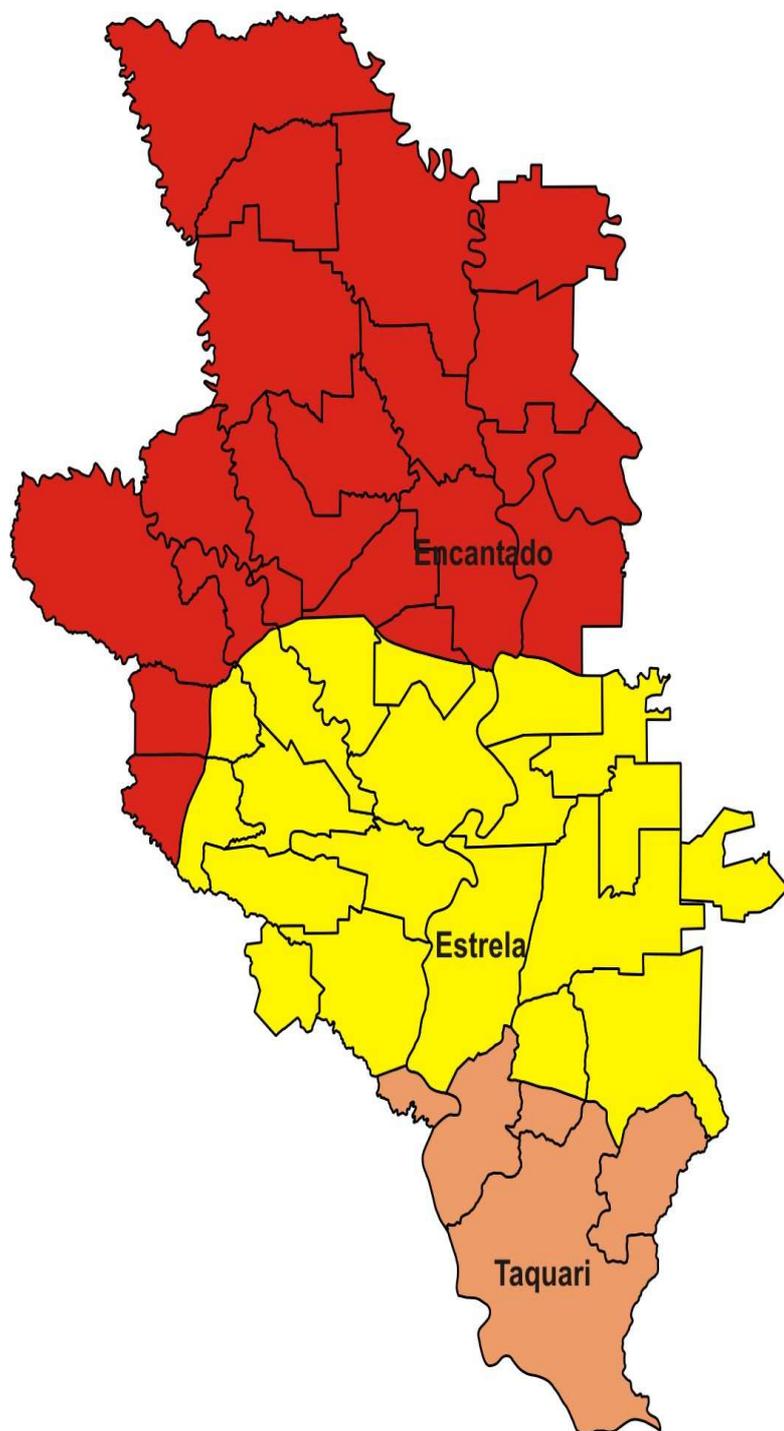
ANEXO 5 – Mapa das Províncias do Vêneto de onde vieram aproximadamente 75% dos imigrantes italianos.



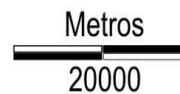
Fonte: Frozi e Mioranda (1975, p. 45).

ANEXO 6 – Mapa da colonização no Vale do Taquari.

## Colonização do Vale do Taquari



- Colonização Italiana
- Colonização Alemã
- Colonização Açoriana



Elaboração: Rafael Rodrigo Eckhardt

Fonte: Vale do Taquari – Banco de Dados Regionais da Univates.

ANEXO 7 – Fotografia sobre as tradições, usos e costumes dos italianos.



Fonte: Arquivo da Prefeitura de Doutor Ricardo.

ANEXO 8 – Fotografias demonstrando que a religião foi um elo de coesão.





Fonte: Arquivo da Prefeitura de Doutor Ricardo.

ANEXO 9 – Fotografia do baile italiano da 3ª Idade.



Fonte: Jornal O Informativo, 11 de julho de 2006, p. 21.

## Quel Mazzolin di Fiori

(Canto de Montanha)  
(Autor: Anônimo - 1904)

### Original em italiano (dialeto)

Quel mazzolin di fiori,  
che vien dalla montagna.  
E bada ben che non si bagna  
che lo voglio regalar,  
e bada ben che non si bagna  
che lo voglio regalar.

Lo voglio regalare,  
perchè l'è un bel mazzetto.  
Lo voglio dare al mio moretto  
questa sera quando vien,  
lo voglio dare al mio moretto  
questa sera quando vien.

Stasera quando viene,  
sarà una brutta sera.  
E perchè lui sabato sera  
lui non è vegnù da me,  
e perchè lui sabato sera  
lui non è vegnù da me.

Non l'è vegnù da me,  
l'è andà dalla Rosina.  
E perchè mi son poverina  
mi fa pianger e sospirar,  
e perchè mi son poverina  
mi fa pianger e sospirar.

Fa pianger e sospirare,  
sul letto dei lamenti.  
E cosa mai diran le genti,  
cosa mai diran di me?  
e cosa mai diran le genti,  
cosa mai diran di me?

Diran che son tradita  
tradita nell'amore.  
E sempre a me mi piange il core  
e per sempre piangerà,  
e sempre a me mi piange il core  
e per sempre piangerà.

### Tradução

Aquele ramalhete de flores,  
que vem dá montanha.  
E veja bem que não se molhe  
que o quero doar,  
e veja bem que não se molhe  
que o quero doar.

O quero doar,  
porque é um belo ramalhete.  
O quero dar ao meu moreno  
esta noite quando vem,  
o quero dar ao meu moreno  
esta noite quando vem.

Esta noite quando vem,  
será uma noite feia.  
E porque ele no sábado a noite  
ele não veio a mim,  
e porque ele no sábado a noite  
ele não veio a mim.

Não veio a mim,  
mas foi dá Rosinha.  
E porque eu sou pobrezinha  
me faz chorar e suspirar,  
e porque eu sou pobrezinha  
me faz chorar e suspirar.

Faz chorar e suspirar,  
na cama das lamentações.  
E o que mais dirão as pessoas,  
o que mais dirão de mim?  
e o que mais dirão as pessoas,  
o que mais dirão de mim?

Dirão que sou traída  
traída no amor.  
E sempre chora meu coração  
e para sempre chorará,  
e sempre chora meu coração  
e para sempre chorará.

“Mérica – Mérica”

( Canto Popular dos Emigrados Venetos )

( Autor: Angelo Giusti - 1875 )

**Original em dialeto vêneto**

**Tradução**

Dalla Italia noi siamo partiti  
Siamo partiti col nostro onore  
Trentasei giorni di macchina e vapore,  
e nella Merica noi siamo arriva'.

*Merica, Merica, Merica,  
cossa saràlo 'sta Merica?  
Merica, Merica, Merica,  
un bel mazzolino di fior.*

E alla Merica noi siamo arrivati  
no' abbiám trovato nè paglia e nè fieno  
Abbiám dormito sul nudo terreno  
come le bestie andiam riposar.

*Merica, Merica, Merica,  
cossa saràlo 'sta Merica?  
Merica, Merica, Merica,  
un bel mazzolino di fior.*

E la Merica l'è lunga e l'è larga,  
l'è circondata dai monti e dai piani,  
e con la industria dei nostri italiani  
abbiám formato paesi e città.

*Merica, Merica, Merica,  
cossa saràlo 'sta Merica?  
Merica, Merica, Merica,  
un bel mazzolino di fior.*

*Merica, Merica, Merica,  
cossa saràlo 'sta Merica?  
Merica, Merica, Merica,  
un bel mazzolino di fior.*

Da Itália nos partimos  
Partimos com nossa honra  
Trinta e seis dias de maquina e vapor,  
e na América chegamos.

*América, América, América,  
o que será esta América?  
América, América, América,  
um belo ramalhete de flores.*

E na América chegamos  
não encontramos nem palha e nem feno  
Temos dormido no nu terreno  
como os animais vamos descansar.

*América, América, América,  
o que será esta América?  
América, América, América,  
um belo ramalhete de flores.*

E a América é longa e larga,  
è rodeada por montes e planícies,  
e com a industria dos nossos italianos  
formamos países e cidades.

*América, América, América,  
o que será esta América?  
América, América, América,  
um belo ramalhete de flores.*

*América, América, América,  
o que será esta América?  
América, América, América,  
um belo ramalhete de flores.*

ANEXO 12 – Fotografias que demonstram a polenta brustolada no 3º filó comunitário de Doutor Ricardo.



Fonte: Arquivo da Prefeitura de Doutor Ricardo.

ANEXO 13 - Fotografias que demonstram a polenta assada na chapa no 7º filó comunitário de Encantado.



Fonte: Arquivo da Prefeitura de Encantado.

## La bella polenta

(Canto Popular Veneto)  
(Autor: Anônimo - 1919)

### Original em dialeto veneto

### Tradução

Quando si pianta la bela polenta,  
la bela polenta si pianta così,  
si pianta così, si pianta così.  
Bela polenta così.  
Cia cia pum, cia cia pum.  
Cia cia pum, cia cia pum.

Quando se planta a bela polenta,  
a bela polenta se planta assim,  
se planta assim, se planta assim.  
Bela polenta assim.  
Cia cia pum, cia cia pum.  
Cia cia pum, cia cia pum.

Quando la cresce la bela polenta,  
la bela polenta la cresce così,  
si pianta così, la cresce così.  
Bela polenta così.  
Cia cia pum, cia cia pum,  
Cia cia pum, cia cia pum.

Quando cresce a bela polenta,  
a bela polenta cresce assim,  
se planta assim, cresce assim.  
Bela polenta assim.  
Cia cia pum, cia cia pum,  
Cia cia pum, cia cia pum.

Quando fiorisce la bela polenta,  
la bela polenta fiorisce così,  
si pianta così, la cresce così,  
fiorisce così.  
Bela polenta così.  
Cia cia pum, cia cia pum,  
Cia cia pum, cia cia pum.

Quando floresce a bela polenta,  
a bela polenta floresce assim,  
se planta assim, cresce assim,  
fiorisce assim.  
Bela polenta assim.  
Cia cia pum, cia cia pum,  
Cia cia pum, cia cia pum.

Quando si smissia la bela polenta,  
la bela polenta si smissia così,  
si pianta così, la cresce così,  
fiorisce così, si smissia così.  
Bela polenta così.  
Cia cia pum, cia cia pum,  
Cia cia pum, cia cia pum.

Quando se mescla a bela polenta,  
a bela polenta se mescla assim,  
se planta assim, cresce assim,  
fiorisce assim, se mescla assim.  
Bela polenta assim.  
Cia cia pum, cia cia pum,  
Cia cia pum, cia cia pum.

Quando si taia la bela polenta,  
la bela polenta si taia così,  
si pianta così, la cresce così,  
fiorisce così, si smissia così,  
si taia così.  
Bela polenta così.  
Cia cia pum, cia cia pum,  
Cia cia pum, cia cia pum.

Quando se corta a bela polenta,  
a bela polenta se corta assim,  
se planta assim, cresce assim,  
fiorisce assim, se mescla assim,  
se corta assim.  
Bela polenta assim.  
Cia cia pum, cia cia pum,  
Cia cia pum, cia cia pum.

Quando si mangia la bela polenta,  
la bela polenta si mangia così,  
si pianta così, la cresce così,  
fiorisce così, si smissia così,  
si taia così, si mangia così.  
Bela polenta così.  
Cia cia pum, cia cia pum,  
Cia cia pum, cia cia pum.

Quando se come a bela polenta,  
a bela polenta se come assim,  
se planta assim, cresce assim,  
fiorisce assim, se mescla assim,  
se corta assim, se come assim.  
Bela polenta assim.  
Cia cia pum, cia cia pum,  
Cia cia pum, cia cia pum.

Quando si gusta la bela polenta,  
la bela polenta si gusta così,  
si pianta così, la cresce così,  
fiorisce così, si smissia così,  
si taia così, si mangia così,  
si gusta così.

Bela polenta così.

Cia cia pum, cia cia pum,  
Cia cia pum, cia cia pum.

Quando fenisce la bela polenta,  
la bela polenta fenisce così,  
si pianta così, la cresce così,  
fiorisce così, si smiscia così,  
si taia così, si mangia così,  
si gusta così, fenisce così.

Bela polenta così.

Cia cia pum, cia cia pum,  
Cia cia pum, cia cia pum.

Quando se saboreia a bela polenta,  
a bela polenta se saboreia assim,  
se planta assim, cresce assim,  
fioresce assim, se mescla assim,  
se corta assim, se come assim,  
se saboreia assim.

Bela polenta assim.

Cia cia pum, cia cia pum,  
Cia cia pum, cia cia pum.

Quando acaba a bela polenta,  
a bela polenta acaba assim,  
se planta assim, cresce assim,  
fioresce assim, se mescla assim,  
se corta assim, se come assim,  
se saboreia assim, acaba assim.

Bela polenta assim.

Cia cia pum, cia cia pum,  
Cia cia pum, cia cia pum.

Fonte: [www.italiasempre.com/verpor/labellapolenta2.htm](http://www.italiasempre.com/verpor/labellapolenta2.htm).

ANEXO 15 – Fotografia que mostra o jogo de mora.



Fonte: Arquivo da Prefeitura de Encantado, julho de 2004.

TRADIÇÃO Cidade perpetua passatempos trazidos pelos imigrantes apaixonados pelo baralho, como bisca, escova e três sete

# Jogos de carta fazem parte da Semana Italiana

**E**ncantado - A 14ª Semana Italiana do município se estende até sábado, com diversas atividades e programações. Cerca de 30 jogadores se encontraram na terça-feira à noite no Salão Comunitário do Bairro Santo Antônio para jogar três sete, escova, bisca e moria. Passatempos trazidos dos imigrantes italianos que muitas vezes passavam as tardes inteiras e noites cartearando e hoje ainda são comuns em nossos dias.

A mora surgiu quando os antepassados não tinham mais baralho, pois com o passar do tempo os que haviam sido trazidos da Itália foram se estragando e no Brasil não havia quem os confeccionasse. O jogo tem por objetivo acertar a soma dos dedos expostos. Pode-se jogar em duas ou quatro pessoas. Os competidores escondem uma das mãos e ao lançá-la na mesa falam um número tentan-



Café Faralol

do acertar o total. Para ganhar o jogo é necessário fazer 11 pontos, e a partida é vencida com dois jogos ganhos seguidos ou o melhor de três, sendo o último com 16 pontos.

Com duas duplas é escolhido um jogador de cada para começar. Quem vence enfrenta seu outro adversário. São sempre duas pessoas por vez. Quem ganha continua, quem perde passa a vez para sua dupla, e assim sucessivamente.

Existem diversas formas na modalidade, como a morinha, mais rápida, e a ponto parola, mais lenta, ambas jogadas como explicação acima, além da sei la mora, onde quem ganha sempre "chama" o número seis.

Cultura também é preservada através do jogo de cartas

## Bisca

Conhecida também como briscola, tem por objetivo marcar mais de 60 pontos e é jogada com o baralho espanhol, baseando-se nas cartas que são pescadas e descartadas.

Após embaralhar e cortar, é retirada uma carta do baralho, cujo naipe determinará o "trunfo" (ou bisca). Trunfo é o naipe que vai predominar sobre os outros quando as cartas descartadas forem recolhidas. Durante o jogo a bisca fica visível, só sendo retirada na última pesca do baralho.

Cada participante recebe três cartas e em seguida descarta uma delas, que vai determinar se ele pega ou entrega as da mesa, baseando-se em alguns critérios.

Se as cartas são do mesmo naipe, adá maior valor (ou maior número para cartas sem valor de contagem) vence, e quem a jogou leva as da mesa.

Se as cartas são de naipes diferentes e não há uma bisca entre elas, quem jogou a primeira leva as da mesa.

Se as cartas são de naipes diferentes e há uma bisca entre elas, quem jogou o trunfo leva as da mesa. Se todas as cartas são bisca, a decisão é como o primeiro critério.

### Valor de cada carta:

Ases: 11 pontos cada  
 Todos os "3": 10 pontos cada  
 Todos os "10": ou reis: 4 pontos cada  
 Todos os "11" ou cavalos: 3 pontos cada

Todos os "10" ou valetes: 2 pontos cada  
 Demais cartas: não têm valor de contagem

## Escova

Conhecido também como escopa, o jogo tem por objetivo o acúmulo de pontos e a partida é vencida quando o jogador soma 21. Usa-se o baralho espanhol, no qual as cartas de 1 a 7 valem o seu número, as 10, 11 e 12 valem oito, nove e dez, respectivamente.

Pode ser jogado em dois, três (tira-se uma carta número dois) ou quatro jogadores. São distribuídas quando dois ou três jogadores, três cartas cada um e colocadas na mesa quatro cartas, viradas para cima. Cada um, em sua ordem, com as cartas da mão e da mesa procura a soma de 15 pontos. Quando o jogador recolhe todas as cartas que estão na mesa com uma das que estão em sua mão acontece a escova, que vale um ponto. Quando dispuado em duas duplas, são distribuídas dez cartas para cada jogador, porém sem pesca, pois todas as cartas estão nas mãos dos competidores.

Como fazer a contagem de pontos - todos valem um ponto.

- maior número de cartas;
- maior número de cartas do naipe de ouro;
- o sete belo (sete de ouro);
- por ter a maioria dos 7.

## Três sete

Usa-se também o baralho espanhol. Pode ser jogado em duas duplas e tem por objetivo somar 41 pontos para vencer a partida. As 40 cartas do baralho são distribuídas para todos os jogadores, sendo dez para cada competidor. Neste jogo podem ser "acusados" os naipes que são as, 2 e 3 ou por exemplo três "3", ou 4 "as" ou três "2".

A carta que tem o maior valor é o 3, seguida do 2, as, 12 ou rei, 11 ou cavalo e 10 ou valete. 7, 6, 5, 4. Deve sempre ser jogada a carta do naipe que o primeiro jogador da rodada puser na mesa, porém se alguém não tiver do mesmo naipe poderá jogar de outro. Vence quem fizer o maior número de pontos.

Os números 7, 6, 5, 4, na soma de pontos, não valem nada.

As figuras, rei, cavalo, valete, 3, 2 e as (1) valem um ponto.

Os acússos valem 3 pontos quando naipes e quando for quatro cartas, por exemplo quatro "2", vale quatro pontos.

ANEXO 17 – Fotografias sobre filós (colheitas).



Fonte: Arquivo da Prefeitura de Doutor Ricardo.

ANEXO 18 – Fotografia demonstra os filós comunitários.



Fonte: Arquivo da Prefeitura de Doutor Ricardo, 2007 – 2008.



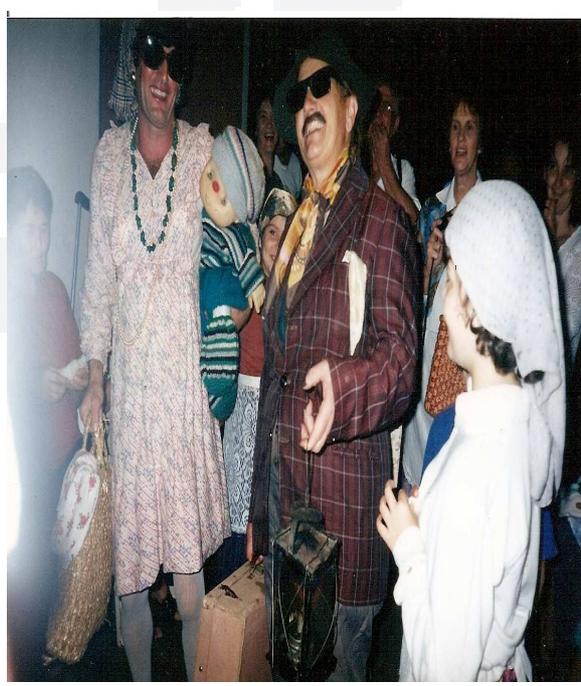
### ***El Filó***

*A falta de comunicação e a falta de estradas motivou os imigrantes italianos, no início da colonização a se encontrarem visitando-se à noite, originando assim um costume muito comum na época chamada de “filó”.*

*Nesta semana, por ocasião da Semana Italiana de Encantado ficou estabelecido que na segunda-feira as famílias poderiam reviver este costume que os seus antepassados iniciaram. Foi isto que aconteceu na casa de João Francisco e Rita Pretto, em Jacarezinho.*

*Carregando lanternas para iluminar o caminho foram chegando os amigos, vizinhos e compadres. Ao redor do fogo, contando causos de antigamente ou jogando cartas e mora, saboreavam a polenta, o salame, o queijo e o vinho. As visitas também levaram o amendoim que foi descascado por todos, para em seguida se transformarem-se numa gostosa rapadura. Vários cantos italianos foram lembrados neste noite de muitas emoções, que provocou sudee de um passado cheio de histórias.*

ANEXO 20 – Fotografias do filó tradicional ocorrido em julho de 2001 na residência do Sr. João Francisco Preto, no município de Encantado.



Fonte: Acervo particular do Sr. Sérgio Agostini.

ENCANTADO (RS), 25 de maio de 2007.

## Filó resgata costumes da colonização italiana



A comunidade de Jacarezinho preparou uma grande festa na noite do último domingo, 20, para resgatar um dos costumes mais tradicionais da colonização italiana em Encantado: a Noite do Filó. Aproximadamente mil pessoas participaram do evento, onde a comida, música e a dança foram as atrações. O Filó demonstrou ser uma festa familiar, de encontro das pessoas, onde cada família participou levando um prato de comida típica, lembrando histórias dos antepassados, o dialeto italiano, na mais completa confraternização

A Noite do Filó é um dos eventos oficiais do município, conforme lei aprovada pela Câmara de Vereadores de proposição do então vereador Agostinho Orsolin.

ANEXO 22 – Lei que instituiu a “Noite do Filó” no município de Encantado.



**PREFEITURA MUNICIPAL DE ENCANTADO**

Estado do Rio Grande do Sul

GABINETE DO PREFEITO

LEI Nº 2.360/2003, DE 16 DE JULHO DE 2003.

Institui a “ **Noite do Filó** ”, no Município de Encantado.

PAULO COSTI, Prefeito Municipal de Encantado.

Faço saber, em cumprimento ao disposto no Art. 57, Inciso IV, da Lei Orgânica do Município, que a Câmara Municipal de Vereadores aprovou e eu sanciono a seguinte lei de origem legislativa:

Art. 1º Fica instituída a “ **Noite do Filó** ”, no Município de Encantado, com o objetivo de resgatar e fortalecer os hábitos e os costumes tradicionais adotados pelos imigrantes italianos e como forma de vivenciar e difundir a tradição da cultura italiana.

Art. 2º Fica estabelecida a noite do dia **20 de maio**, para comemoração desta data, a qual deverá fazer parte do calendário de Eventos do Município.

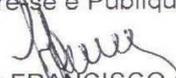
Art. 3º Na confraternização, as famílias, vizinhos, amigos e conhecidos reunir-se-ão para relembrar o passado na oração, na convivência e na canção, saboreando uma boa comida e bebida, fortalecendo a tradição perdida.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE ENCANTADO, 16 DE JULHO DE 2003.

  
PAULO COSTI  
Prefeito Municipal

Registre-se e Publique-se

  
AIRTO FRANCISCO GOMES  
Secretário Municipal da Administração

Registro no Livro Respectivo nº 15, fls. 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737, 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761, 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769, 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809, 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825, 826, 827, 828, 829, 830, 831, 832, 833, 834, 835, 836, 837, 838, 839, 840, 841, 842, 843, 844, 845, 846, 847, 848, 849, 850, 851, 852, 853, 854, 855, 856, 857, 858, 859, 860, 861, 862, 863, 864, 865, 866, 867, 868, 869, 870, 871, 872, 873, 874, 875, 876, 877, 878, 879, 880, 881, 882, 883, 884, 885, 886, 887, 888, 889, 890, 891, 892, 893, 894, 895, 896, 897, 898, 899, 900, 901, 902, 903, 904, 905, 906, 907, 908, 909, 910, 911, 912, 913, 914, 915, 916, 917, 918, 919, 920, 921, 922, 923, 924, 925, 926, 927, 928, 929, 930, 931, 932, 933, 934, 935, 936, 937, 938, 939, 940, 941, 942, 943, 944, 945, 946, 947, 948, 949, 950, 951, 952, 953, 954, 955, 956, 957, 958, 959, 960, 961, 962, 963, 964, 965, 966, 967, 968, 969, 970, 971, 972, 973, 974, 975, 976, 977, 978, 979, 980, 981, 982, 983, 984, 985, 986, 987, 988, 989, 990, 991, 992, 993, 994, 995, 996, 997, 998, 999, 1000, 1001, 1002, 1003, 1004, 1005, 1006, 1007, 1008, 1009, 1010, 1011, 1012, 1013, 1014, 1015, 1016, 1017, 1018, 1019, 1020, 1021, 1022, 1023, 1024, 1025, 1026, 1027, 1028, 1029, 1030, 1031, 1032, 1033, 1034, 1035, 1036, 1037, 1038, 1039, 1040, 1041, 1042, 1043, 1044, 1045, 1046, 1047, 1048, 1049, 1050, 1051, 1052, 1053, 1054, 1055, 1056, 1057, 1058, 1059, 1060, 1061, 1062, 1063, 1064, 1065, 1066, 1067, 1068, 1069, 1070, 1071, 1072, 1073, 1074, 1075, 1076, 1077, 1078, 1079, 1080, 1081, 1082, 1083, 1084, 1085, 1086, 1087, 1088, 1089, 1090, 1091, 1092, 1093, 1094, 1095, 1096, 1097, 1098, 1099, 1100, 1101, 1102, 1103, 1104, 1105, 1106, 1107, 1108, 1109, 1110, 1111, 1112, 1113, 1114, 1115, 1116, 1117, 1118, 1119, 1120, 1121, 1122, 1123, 1124, 1125, 1126, 1127, 1128, 1129, 1130, 1131, 1132, 1133, 1134, 1135, 1136, 1137, 1138, 1139, 1140, 1141, 1142, 1143, 1144, 1145, 1146, 1147, 1148, 1149, 1150, 1151, 1152, 1153, 1154, 1155, 1156, 1157, 1158, 1159, 1160, 1161, 1162, 1163, 1164, 1165, 1166, 1167, 1168, 1169, 1170, 1171, 1172, 1173, 1174, 1175, 1176, 1177, 1178, 1179, 1180, 1181, 1182, 1183, 1184, 1185, 1186, 1187, 1188, 1189, 1190, 1191, 1192, 1193, 1194, 1195, 1196, 1197, 1198, 1199, 1200, 1201, 1202, 1203, 1204, 1205, 1206, 1207, 1208, 1209, 1210, 1211, 1212, 1213, 1214, 1215, 1216, 1217, 1218, 1219, 1220, 1221, 1222, 1223, 1224, 1225, 1226, 1227, 1228, 1229, 1230, 1231, 1232, 1233, 1234, 1235, 1236, 1237, 1238, 1239, 1240, 1241, 1242, 1243, 1244, 1245, 1246, 1247, 1248, 1249, 1250, 1251, 1252, 1253, 1254, 1255, 1256, 1257, 1258, 1259, 1260, 1261, 1262, 1263, 1264, 1265, 1266, 1267, 1268, 1269, 1270, 1271, 1272, 1273, 1274, 1275, 1276, 1277, 1278, 1279, 1280, 1281, 1282, 1283, 1284, 1285, 1286, 1287, 1288, 1289, 1290, 1291, 1292, 1293, 1294, 1295, 1296, 1297, 1298, 1299, 1300, 1301, 1302, 1303, 1304, 1305, 1306, 1307, 1308, 1309, 1310, 1311, 1312, 1313, 1314, 1315, 1316, 1317, 1318, 1319, 1320, 1321, 1322, 1323, 1324, 1325, 1326, 1327, 1328, 1329, 1330, 1331, 1332, 1333, 1334, 1335, 1336, 1337, 1338, 1339, 1340, 1341, 1342, 1343, 1344, 1345, 1346, 1347, 1348, 1349, 1350, 1351, 1352, 1353, 1354, 1355, 1356, 1357, 1358, 1359, 1360, 1361, 1362, 1363, 1364, 1365, 1366, 1367, 1368, 1369, 1370, 1371, 1372, 1373, 1374, 1375, 1376, 1377, 1378, 1379, 1380, 1381, 1382, 1383, 1384, 1385, 1386, 1387, 1388, 1389, 1390, 1391, 1392, 1393, 1394, 1395, 1396, 1397, 1398, 1399, 1400, 1401, 1402, 1403, 1404, 1405, 1406, 1407, 1408, 1409, 1410, 1411, 1412, 1413, 1414, 1415, 1416, 1417, 1418, 1419, 1420, 1421, 1422, 1423, 1424, 1425, 1426, 1427, 1428, 1429, 1430, 1431, 1432, 1433, 1434, 1435, 1436, 1437, 1438, 1439, 1440, 1441, 1442, 1443, 1444, 1445, 1446, 1447, 1448, 1449, 1450, 1451, 1452, 1453, 1454, 1455, 1456, 1457, 1458, 1459, 1460, 1461, 1462, 1463, 1464, 1465, 1466, 1467, 1468, 1469, 1470, 1471, 1472, 1473, 1474, 1475, 1476, 1477, 1478, 1479, 1480, 1481, 1482, 1483, 1484, 1485, 1486, 1487, 1488, 1489, 1490, 1491, 1492, 1493, 1494, 1495, 1496, 1497, 1498, 1499, 1500, 1501, 1502, 1503, 1504, 1505, 1506, 1507, 1508, 1509, 1510, 1511, 1512, 1513, 1514, 1515, 1516, 1517, 1518, 1519, 1520, 1521, 1522, 1523, 1524, 1525, 1526, 1527, 1528, 1529, 1530, 1531, 1532, 1533, 1534, 1535, 1536, 1537, 1538, 1539, 1540, 1541, 1542, 1543, 1544, 1545, 1546, 1547, 1548, 1549, 1550, 1551, 1552, 1553, 1554, 1555, 1556, 1557, 1558, 1559, 1560, 1561, 1562, 1563, 1564, 1565, 1566, 1567, 1568, 1569, 1570, 1571, 1572, 1573, 1574, 1575, 1576, 1577, 1578, 1579, 1580, 1581, 1582, 1583, 1584, 1585, 1586, 1587, 1588, 1589, 1590, 1591, 1592, 1593, 1594, 1595, 1596, 1597, 1598, 1599, 1600, 1601, 1602, 1603, 1604, 1605, 1606, 1607, 1608, 1609, 1610, 1611, 1612, 1613, 1614, 1615, 1616, 1617, 1618, 1619, 1620, 1621, 1622, 1623, 1624, 1625, 1626, 1627, 1628, 1629, 1630, 1631, 1632, 1633, 1634, 1635, 1636, 1637, 1638, 1639, 1640, 1641, 1642, 1643, 1644, 1645, 1646, 1647, 1648, 1649, 1650, 1651, 1652, 1653, 1654, 1655, 1656, 1657, 1658, 1659, 1660, 1661, 1662, 1663, 1664, 1665, 1666, 1667, 1668, 1669, 1670, 1671, 1672, 1673, 1674, 1675, 1676, 1677, 1678, 1679, 1680, 1681, 1682, 1683, 1684, 1685, 1686, 1687, 1688, 1689, 1690, 1691, 1692, 1693, 1694, 1695, 1696, 1697, 1698, 1699, 1700, 1701, 1702, 1703, 1704, 1705, 1706, 1707, 1708, 1709, 1710, 1711, 1712, 1713, 1714, 1715, 1716, 1717, 1718, 1719, 1720, 1721, 1722, 1723, 1724, 1725, 1726, 1727, 1728, 1729, 1730, 1731, 1732, 1733, 1734, 1735, 1736, 1737, 1738, 1739, 1740, 1741, 1742, 1743, 1744, 1745, 1746, 1747, 1748, 1749, 1750, 1751, 1752, 1753, 1754, 1755, 1756, 1757, 1758, 1759, 1760, 1761, 1762, 1763, 1764, 1765, 1766, 1767, 1768, 1769, 1770, 1771, 1772, 1773, 1774, 1775, 1776, 1777, 1778, 1779, 1780, 1781, 1782, 1783, 1784, 1785, 1786, 1787, 1788, 1789, 1790, 1791, 1792, 1793, 1794, 1795, 1796, 1797, 1798, 1799, 1800, 1801, 1802, 1803, 1804, 1805, 1806, 1807, 1808, 1809, 1810, 1811, 1812, 1813, 1814, 1815, 1816, 1817, 1818, 1819, 1820, 1821, 1822, 1823, 1824, 1825, 1826, 1827, 1828, 1829, 1830, 1831, 1832, 1833, 1834, 1835, 1836, 1837, 1838, 1839, 1840, 1841, 1842, 1843, 1844, 1845, 1846, 1847, 1848, 1849, 1850, 1851, 1852, 1853, 1854, 1855, 1856, 1857, 1858, 1859, 1860, 1861, 1862, 1863, 1864, 1865, 1866, 1867, 1868, 1869, 1870, 1871, 1872, 1873, 1874, 1875, 1876, 1877, 1878, 1879, 1880, 1881, 1882, 1883, 1884, 1885, 1886, 1887, 1888, 1889, 1890, 1891, 1892, 1893, 1894, 1895, 1896, 1897, 1898, 1899, 1900, 1901, 1902, 1903, 1904, 1905, 1906, 1907, 1908, 1909, 1910, 1911, 1912, 1913, 1914, 1915, 1916, 1917, 1918, 1919, 1920, 1921, 1922, 1923, 1924, 1925, 1926, 1927, 1928, 1929, 1930, 1931, 1932, 1933, 1934, 1935, 1936, 1937, 1938, 1939, 1940, 1941, 1942, 1943, 1944, 1945, 1946, 1947, 1948, 1949, 1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1955, 1956, 1957, 1958, 1959, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964, 1965, 1966, 1967, 1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1973, 1974, 1975, 1976, 1977, 1978, 1979, 1980, 1981, 1982, 1983, 1984, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070

ANEXO 23 – Reportagem no jornal Força do Vale sobre o primeiro filó realizado em Doutor Ricardo.

## MUNICÍPIOS

# Primo Filo Italiano de Doutor Ricardo

O Primeiro Filó de Doutor Ricardo surgiu com o intuito de engrandecer a semana italiana, que antecede a 20 de maio, dia da imigração italiana. Este foi um projeto do vereador Renato Pedro Treméa, aprovado por unanimidade pela câmara municipal.

Este filó tem como objetivo principal fazer um resgate da cultura dos nossos antepassados e assim manter viva a História. Somos parte desta história e recordarmos nossa gente, fazendo com que os bons costumes permaneçam vivos no nosso dia-a-dia.

Na oportunidade haverá degustação de comidas e bebidas típicas italianas, será um momento de revivermos sentimentos que perduram até hoje.

### Programação:

19h- Recepção

19h30min- Apresentação do teatro "COZI ZE LA VITA"

20h30min- Degustação de comidas e bebidas

21h- Momento de reencontro (Cantos, jogos de carta...)

**BENVENUTI!!!!**

Fonte: Arquivo do Jornal Força do Vale, 12 de maio de 2006, p. 11.

## DOUTOR RICARDO

# Primeira Noite do filó reúne comunidade

Na noite da sexta-feira, 19, Doutor Ricardo promoveu o seu Filó que iniciou com uma belíssima missa rezada em dialeto italiano com o intuito de resgatar a cultura "dei nostri antenati" onde crianças caracterizadas abrilhantaram a mesma, que contou com a participação de vários cantores e o dinamismo do Padre Alberto, emocionando os fiéis. Seguindo o filó, com a apresentação do teatro que alegrou a todos, apresentações de grupos de



*Missa foi celebrada no dialeto italiano*

cantos, entre eles "Ei amigui del filó", de Doutor Ricardo, em sua primeira apresentação. O público pode degustar comidas e bebidas típicas, jogar cartas, apreciar a apresentação do grupo folclórico "Embaló dei bambini", culminando com muita dança e animação.

O prefeito Nilton, em seu pronunciamento, muito feliz com o sucesso da festa, prometeu que no próximo filó, estará falando em italiano.

Fonte: Arquivo do Jornal Força do Vale, 26 de maio de 2006, p. 7.

ANEXO 24 – Apresentação do grupo de danças folclóricas mirim “Embaló dei bambini” de Dr. Ricardo.





ANEXO 25 – Fotografias demonstrando os pratos típicos da colonização italiana e degustação.







Fonte: Arquivo da Prefeitura de Doutor Ricardo.



ANEXO 27 – Fotografia mostrando que muitas pessoas idosas vão para o filó comunitário caracterizadas.



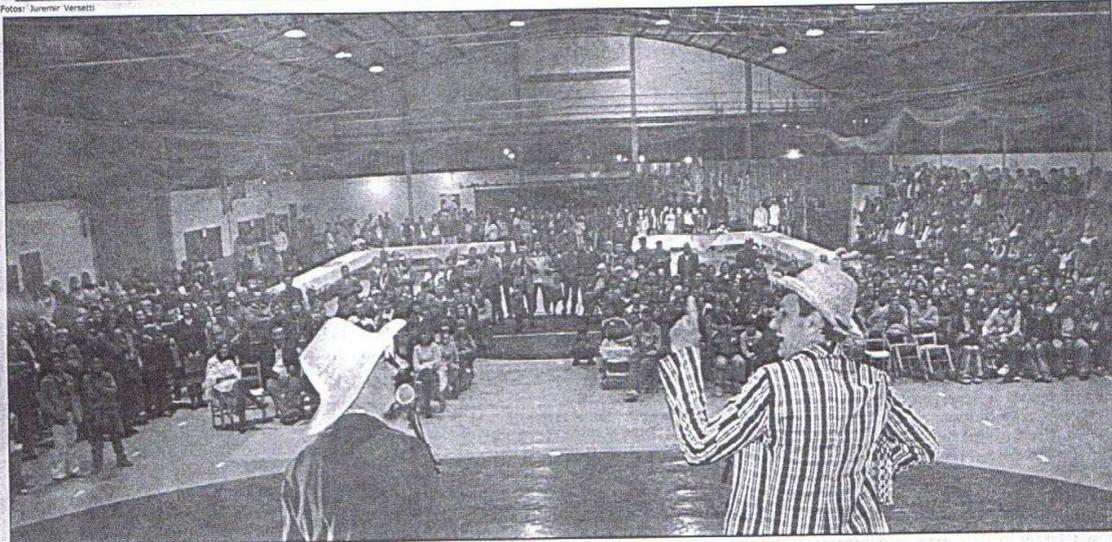
Fonte: Arquivo da Prefeitura de Doutor Ricardo.

Doutor Ricardo

# Filó uma mistura de tradição e alegria

*Doutor Ricardo realizou seu terzo filó italiano reunindo centenas de pessoas da região*

Fotos: Juremir Versetti



O show da dupla Bartoleto e Maróstica foi a grande atração da noite reunindo centenas de pessoas de toda a região

**DOUTOR RICARDO** – Voltar às origens, reviver os bons momentos do passado, onde as pessoas se reuniam, e entre risos, cânticos, jogos, brincadeiras e muita comilança passavam horas e horas depois do entardecer confraternizando, trocando idéias e lembrando as histórias dos antepassados.

Com o intuito de resgatar tudo isto, a secretaria da Educação e Cultura, com o apoio da Administração Municipal de Doutor Ricardo, realizou no dia

16 de maio, o seu terceiro filó italiano. Uma confraternização que já ultrapassa fronteira, em que podemos afirmar que não é um evento local, mas sim regional, pois oportuniza a participação de mais de mil pessoas oriundas da localidade e de diversos municípios vizinhos.

A programação iniciou com a recepção do Grupo Italiano "Amici del Filó", após foi celebrado o terzo com ladainhas em Latin na Igreja Matriz. Já no salão paroquial, os participantes

aproveitaram para degustar os pratos típicos italianos, regados a um bom vinho. E também prestigiaram um show com o humorista Edgar Maróstica e seu colega Bartoleto, de Serafina Corrêa.

As crianças também fizeram bonito ao realizar belas apresentações de danças encantando aos presentes.

No restante, foi só divertimento, pura alegria, muitas histórias relembradas, muitos risos, conversas e muita comilança.



Grupo Aniche del Filó de Doutor Ricardo abriu o evento



O garotinho Marco Antônio também marcou presença



Público recorde participa do filó de Doutor Ricardo



As rapaduras e a ...



...polenta, os petiscos mais procurados



Alvimar Lisot e Pe. Alberto Treméa (c) com os humoristas Bartoleto e Maróstica

Cultura

## Filó resgata cultura italiana e integra inclusive pessoas de outros países

Fotos: Gisela Perazzo



A imagem de Nossa Senhora das Graças foi carregada por populares antes do início do Filó.

**ENCANTADO** – Pela sétima vez que a Comunidade de São Carlos de Jacarezinho realiza o tradicional filó. A programação que contou com a presença de aproximadamente 800 pessoas teve por objetivo valorizar a cultura italiana e manter vivos os costumes deixados pelos antepassados. A comemoração iniciou com uma oração ao lado da imagem de Nossa Senhora das Graças, que foi trazida em procissão por membros da comunidade. Em seguida houve a degustação dos alimentos, como: polenta, salame, queijo, batata, pão, biscoitos, vinho, sucos, dentre outras delícias, as quais foram trazidas pelos participantes e compartilhadas entre todos, como faziam antigamente. Este ano houve novamente uma mostra de atividades que os antepassados italianos faziam, como enfaixar as

crianças recém-nascidas, costurar em casa, rezar o terço todas as noites, fazer massa caseira, vassouras, cestos e chapéus de palha, etc. Além disso, uma novidade este ano, uma galeria de fotos com casais de origem italiana que ajudaram a construir a comunidade foi exposto junto à mostra. Para o presidente da comunidade São Carlos, Sérgio Agostini, a comemoração é algo especial. "Particularmente, é gratificante, pois eu costumava não só resgatar o filó, mas também coisas escritas sobre religião, festas, peripécias, epopéia dos nossos antepassados", enfatiza. Agostini acrescenta que é um privilégio para Jacarezinho fazer este evento e que gostaria de ver o filó sendo realizado em todas as comunidades no dia 20 de maio, já que existe uma lei municipal que versa sobre este assunto. Mas, não só encantadenses parti-

ciparam deste Filó, pessoas de diversos municípios e até outros países vieram prestigiar. Um exemplo disso é o grupo de 26 alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que fazem mestrado e doutorado em Desenvolvimento Rural. Acompanhando do grupo, a graduanda em Nutrição, Pauline Pacheco (20), que mora em Canoas esteve pela 1ª vez em um filó. Segundo ela isso é muito interessante, principalmente no quesito em que todos compartilham os alimentos, além da mostra. "Na verdade vemos aqui, na prática, tudo o que temos estudado. Para Jone Mirasse (28), natural do Moçambique, país do continente Africano, e aluno do Mestrado em Desenvolvimento Rural, menciona "é fantástico o filó". Jone deverá ficar no Brasil até 2010, quando se forma, depois voltará ao seu país. O

moçambicano veio estudar na UFRGS através de um programa do Governo de Moçambique, no qual ganham paga a faculdade em outros países. Ele enfatiza também o calor humano que pôde sentir. "Tudo na paz, todas a vontade. Isso e ótimo", destaca. Já a professora, Dra. Renata Menasche, que trouxe o grupo comenta que uma de suas disciplinas é Alimentação, Cultura e Campesinato, onde o centro do que é discutido em aula e pensar na alimentação e cultura com o desenvolvimento rural e em Jacarezinho é encontrado. A professora já lecionou na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs) na unidade de Encantado e desde 2003 participa do filó, mas neste ano uniu o útil ao agradável e trouxe os alunos para um aula prática.



Pessoas de outros municípios marcaram presença no evento.



O artesanato foi uma das atrações da noite.



**JC CONTABILIDADE**  
E ASSESSORIA  
Bel. José Carlos Conzatti  
CAG 25088  
Fone: (51) 3751-1968  
Rua João Lucas, 1570, Sala 01 - Encantado - RS - CEP: 94200-000

**LOJAS Beneduzi**  
CALÇADOS • CONFECÇÕES  
Fone: 3751-2463  
Rua Julio de Castilhos, nº1379 - Encantado/RS

Apoio:  
**Gilberto Zanatta e família**

**POUSADA THEOBALDO E AMÁLIA GONZATTI FACHINI**  
Reservas:  
(51) 3752-0046  
ou 9804-2743  
RS 145 - nº 2100 - Jacarezinho/RS



PREFEITURA MUNICIPAL DE ENCANTADO  
Estado do Rio Grande do Sul  
GABINETE DO PREFEITO

DECRETO Nº 50/93, de 11 de junho de 1993

Institui a "Settimana dell'Imigrazione Italiana" e dá outras providências.

ADROALDO CONZATTI, Prefeito Municipal de Encantado, no uso das atribuições legais que lhe são conferidas pelo artigo 57, inciso IV, da Lei Orgânica do Município e,

Considerando a predominância da colonização italiana em Encantado, tendo sido inclusive a cidade declarada "Cidade Irmã" de San Pietro Valdástico, da Província de Vicenza, ao Norte da Itália, comuna de origem dos primeiros imigrantes, conforme Lei nº 1.569/92;

Considerando a necessidade de que sejam cultuadas e preservadas as tradições legadas pelos imigrantes italianos, que nos idos de 1882 colonizaram Encantado;

Considerando a importância fundamental de serem resguardadas a história e cultura do povo encantadense;

Considerando que, no âmbito estadual, através da Lei nº 8.677, de 14/06/88, foi instituído o "Dia do Imigrante", comemorado na data de 25 de julho de cada ano,

D E C R E T A:

Art. 1º - Fica instituída no Município a semana em homenagem ao imigrante, intitulada "Settimana dell'Imigrazione Italiana", que será comemorada anualmente, no período de 19 a 25 de julho.

Art. 2º - Durante a semana referida no artigo anterior deverão ser levadas a efeito, nas diversas comunidades do Município, comemorações ligadas aos costumes dos imigrantes italianos.

Art. 3º - Dentro dos objetivos do presente Decreto, o Chefe do Executivo Municipal desenvolverá as audiências de atendimento ao público com o emprego da linguagem italiana, podendo ser estendida esta prática nas demais secretarias municipais e outras repartições públicas ou privadas estabelecidas no Município de Encantado.

Art. 4º - Anualmente, o Chefe do Executivo designará



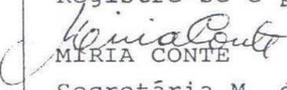
PREFEITURA MUNICIPAL DE ENCANTADO  
Estado do Rio Grande do Sul  
GABINETE DO PREFEITO

morações alusivas a semana.

Art. 5º - Revogadas as disposições em contrário, o presente Decreto entrará em vigor na data de sua publicação.  
GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE ENCANTADO, 11 de junho de 1993.

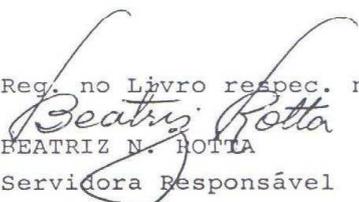
  
ADROALDO CONZATTI  
PREFEITO MUNICIPAL

Registre-se e publique-se

  
MIRIA CONTE

Secretária M. de Administração

Reg. no Livro respec. nº 15, fls. 051

  
BEATRIZ N. ROTTA

Servidora Responsável

ANEXO 31 – Apresentação da peça de teatro “La Fortuna Del Giggio”.



Fonte: Arquivo da Prefeitura de Encantado.